COMPENDIO

DA

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA

ESCOLHIDA PELA CONGREGAÇÃO
DO LICÊO DO MARANHÃO PARA USO DO MESMO,
E DAS AULAS DE PRIMEIRAS LETRAS
DA PROVINCIA,

PELO

PADRE ANTONIO DA COSTA DUARTE.

LENTE DA
GRAMMATICA PHILOSOPHICA DA LINGUA, E ANALYSE
DOS NOSSOS CLASSICOS.

6.ª EDICÇÃO.

MARANHÃO.
Á VENDA NA LIVRARIA DO EDICTOR
ANTONIO PEREIRA RAMOS D'ALMEIDA
RUA DA PALMA N. 3.
1877.

INTRODUCÇÃO.

Na formação de seus pensamentos é uniforme, unico, e immutavel o procedimento do espirito humano; pois que todo o homem, de qualquer Nação que seja, pensa porque tem idéas, e comparando-as aprende as relações que entre ellas ha: mas como entre as operações de nosso espirito e a Linguagem articulada, por meio da qual se exprimem, ha uma intima connexão e correspondencia; é forçoso que esta mesma immutabilidade se communique ás Linguas de todos os Povos.

Sendo porém a Grammatica Universal a Arte, que analysando o pensamento, ensina com que especie de palavras se devem exprimir as idéas e as relações, de que elle póde constar; segue-se que a Grammatica Universal é tambem immutavel e a mesma em todas as Nações. Mas como estas escolhêrão para signaes de suas idéas vocabulos differentes só no material dos sons, é preciso accommodar aquelles mesmos principios invariaveis á indole de cada Lingua, começando pelo estabelecimento dos preceitos geraes da Linguagem, e applicando-os depois aos usos da que se pretende ensinar: eis aí o que se chama Grammatica Particular.

Como porém os vocabulos podem ser con-

siderados, ou pelo que tem de fisico e material, como sons mecanicos, ou pelo que tem de logico e discursivo, é manifesto que a Grammatica deve tractar da parte mecanica das Linguas, observando os sons articulados elementares e fundamentaes da Linguagem; as syllabas que resultão de sua differente combinação; o tom e a quantidade da voz na pronunciação dos mesmos sons no corpo dos vocabulos; e finalmente os caracteres litteraes, adoptados pelo uso, para representarem e fixarem estes mesmos sons e vocabulos na escriptura. Daqui vem as duas partes da Grammatica, a *Orthoepia*, que tracta da boa pronunciação e leitura da Lingua, e a *Orthographia*, que tracta da sua boa escriptura.

Considerados porem os vocabulos pelo que tem de logico e discursivo, elles são signaes representativos de nossas idéas e de suas relações; mas para que representem clára, distincta, e fielmente nossas idéas, é necessario primeiramente analysar o pensamento, reduzindo-o aos seus elementos, para distribuir em classes determinadas assim as idéas, como as relações de que elle pode constar; e depois assignar a cada uma destas classes outras tantas especies de palavras correspondentes, que as enunciem: o que é dependente da observação das differentes propriedades, usos, e serventias, que as palavras tem no discurso; e porisso estas classes ou especies de palavras se chamão Elementos da oração por corresponderem aos do pensamento: a esta parte da Grammatica se dá o nome de *Etymologia*.

Distribuidas as palavras em certas classes, conhecido seu uso, propriedades, e a maneira de as preparar, a fim de servirem á enunciação de qualquer pensamento, o que tudo pertence á *Etymologia;* resta saber coordenar e compôr uma oração ou um encadeamento dellas, dando ás

palavras já esta, já aquella terminação, subordinando umas a outras, de maneira que se accomodem ás differentes relações, que as idéas tem entre si, ou sejão de conveniencia, ou de determinação e subordinação, e collocando em fim as palavras de um modo authorisado pelo uso, para de tudo isto resultar um sentido, ao mesmo tempo ligado, e distincto. Isto faz o objecto da *Syntaxe*, que significa coordenação, e da *Construcção*, que quer dizer collocação.

Do que temos dicto se vê claramente, que a Grammatica em geral é a Arte de fallar, ler, e escrever correctamente; que seu objecto são as palavras, e que seu fim é exprimir e pintar com distincção, clareza, e fidelidade nossos pensamentos por meio de palavras. Ella se compõe das quatro partes acima dictas, as quaes longe de serêm independentes antes não é praticavel tocar n'uma sem que outras o sintão; porque de sua intima união procede o auxiliarem-se mutuamente. Daqui vem que na *Orthoepia* é indispensavel tocar ainda que levemente, em cousas pertencentes á *Etymologia*; pelo que se alguem quizer apartar-se da ordem que seguimos, por ser a natural, póde ensinar primeiro a *Etymologia* e a *Syntaxe*; pois que nós tambem nos apartamos um pouco daquella ordem, deixando a *Orthographia* para o fim.

COMPENDIO

DA

GRAMMATICA PHILOSOPHICA

DA

LINGUA PORTUGUEZA.

Grammatica Portugueza é a Arte que ensina a fallar, ler, e escrever sem erros a Lingua Portugueza. (1)

Divide-se a Grammatica em quatro partes, que são: *Orthoepia, Orthographia, Etymologia, e Syntaxe.* A *Orthoepia* tracta da boa pronunciação e leitura da Lingua. A *Orthographia* ensina a escrever certo. A *Etymologia* distribue todas as palavras em certas classes, segundo suas differentes propriedades e serventias. A *Syntaxe* ensina a dispor bem as palavras no discurso.

CAPITULO I.

Da Orthoepia.

§ I.

Dos Sons e das Letras que os representão.

A *Orthoepia*, isto é, a boa pronunciação e leitura da Lingua depende do conhecimento distincto de tres cousas. 1.ª dos *Sons* elementares

(1) Arte é um systema, rasoado de operações proprias a produzir um effeito importante á vida, e que se não podia esperar da natureza só.

Lingua é todo o systema de signaes que directamente manifestão o pensamento. Esta definição comprehende a linguagem articulada e a linguagem da acção.

e fundamentaes, que entrão na composição dos vocabulos. 2.ª das *Letras* que representão os *Sons* articulados. 3.ª do conhecimento da quantidade, e do accento da voz na pronunciação delles; mas este ultimo exame pertence á *Prosodia*, parte da *Orthoepia*.

Os *Sons elementares* e *fundamentaes* de todas as Linguas são de duas qualidades, *Sons Vogaes*, e *Sons Consoantes*. Os *Sons Vogaes* na nossa Lingua são quatorze, a saber: á, a, é, ê, e, i, ó, ô, u, ã, ẽ, ĩ, õ, ũ. Os primeiros nove chamão-se *Oraes*, porque quando se articulão sae todo o som pela bocca, e os outros cinco chamão-se *Nasaes*, porque quando se pronuncião, sae parte do som pelo nariz. (2)

Os *Sons Vogaes Oraes* todos se escrevem com as cinco letras vogaes *a, e, i, o, u*, accentuadas, quando é preciso evitar equivocos, como se vê na regra acima; e os *Sons Vogaes nasaes* escrêvem-se com as cinco letras vogaes com o *til;* ou com *m*, ou *n*, como: *Lã, Tempo, Tanto.*

Os nossos *Sons Consoantes* (segundo a ordem mesma de sua natural geração), e as letras que

---

Referindo-nos porém á linguagem articulada, *Lingua é a collecção de vocabulos de que usa qualquer nação.*

A linguagem da acção consiste nos gestos, movimentos do rosto, e sons inarticulados.

Uma lingua *deve ser facil*, para que seja entendida dos ignorantes e dos sabios. Mas para que uma Lingua seja bem *feita* e *facil*, deverá ser *clara, precisa* ou resumida, *rica, e fundada na origem* e geração *das idéas.*

(2) Vozes ou Sons Vogaes são os differentes sons que se formão por impulso da voz, modificada pelas differentes aberturas do canal da bocca, sem concorrencia de suas partes moveis. O canal da bocca póde ser modificado em differentes pontos, desde sua extremidade interior até a exterior. Daqui procede a variedade de vozes nas linguas das nações.

Não ha som algum medio entre o *e* surdo e o *i*, entre o *o* e o *u*. Na palavra Cear (comer) ouve-se distinctamen-

os representão, são os seguintes: *b, p, m, v, f, g, q, c, d, t, s, ç, z, j, x, ch, n, nh, l, lh, r, rr.* Estes *Sons*, e as letras que os representão chamão-se *Consoantes*, porque sempre sôão juntamente com sons vogaes. (3)

O nosso Alphabeto é este: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z*; mas todas

---

te o som *i*, mas escreve-se com *e* por causa da derivação. Em *Soar* (fazer som) e *Suar* (ter suor), o som *u* não pode ser mais claro; e se na primeira se escreve *o*, e na segunda *u*, é pela razão já dita. Não ha portanto esses sons ambiguos ou surdos; onde pode haver ambiguidade ou duvida é na representação litteral desses sons, para nos conformarmos ou com a derivação, ou com o uso. Os que admittem aquelles sons ambiguos, confundem os sons com os caracteres que os representão.

Parece-nos que um distincto Grammatico não tem razão em dizer (a pag. 10 da sua Grammatica) *que o u ainda quando é surdo sempre tem um som mais agudo que o o surdo.* Ninguem sabe o que é nem *o* surdo, nem *u* surdo. Quem será capaz de pronunciar um *o* surdo? A voz de todos nós pronuncia *ó*, ô; e quando desce deste segundo som, necessariamente pronuncia *u*, som que nunca é surdo, nem o *i*, como reconhece o mesmo Autor, quando diz na pagina antecedente que *o u nunca muda de som, senão quando se torna nasal.* Por isto e tambem por cauza da derivação nos parece que o dito Grammatico não tem fundamento para não approvar que se escreva *Mingua, Agua, Lingua, Deus, &c.* com *u*. Se os Latinos escrevem *Deo* no dativo do singular, e *Deorum* no genitivo do plural, não é por conservarem o *o* do Grego *Theos*, como quer o dito Autor: mas sim pela mesma razão, porque escrevem *servo, servorum, &c*, isto é, por ser um nome substantivo, pertencente á segunda declinação.

Pârece-nos tambem que *é, ó*, nunca são breves, mas longos, ainda menos que *é* ô. Não sabemos porque o mesmo Autor diz que *á* é são longos, e *é ó* breves. Todas essas vozes são longas; são contracções dos dois *aa*, dois *ee*, dois *oo*, com que nossos antigos escrevião.

As vozes ã ẽ ĩ õ ũ são os *Sons Nasaes* claros; porem os Sons Vogaes adquirem um som Nasal menos sensivel, quando são seguidos das consoantes *m, n, nh*, como: *Ama, Anna, Sanha, Temo, Penna, Tenha, Vinho, Somno, Cunha, &c.*

(3) Consoantes são os differentes sons, que se fórmão

as consoantes se devem nomear, como se tivessem um *e* brevissimo depois de si, deste modo: *be, ce (que), de, fe, ge, (que), je, le, me, ne, pe, qe (que), re, se, te, ve, xe, ze.*

O *g* antes de *e* ou *i* tem o som de *j*, como: *Giro Gente.* O *c* antes de *e* ou *i* tem o som de *s*, como: *Cera, Cinza.*

Depois de *q* sempre se escreve *u*, que sempre se pronuncia em *qua*, como *Quatro, Quando*: exceptuão-se *Quaderno, Quatorze* e seus derivados, nos quaes se não pronuncia o *u*. Nos outros casos o *u* depois de q, e depois de *g*, umas vezes se pronuncia, como em *Liquido, Guarda*; outras não, como em *Questão, Guerra.*

O *s* quando está só antes de consoante, sôa como se tivesse um *e* brevissimo antes de si, como em *Studo, Estudo*; entre vogaes tem o som de *z*, como: *Rosa, Vaso*, mas em palavras compostas tem o som de *ç*, como: *Resentir, Verosimil.*

O *x* ás vezes tem o som de *ç*, como: *Proximo*

---

pelo impulso de voz, modificada pelas partes moveis da bocca. Estas partes moveis são a lingua, os dentes e os beiços.

Costumão os Grammaticos minuciosos dividir os Sons Consoantes em muitas classes. Não perderemos o tempo com isso, porque de nada serve nem para a boa pronuncia ção, nem para a boa escriptura. A verdadeira differença que ha entre os sóns vogaes e os consoantes é que todos os sons vogaes são prolongaveis, e se podem cantar; dos consoantes porem nenhum se pode cantar ou modular, e são prolongaveis *v, f, s ç, z, s, x ch, j, g, z, r, rr*, que por isso se chamão semivogaes. As outras são mudas, porque se não podem prolongar. Chamão-se liquidas o *l*, o *r*, e o *s* quando não tem vogal diante, porque se associão bem com as letras consoantes na formação das syllabas. Consoantes duples ou dobradas só temos o *x*, quando o pronunciamos á Latina.

Os Sons Vogaes e os Consoantes são sons simplès, quer se escrevão com uma letra só, como: *a, b*; quer se representem com duas, como: *am, lh.*

Letra é um signal litteral que representa um som articulado. *Oh* não é letra, porque não representa som algum.

Maximo; vale tambem por *is* ou *iz*, como: *Expor*, *Exemplo*: e por *cs*, como: *Fixar*, *Reflexo*. No fim das palavras Portuguezas, o *x*, e o *z* tem som de *s*, como: *Index*, *Cruz*.

O *ch* antes de *r* tem o som de *c*, como em *Chrisma*, *Christão*. O *n* e o *h*, ainda que junctos, não tem o som de *nh* em palavras compostas da preposição *in*, como: *Inhabil*, *Inhibir*. O *r* entre vogaes sôa brandamente, como em *Hora*, *Caro*; mas em palavras compostas sôa forte; como em *Prorogar*, *Derogar*.

Eis aqui pois os *Sons elementares e fundamentaes* da nossa lingua, e as letras que os representão na escriptura.

A sua differente combinação produz todas as nossas syllabas, que andão por 1:800; e estas, differentemente combinadas dão o ser a todos os nossos vocabulos, que passão de 40:000.

§ II.

Dos Dithongos e das Syllabas.

Dithongo é um som composto de dois sons vogaes, pronunciados de uma só emissão de voz, cômo: *Eu*, *Pão*; e por consequencia haverá Dithongo, quando uma syllaba constar de dois sons vogaes, sensiveis na pronunciação. (4)

---

(4) Nos dithongos da nossa Lingua predomina a prepositiva, isto é, a primeira vogal. Porem nos Dithongos Orais *ua*, *ue*, *ui*, a segunda é predominante, como: *Qual*, *Equestre*, *Liquidar*: e tambem nos Dithongos Nasaes *uan*, *uen*, *uin*, como: *Quanto*, *Eloquencia*, *Ruim*, *Ruindade*, *Quinquagesimo* &c. Tudo isto são Dithongos, porque são sons compostos de dois sons vogaes, pronunciados de uma só emissão de voz.

Tambem não é exacto um illustrado e mui distincto Philologo quando diz que nos Dithongos Nasaes a primeira vogal sempre é nasal, excepto sendo *i* a segunda: pois nós acabamos de ver que nos Dithongos nasaes *uan*, *uen*,

Chamão-se *orаes os Dithongos* que só tem vozes oraes, como: *Meus*, *Pais*; e chamão-se *nasaes*, os *Dithongos* que tem alguma voz nasal, como: *Mão*, *Pão*.

Syllaba é aquelle som, que se pronuncia de

---

a nasal é a segunda vogal; mas o Autor não se lembrou destes Dithongos.

Não são Dithongos as syllabas *òa*, *òo*, *ua*, como em *Tòa Vòo*, *Equneo*, porque em cada uma das duas primeiras ha duas syllabas bem distinctas, e na terceira só se percebe o som *u* longo; e não dois sons vogaes, muito embora estejão escriptos; pois o que faz Dithongos é a voz, e não as letras, as quaes muitas vezes não pronunciamos, porque servem não para representar algum som no uso vivo da lingua, mas sim a origem e derivação do vocabulo escripto. Pelo contrario, quando lemos, muitas vezes pronunciamos sons que não estão escriptos, como succede no presente caso em òa, e òo, como Tòa, Vòo &, que todos pronuncião *Toua*, *Vouo*, isto é, duas syllabas. o Dithongo *ou* e uma vogal, embora ordene o uso que se escreva o Dithongo *ou* com a vogal ô, incapaz de o representar, não obstante a errada opinião de alguns Grammaticos. Acontece o mesmo nas duas syllabas *éa*, quando se escrevem assim em *Idéa*, Cea &, que todos pronuncião *Ideia*, e assim o escrevem muitos. Pelo que temos dicto, se prova que *óa*, *óo* tem duas syllabas, e que a primeira nunca se une á segunda para ambas formarem Dithongo, isto é, um som composto de dois. Mas se fosse possivel unil-as, farião não um Dithongo, mas um *Trithongo*, materia de que logo fallaremos. Para tornar evidente o que temos dicto bastarião as rasões expendidas e o testemunho do ouvido de cada um, mas provemol-o tambem com a Poesia.

A cortadora pr*óa*, que rasgava (Garção, Ode á Restauração da Arcadia).

Tão alto *vóa*, tanto resplandece (Diniz, Ode a Vasco da Gama).

E os ares vai talhando a v*óo* solto (idem).

Nestes versos e em centos delles que poderamos apontar, *óa* tem duas syllabas, *óo* tambem. Se alguns Poetas pela liberdade que tomárão, uma vez ou outra fizerão o contrario, taes versos, por lhes sobejar uma syllaba e temerem comprimento de mais, escandalizão o ouvido, que tanto se deleita em ouvir os outros.

Iem, como Liem, Chiem, *üa* como *Hüa*, *Algüa* (que ho-

uma vez, como: *Sol*, *Gral*. As *Syllabas* podem constar, ou só de um som, ou de mais.

Vocabulo é, ou uma Syllaba de som forte e predominante, ou um composto de Syllabas graves, subordinadas todas a uma de som predominante. Daqui se vê que ha Vocabulos de uma Syllaba só, como: *Deus*, e *Vocabulos* de mais de huma *Syllaba*, como: *Justo*.

As letras de cada *Syllaba* devem soletrar-se juntas, por ex., *mais* não se deve soletrar *ma-is*; porque as letras e os sons das Syllabas não se devem separar: e porisso quando quizermos dividir qualquer vocabulo de mais de uma Syllaba, o dividiremos pelo fim de cada uma, como se vê em *Có-ra-ção*, *Ma-gna-ni-mo*.

Para que os *Vocabulos* sejão bem pronunciados é necessario articular distinctamente as *Syllabas*, de que elles constão, subordinando-as todas á *Syllaba* de som predominante, a qual para evitar equivocos ou má pronuncia, principalmente em palavras menos conhecidas, deve sêr notada com um *accento*.

---

já se escreve *Uma*, *Alguma*) não são Dithongos Nasaes, mas duas syllabas; porque as duas vogaes não se pronuncião de uma só emissão ou impulso; pois o orgão da voz faz dois movimentos bem distinctos para os pronunciar em dois tempos. Vejamos alguns versos.

Que nunca culpa alg*ũa* la chegou.
H*ũa* Virgem, signal dado na ley.
(Sá de Miranda, Canção á Festa da Annunciação).

A este respeito dizemos o mesmo que fica dicto sobre *ão* e *õe*.

Nenhuma differença percebemos no som de *Põe*, quando é terceira pessoa do singular do verbo *Por*, e quando é terceira do plural. Para se fazer essa differença é necessaria uma pronunciação forçada e affectada. Portanto não admittimos esse Dithongo duplicado, que não existe; pois é somente um Dithongo Nazal, e nada mais. Até nos parece escusado escrever *Põem*, para na escriptura o distinguirmos do singular, porque o sentido do discurso o dará a conhecer, assim como o dá quando alguem fala.

§ III.

Dos Signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos Vocabulos.

Accento ou tom é a maior ou menor elevação da voz na pronunciação das syllabas, de que se compõe os vocabulos. Os *Accentos* são tres: *Agudo, Grave, e Circumflexo.*

O *Accento Agudo* é aquelle, com que levantamos com força a voz sobre qualquer syllaba, pronunciando-a em tom elevado e muito claro. O seu signal na escriptura é este (´), como se vê em *Avó, Café.*

O *Accento Grave* é aquelle, com que depois de levantar-se o tom da voz, o abaixamos em uma ou mais syllabas, pronunciando-as com menos força e intensidade. O seu signal na escriptura é este (`), como se vê em *Ferrô, Casà,* mas não está em uzo entre nós.

O Accento *Circumflexo* é o tom da voz medio entre o *Agudo* e o *Grave.* O seu signal na escriptura é este (^), como se em *Avô, Almôço.*

Tambem nos parece que *ea, eo, ia,* como em *Lactea, Lacteo, Gloria,* e noutros vocabulos similhantes, não são Dithongos, mas duas syllabas, ambas muito breves, que por isso os Poetas sempre fazem dellas uma só, para que o verso não fique froxo e languido. Fazem elles isto com a mesma liberdade, com que muitas vezes ajunctão em uma syllaba as duas primeiras de *Theatro, Fiança, Suave, &c.* E' erro confundir a voz *ô* com o Dithongo *ou,* porque a pronunciação é muito differente, como se vê em *ôssa* (de animal) e *ouço* do verbo ouvir.

Na sua Grammatica, o mesmo Autor de quem temos falado, diz que são Trithongos *éa* ou *eia, eão,* e *ião* verbo e terminação, não *só na poesia, mas tambem na prosa.* Diz mais que a prova é o escrever-se indistinctamente por *é* e por *ei.* Esta prova que o Autor dá, mostra bem que elle confundio aqui o som com sua representação litteral. Que importa que se escreva *Aréa, Idea* & com *é,* se todos nós ouvimos o

O *h* só em algumas interjeições é accento indicativo de aspiração, isto é, de que a vogal se deve pronunciar com grande affluencia de ar, para mostrar o desabafo das paixões, como: *Ah! Oh! &c.*

O *til* (~) alem de mostrar som nasal nas vozes ã, ẽ, ĩ, õ, ũ, é tambem signal de que na palavra faltão letras, que se omittirão por brevidade como: *Frz'* por *Fernandes*, *Glz'* por *Gonçalves*.

Apostropho ou Viracento é uma virgula posta no alto de uma consoante, e ás vezes de uma vogal, para indicar suppressão, ou de vogal ou de

---

Dithongo *ei* e a voz *a*, isto é, duas syllabas distinctas, como se escrevessemos *Arei-a*, *Idei-a*? O testemunho dos ouvidos de todos depõe contra a existencia de taes Trithongos. O mesmo Autor reconheceo que em *Idéa* ou *Ideia* não ha Trithongo, mas que *êa* ou *eia* são duas syllabas; pois no paragrapho antecedente áquelle, em que tracta dos Trithongos (pag. 17), diz que em *aréa* ou *areia*, *éa* ou *eia* são duas syllabas. Ora se o são em *aréa*, por que o não são em *ideia*, *veia*, *teia*, *eia* interjeição &? Trithongo seria um som composto de tres sons vogaes, pronunciados todos por um só impulso da voz; seria uma syllaba composta de tres sons vogaes; mas *éa* ou *eia* tem duas syllabas, por que se pronuncia em dois tempos com dois impulsos da voz, e portanto não é Trithongo. O que dissemos de *eia* ou *éa*, dizemos tambem de *eio*, *eie*, *eiem*, *eão*, *ião*, como em Premeio, Premeie, Premeiem, &; pois nenhum é Trithongo, mas cada um tem duas syllabas, *não só na prosa, mas tambem na poesia*. Para os menos versados na leitura dos Poetas, pomos aqui alguns versos para exemplo.

As castas Musas *cheias* d'alta gloria (Garção, Ode aos annos de D. Leonor d'Almeida).

Pa *féa* tempestade (O mesmo à Restauração da Arcadia.)

Mas que furor se *atêa* no meo peito (Francisco Manoel, Ode aos Cavalheiros de Christo.)

A' lua *Cheia* não faria agora (idem).

Ceas imigas da vida (Sá de Miranda, Carta a Antonio Pereira.)

Jazerião no tumulo (Garção, Ode Alcaica a Manoel Pereira de Faria.)

No calcanhar tangião castanhetas (idem, Soneto 30.)

consoante, ou de consoante e vogal; v. g. *Sant' Iago* em lugar de *Santo Iago*, *Co' este* por *com este*, *co' andar* por *com o andar*.

Ordinariamente a maior suavidade da pronunciação pede que na concorrencia de vogaes identicas ou similhantes no fim de uma palavra e no principio da seguinte, ambas se pronunciem, como se fossem uma só, ainda que na escriptura não venha o signal do *Apostropho*, como: *de Oliveira*, *minha alma*, *Onde iremos*; devemos pronunciar *Doliveira*, *Minhalma*, *Ondiremos*.

A *Risca de distinção e união* é esta, (-) e serve para distinguir e ao mesmo tempo ajunctar na escriptura duas palavras, afim de se pronunciarem junctas, como se fossem uma só; e tambem para unir as syllabas de uma palavra, quando esta se divide no fim de uma regra, por não caber toda nella, como se vê em *Ouvio-me*, *Retirou-se*; e se está vendo nesta mesma regra.

O *Trema*, *Dierese*, ou *Apices* (tudo é o mesmo) são dois pontos postos horisontalmente (. .) sobre a vogal, para mostrar que ella não faz dithongo com a seguinte, como em *Säude*, *Rio*; e serve tambem para mostrar que se pronuncia o *u* depois de q, e de g, como em *Seqüestro*, *Güarda*. Não está em uso entre nós.

Asseada escriptura e ideia nobre (Francisco Manoel, Epistola da Ling. Port. e Arte Poetica.)

Não é possivel fazer daquellas duas syllabas uma só. O Poeta que o pretender, nunca o hade conseguir, e seus versos, por excessivamente compridos, molestarão os ouvidos.

Eis-ai pois os Dithongos Oraes, em que predomina a primeira vogal: *ai*, *au*, *ei*, *éo*, *êo*, *io*, *oi*, *ói*, *ou*, *ui*, como: *Fui* &c., nos seguintes predomina a segunda: *ua*, *ue*, *ui*, *uo*, como: *Quatro*, *Equestre*, *Equidade*, *Equoreo*. Os Nasaes em que a primeira vogal é predominante, são estes: *ãi*, *ão*, *õe*, quer se escreva assim, quer de outro modo. Nos seguintes domina a segunda vogal que é a nasal: *uan*, *uen*, *uim uin*, como: *Quando*, *Eloquencia*, *Ruim*, *Ruindade*, *Quinquagesima*.

§ IV.

Dos Signaes que regulão a boa leitura de um discurso.

Os *Signaes* da escriptura, de que temos fallado, ensinão a boa pronunciação e leitura dos vocabulos em separado; e os de que imos a tractar regulão a boa leitura de um discurso, dando-lhe clareza, elegancia, e facilidade.

Estes *Signaes* são a *Virgula* (,), o *Ponto e Virgula* (;), *Dois Pontos* (:), *Ponto de Interrogação* (?), *Ponto de Admiração* (!), *Angulo* (∧), *Reticencia* (....), e *Ponto Final* (.)

A Virgula é signal para fazer uma breve pausa, levantando ao mesmo tempo a voz. O Ponto e Virgula, Dois Pontos, e Ponto Final são para fazer tambem uma breve pausa, abaixando ao mesmo tempo a voz. O Ponto de Interrogação mostra que se deve ler como quem pergunta. O Ponto de Admiração indica exclamação.

O *Angulo* serve para mostrar que esqueceo alguma palavra, a qual se deve ler no logar em que elle estiver; ou a palavra esquecida esteja na margem com outro *Angulo*, ou em cima da regra sem elle. *Reticencia* é signal pára suspender a voz na leitura, conservando porém certo modo, indicativo de que se não disse quanto se quisera dizer, como: *Bem quizera*.... porém....

O *Asterisco* (*) serve para mostrar, que se deve ir procurar, ou nas margens, ou no fim do texto, alguma prova do que se disse, ou alguma advertencia ou explicação, marcada com outro igual.

Paragrapho (§) indica divisão na materia de que se tracta.

§ V.

Da Prosodia.

Prosodia é a parte da *Orthoepia* que ensina a quantidade, e o accento ou tom da voz, com que se deve pronunciar cada syllaba de qualquer vocabulo.

Quantidade é o espaço de tempo que se gasta na pronunciação de qualquer syllaba; e porisso se chamão *breves*, isto he, rapidas aquellas syllabas, cuja pronunciação gasta pouco tempo, e *longas*, isto é, extensas aquellas, cuja pronunciação leva o tempo de duas *breves*. (5)

Uma syllaba pode ser *breve* ou *longa*, ou de sua natureza, ou por uzo. São *breves* ou *longas*, de sua natureza aquellas syllabas, cuja pronunciação demanda vagar ou rapidez; e são *breves* ou *longas* por uso, isto é *communs* aquellas, cuja pronunciação póde ser ou rapida, ou vagaroza; pelo que umas vezes são *breves*, outras *longas* conforme sua posição.

São *longas* de sua natureza as vozes á, é, ê, ó; ô; *todas as vozes nasaes; todos os dithongos; e toda a syllaba feita por contracção de duas*, como: *Avõ, Ortelã, Meu, Pão*, á por *a a*, (veja-se a pag. 8, not. 2.)

São *breves* por natureza as vozes *a, e, o*, como se vê na primeira, e na ultima syllaba de *Semana*, e na ultima de *Ovo*. Porém estas mesmas vozes *a, e, o*, são *longas* antes de duas consoantes, quando uma destas lhes pertence, e a outra é da syllaba *seguinte*, como: *Ermida, Folgar*.

---

(5) Esta porporção não é exacta, pois nella suppomos as *breves* todas iguaes, e bem assim as *longas* quando na verdade ha syllabas *breves* mais *breves* que outras, e *longas* mais *longas* que outras; é por isso que quando dizemos que as *longas* estão para as *breves* em razão dupla, não levamos em conta os quebrados, nem isso é possivel.

São *communs* as vozes *i*, *u*, e por isso serão *longas* quando sobre ellas cair o accento predominante [illegible] bulo; e serão *breves*, quando não cair, como se vê em *Vicio* que tem o primeiro *i longo*, e o segundo *breve*; e em *Tumulo* que tem o primeiro *u longo*, e o segundo *breve*.

Já fica dito que accento é o tom da voz mais ou menos elevado e forte na pronunciação das syllabas. Mas como uma syllaba pode ser *longa*, por gastar o tempo de duas breves, e com tudo não ser aguda; segue-se que ha muita differença entre a Quantidade e o accento das syllabas. Por tanto não é essencial ás syllabas *longas* o terem um *Accento* determinado, e por isso podem ter ou o *Agudo*, ou o *Grave*, ou o *Circumflexo*, como se vê em *Orgão* que tem a primeira *longa* com *Accento Agudo*, e a segunda tambem longa com *Accento Grave*.

Como todos os vocabulos tem uma syllaba de som forte e predominante com *Accento Agudo*, ou *Circumflexo*, á qual todas as outras estão subordinadas, é importante saber qual ella é.

As palavras de uma syllaba tem o *Accento predominante* nessa mesma syllaba, como: *Só*, *Vê*. Exceptuão-se porém desta regra as palavras *Encliticas* de que logo fallaremos.

Tem o *Accento predominante* na ultima syllaba as palavras acabadas em á, é, ê, ó, ô, *i*, *u*, como *Maná*, *Jacaré*, *Mercê*, *Filhó*, *Avô*, *Cajú*, *Javali*; porém das acabadas em *i* e *u*, se exceptuão *Quasi* e *Tribu*.

Tem o *Accento predominante* na ultima syllaba as palavras acabadas em alguma das vozes nasaes, ou em dithongo, como: *Irmã*, *Assem*, *Perdão*. Exceptuão-se *Ordem*, *Homem*, *Imagem*, e todas as formas dos verbos acabados na voz nasal *em*, como: *Louvem*, as quaes tem o accento na penultima syllaba.

Das acabadas em dithongo nasal exceptuão-se *Benção*, *Frangão*, *Orgão*, *Rabão*, *Sotão*, e todas as

fórmas dos verbos acabados em ão (excepto as do futuro,) como: *Louvão, Amavão.*

Tem o *Accento predominante* na ultima [illegible] os nomes que no singular acabão em algumas das letras *l, r, s,* ou z, como: *Imbecil, Altar, Nariz.* Exceptuão-se dos acabados em *l Tentugal, Setubal, Affavel, Docil, Consul &c.* Dos acabados em *r,* exceptuão-se *Aljofar, Ambar, Assucar, Nectar, Martir.* dos acabados em *s* exceptuão-se *Alferes, Calis, Herpes, Ourives, Simples* e todos os *patronimicos*; tem *es,* como: *Lopes, Domingues, os* quaes tem o *Accento* na penultima syllaba.

As palavras esdruxulas, isto é, que tem a ultima e penultima syllabas breves, tem o *Accento predominante* na ante-penultima, porque o *Accento* não pode passar para traz della, como: *Optimo, Celebre.*

As fórmas dos verbos no presente e no preterito tem o *Accento predominante* na penultima syllaba; e bem assim todas as mais palavras, que não estão comprehendidas nas regras antecedentes, como: *Amamos, Defendemos, Voto, Humanidade.* (6)

Chamão-se *Encliticas* aquellas particulas, que não tem *Accento* proprio em razão de se encostarem a outras palavras, debaixo de cujo *Accento* se pronuncião. Taes são o artigo *o, a, os, as,* algumas preposições, e os casos *me, nos, te, vos, se, lhe, lhes,* como: *Amão-o, Ouve-me, Ferio-se, Dando-se-lhe, &c.*

§ VI.

Das Figuras da Dicção.

Chamão-se *Figuras da Dicção* certas alterações ou mudanças, feitas só no material dos vocabulos,

(6) *Amamos* primeira pessoa do plural do presente e do preterito do indicativo do verbo *Amar* (e o mesmo é em todos os da 1.ª conjugação) tem a mesma pronunciação no presente e no preterito, assim como a tem os verbos da 2.ª e 3.ª conjugação, como: *Defendemos, Unimos.* O sentido do discurso,

sem influencia na significação delles, por se attender só á maior brevidade e facilidade da pronunciação.

Os vocabulos podem ser alterados, ou por *Accrescentamento*, ou por *Diminuição*, ou por *Transposição*, e *Transformação* de syllabas ou letras; o que pode acontecer, ou no principio, ou no fim, ou no meio dos vocabulos.

Accrescentamento.

Prothese, isto é, apposição é quando no principio do vocabulo se accrescenta alguma syllaba, ou letra, como: *Acredor* por *Crédor*, *Alevantar* por *Levantar*.

Paragoge, isto é, posposição é quando no fim do vocubulo se accrescenta alguma syllaba, como: *Pertinace* em lugar de *Pertinaz*, *Martire*; por *Martir*.

Epenthese, isto é, entreposição é quando no meio do vocabulo se accrescenta uma syllaba, como: *Mavorte*, por *Marte*, *Pagano* em lugar de *Pagão*.

Diminuição.

Apherese, isto é, abstracção é quando no principio do vocabulo se tira alguma syllaba, como: *Bobedas* por *Abobedas*, *Maginação* por *Imaginação*.

Apocope, isto é, mutilação é quando no fim do vocabulo se tira alguma syllaba, como: *Gram* por *Grande*, *Marmor* por *Marmore*.

Syncope, isto é, concisão é quando no meio do vocabulo se tira alguma syllaba, como: *Imigo* por *Inimigo*, *Mor* por *Maior*.

---

pronunciado ou escripto, é quem dá a conhecer se é presente ou preterito. Para dar á segunda syllaba do preterito (*ma*) um som mais agudo, a fim de o distinguir do presente, é necessario violentar o orgão da voz, do que resultaria uma pronunciação dura, affectada, e estranha ao uso da Lingua.

Transformação.

Metathese, isto é, transposição e transformação é quando as letras ou syllabas, de que se compõe as palavras, estão postas em uma ordem differente daquella, em que se achão no vocabulo primitivo, como: *no, na, nos, nas*, em logar de *em o, em a, em os, em as*; *ful-o, dil-o, quil-o, pelo*, por *faz-o, diz-o, quiz-o, per-o*: onde se vê nos primeiros a preposição *em* transformada em *n*, e nos segundos *o z e r* em *l*. (7)

---

(7) Parece que *o a*, os *as*, na relação de complemento objectivo, e tambem quando representa o sujeito ou o attributo de uma proposição antecedente, é um *demonstrativo relativo;* porque sempre está só na proposição em logar de um nome antecedente, cujas vezes faz, representando-o, para evitar repetições, com que o discurso ficaria desagradavel, como: *Filho, sê temente a Deus, e lembra-te sempre* de o amar, *ou de* amal-o *de todo o coração*. Em ambos estes exemplos, *o* está em lugar do nome de Deus, e é complemento objectivo. Note-se porem que *o* antes de *amar* é a mesmissima cousa, e exprime a mesma idêa que depois do verbo (*de o amar*, e de *amal o*), e que no emtanto depois de *amar* se lhe põe *l*, e antes não; porque dizendo-se *de o amar*, a pronunciação fica suave e agradavel; mas se dicer-mos *de amar*-o, o som ficará ingrato e estranho. Portanto é so por euphonia que o *r* se muda em *l*, e que succede o mesmo quando o verbo acaba em *s* ou *z*. Eis-ai pois as razões que nos movem a dizer que lo la *não* é a contracção de *Ello*, terminação antiquada de *Elle Ella*, a qual desappareceo inteiramente do uso da Lingua. Se *lo la* fosse contracção de *Ello*, seria necessario admittir o absurdo de *los las* ser a contracção de Ellos. Em todas as orações similhantes ás duas acima *o a, os as*, está só na relação de complemento objectivo, usado em lugar de *elle ella, elles ellas*. Por isso Grammaticos mui distinctos dizem que é um caso de *Elle Ella, Elles Ellas*, no que não ha inconveniente algum.

Este Demonstrativo não tem incluido em si o nosso artigo *o a, os as;* porque se os Latinos carecem do nosso artigo definido, como pode elle estar incluido em *Elle Ella Ello, Elles Ellas*, que é o Latino *Ille Illa Illud*, que o não tem?

O a, os as, quando serve de complemento objectivo, muitas vezes, pode concordar com seu antecedente, como: *Dei principio á obra, e espero concluil-a*, isto é, *concluir a obra*. Por isso dizem alguns Grammaticos que nestes casos *o a, os as*

Finalmente a *Synalepha* é quando se supprime a vogal final de um vocabulo, por se lhe seguir outro que principia por vogal, como: *do, da,* deste, *desse,* delle, *to, lho,* em lugar de *de o, de a, de este, de esse, de elle, te o, lhe o;* o que póde referir-se á *Metathese.*

As alterações de que temos fallado, são autho-

é o artigo, a que se dá uso pronominal. Cada qual siga o que lhe parecer mais conforme á natureza do artigo, o qual é destinado para dar um caracter individual ao nome commum. Em algumas orações é necessario usar de expressões forçadas para dar á terminação *o* alguma palavra, com que possa concordar. Isto succede quando a dita terminação está representando o sujeito ou attributo de uma proposição antecedente, como: *Ha verdades que á nós o não parecem, mas nem porisso deixão de o ser. As feias, nem por o serem, deixão de agradar.* Os Grammaticos dizem que *o* concorda com o verbo *ser,* e violentão a expressão deste modo: *Ha verdades que a nós não parecem* o serem verdades, mas nem porisso deixão de ser o serem verdades. *As feias nem por serem* o ser feias &. Um distincto Grammatico diz que neste exemplo *o* concorda com *facto* da fealdade, como se dicessemos: As feias, nem por *serem* o *facto* da *fealdade* &. Tudo isto é contrafeito e forçado, porque ali a terminação *o* está para representar uma idéa, e não para concordar com palavra alguma.

Pela mesma razão de euphonia mudão o *r* em *l* as preposições *Per* e *Por,* quando se lhe segue o artigo definido, como: *Pela rua, Polo amor de Deus.* Não haja susto de que se equivoque *Polo* quando é preposição, com *Pô-lo* quando é verbo; porque o sentido e o accento que se costuma pôr neste, o darão bem a conhecer. E' erro chamar pronome ao artigo definido, quando se ajunta ás preposições *Per* e *Por,* se elle não está posto em logar de um nome antecedente, como: *Dar esmola polo* ou pelo *amor* de Deos: o artigo concorda com *amor,* como se dicessemos: *Per* a *rua, Por* o *amor de Deus.* Se neste logar *lo la* não é contracção de *Ello* (pois não é pronome), por que ha de ser nos casos a cima? E' portanto muito exacto escrever *Amal-o. Temel-o* &c, porque *lo la* não é contracção de *Ello;* mas *o l,* nos casos apontados, se admitte só por euphonia; razão por que João de Barros escrevia *Todalas cousas,* &c. Por este motivo mesmo de maior suavidade e facilidade da pronunciação, se costuma pôr o som *n* entre as terceiras pessoas do plural dos verbos e o artigo, quando este se lhes segue immediatamente como: *Louvão-no, Amão-na,* &c. em lugar de *Louvão-o, Amão-a,* &c.

rizadas pelo uso, e nascêrão do desejo de fazer a Linguagem facil, agradavel, e harmoniosa, evitando com ellas a concorrencia de consoantes asperas, cacophonias, bem como hiatos que tornarião a Linguagem fatigante.

Daqui se vê o quanto importa evitar o Barbarismo, que é privar os vocabulos ou dos sons, ou do accento, com que devem ser pronunciados, como dizer *Pregar* por *Prégar*, *Truxe* por *Trouxe*, e até a cacophonia, isto é, dissonancia ou o mau som, que póde resultar do concurso de algumas palavras, como: *Má manhã*, *Por que idade*.

CAPITULO II.

Da Etymologia.

§ I.

Das Partes Elementares da Oração, e do Discurso.

Oração ou *Proposição* é a enunciação de um attributo em um sujeito, como o homem é racional. (1)

São cinco as *Partes elementares* da *oração*, a saber: Nome Substantivo, Nome Adjectivo, Verbo, Preposição, Conjuncção, e a *Intrejeição* que não é *Parte elementar*, porque èlla per si só equivale a uma oração, e ás vezes a muitas (2). *Discurso* é um composto de proposições, e porisso ellas são os seus elementos.

Nome Substantivo é o que significa qualquer

(1) *Juizo* é a percepção da relação de conveniencia ou repugnancia entre duas idéas. Idéa é o resultado da acção d'alma sobre um sentimento unico. Proposição é um juizo enunciado. A esta definição equivale exactamente a que démos a cima. Na Syntaxe daremos o devido desenvolvimento a esta materia.

(2) Como em toda a natureza ha unicamente *substancias*, *qualidades*, e *relações*; tambem no pensamento ha só idéas de *substancias*, de *qualidades*, e *percepção* das *relações*, ou de con-

cousa, como subsistente per si mesma, como: *Terra*, *Virtude*.

O Nome Substantivo é ou *Proprio*, ou *Appellativo*.

---

veniencia, ou de *determinação*, ou de *nexo* e *ordem* entre as mesmas idéas; e sendo as palavras signaes de nossas idéas e pensamentos, segue-se que em toda e qualquer Lingua ha sómente cinco especies de palavras, correspondentes á analyse que fizemos do pensamento: porisso com os *Nomes Substantivos* significamos as *substancias;* com os *Adjectivos* as *qualidades;* com o *Verbo Substantivo* as *relações* de conveniencia; com as *Preposições* as de *determinação*: e com as *Conjuncções* as de *nexo* e *ordem*.

Por esta classificação dos *Elementos da proposição* bem se deixa vêr que incluimos os *Artigos*, os *Pronomes*, e os *Participios* nos *Adjectivos*. Os *Verbos adjectivos*, como são a concentração de um attributo com o *Verbo substantivo* em uma só palavra, já estão classificados: e bem assim os *Adverbios*, por equivalerem a uma *preposição* com seu complemento.

Estas differentes especies de palavras tem sim logar quando expomos miudamente nossas idéas: mas se as enunciamos junctas e em confusão, como succede ordinariamente, se nosso espirito está occupado de alguma paixão violenta, nestes casos nos exprimimos com *Interjeições*, outra especie de palavras, equivalente a todas as cinco, e por isso mesmo a um discurso, em que expozessemos pelo miúdo os sentimentos de que o espirito está occupado. Com a *Interjeição* vem a ser seis as classes das palavras, que podem entrar no discurso. Estas ainda que em differentes Povos variem no material dos sons, não podem deixar de ser a pintura do pensamento, de representar as mesmas idéas e as mesmas relações, e por consequencia de ser as mesmas em todas as Linguas, assim cultas, como selvagens, antigas e modernas.

Os termos *Nome Substantivo*, *Adjectivo*, &c. são invenções dos Grammaticos, é verdade; porem invenções necessarias para dar um nome a cada uma das differentes classes de palavras, correspondentes ás differentes especies de idéas que ha no pensamento. No exercicio de suas operações o espirito humano foi sempre dirigido pelas mesmas leis, em todos os tempos, e em todas as partes da terra. Por tanto sempre houve e sempre hade haver differença entre nossas idéas, por que são disimilhantes os sentimentos que affectão a alma. Se as idéas são differentes, são necessarios signaes que as enunciem de modo que se perceba sua differença, ou porque as palavras sejão disimilhantes; ou pelo logar que occupão no discurso; ou

Nome Proprio ou *Individual* é o que convém só a uma pessoa ou cousa, como: *Virgilio, Brasil. Nome Appellativo* ou *Commum* é o que convém a muitas pessoas, ou cousas, como: *Pedra, Brancara.* (5)

---

porque tenhão soffrido alguma alteração ou modificação, &c.: numa palavra, sempre houve nas Linguas palavras essencialmente differentes. Ainda que um vocabulo seja o mesmo quanto ao seu material, isto é, quanto ao som e aos caracteres com que se escreve; é todavia muito diverso, quando é signal de idéas differentes. Não attender a isto seria confundir o physico dos vocabulos com o que elles tem de logico e espiritual, como signaes de nossas idéas. Se houve em algum tempo uma expressão equivalente a esta *Carañoite*; *noite* seria um adjectivo, porque enuncia essa mesma idéa, a qual hoje se exprime por *escura* ou *negra*. Quando *head* em Inglez significa *cabeça, chefe*, &c. é um nome substantivo, quando significa *superior*, é adjectivo, quando significa *governar*, é verbo; mas quando é nome, não é verbo, e vice versa. A nossa lingua é muito abundante de vocabulos, que no material são o mesmo, porem que tem muita differença segundo as idéas que exprimem: por exemplo: *Tinha, Capa, Rio* são nomes e verbos: *Entre* é verbo e *preposição*. Quem dirá que um *verbo* é o mesmo que uma *preposição*? Em fim, para dizer que não ha distincção essencial entre as diversas palavras que compõe as Linguas, é necessario provar primeiro que não ha distincção essencial entre as idéas.

(3) Os Nomes proprios enuncião *Idéas singulares*, porque *idéa singular* é a que tem por objecto um só individuo, isto é uma só pessoa ou cousa.

Divide-se o Substantivo Appellativo em *Universal*, e *Parcial*, e *Modal*. O *Universal* ou *Geral* exprime a reunião das qualidades essenciaes e communs a muitos individuos, e comprehende tambem em sua significação esses mesmos individuos; e por isso equivale a todos os adjectivos necessarios para nomear essas qualidades. Estes *Substantivos* são signaes de *idéas geraes compostas e abstractas*, e são nomes de classes que arranjão os individuos debaixo de certos generos e especies; não só por não ser possivel dar um nome a cada um; mas tambem porque esses *nomes proprios* serião inuteis para o raciocinio, pois este depende inteiramente dos nomes de classes, isto é, das *idéas geraes*.

As *Idéas Geraes* se formão quando nosso espirito abstrahe de muitos individuos ou idéas singulares, e *reune em uma só palavra*, as qualidades e propriedades communs a todos elles,

Nome Adjectivo é o que ou significa alguma qualidade, existente em um sujeito; ou determina o nome substantivo, como: *Virtuoso, Alegre, Todo, Este &c.*

Os nomes substantivos são ou *Primitivos*, ou *Derivados*. Primitivo é o que não tem origem de outro da mesma lingua: como *Pedra, Mar*. Derivado é o que nasce de outro nome da mesma Lingua, como: *Pedreira, Pedrez*, derivados de *Pedra*: *Maré Marezia, Marujo*, derivados de *Mar*.

Os *Nomes Derivados* ou nascem de nomes proprios, ou de nomes appellativos. Os nomes Gentilicos ou Nacionaes, e os Patronimicos são derivados de nomes proprios.

Nomes Gentilicos ou Nacionaes são uns adjectivos, que declarão a gente, nação, ou patria, donde cada um é, como: *Brasileiro*, quer dizer *natural do Brazil, Maranhense* do *Maranhão*.

Nomes Patronimicos são os derivados de nomes

---

sem fazer caso do que é particular a cada um. Estas idéas tornão a ser individuaes, quando se nos apresenta um desses individuos; porisso os *Substantivos Appellativos* que as representão são *nomes individuaes*, quando são applicados a significar um individuo, como: *Este Livro, Essa Casa, Aquella Rua* &c.

Substantivo Parciaes e Modaes são os que significão de um modo abstracto uma qualidade só, porem commum a muitos individuos, como: *Brancura, Solidez, Amizade, Prudencia* &c. Estes *Substantivos* são signaes de idéas abstractas; porque *Idéa Abstracta* é a que se forma quando o espirito considera como separado o que na natureza está unido. São estas as cousas que subsistem per si no nosso modo de as conceber. Porisso quando um nome significar uma qualidade, porem de um modo abstracto, será um Substantivo, como: *Brancûra;* mas quando significar uma qualidade de um modo concreto, isto é, unida á *substancia*, como está na natureza, será um Adjectivo, como Papel *Branco*.

Substancia é tudo aquillo que subsiste per si mesmo na natureza: ou; *Substancia* é aquillo que no ente está sujeito ás modificações, e supporta as propriedades. *Modos* são as maneiras de existir das substancias, ou as qualidades que percebemos nas cousas.

proprios de homens, e servem hoje de appellidos hereditarios a certas familias, como: de *Antonio Antunes*, de *Lopo Lopes*. Estes nomes em outro tempo indicavão filiação como: *Alvares* significa *filho* ou filha de *Alvaro*, *Lopes* de *Lopo* &c.

Augmentativo, é o que augmenta a significação do seu primitivo; e *Diminutivo* o que a diminue, como: de Caixa *Caixão*, de Homem *Homemzarrão*, de Filho *Filhinho*, de Livro *Livrinho*.

Nome Collectivo é o que no singular significa multidão, ou de cousas, ou de pessoas, como: *Familia*, *Rebanho*. Os *Collectivos* são *ou Geraes ou Partitivos*. *Collectivos Geraes* são os que abrangem toda a multidão, ou indeterminadamente, como: *Nação*, *Povo*; ou determinadamente, como: *Dezena*, *Centena*, *Milhar*, &c. *Collectivos Partitivos* são os que significão só uma parte da multidão, como o *Terço*, o *Dizimo*, &c.

Ha tambem *nomes compostos* de duas, e de tres palavras, ou inteiras, ou alteradas, como: *Nortesul*, *Malmequer*, *Fidalgo*, &c.

§ II.

Do Genero dos Nomes Substantivos.

Genero quer dizer *Classe*. *Classe* é o arranjamento de muitos individuos debaixo das qualidades communs a todos.

Generos dos nomes é a differente classe, a que elles pertencem ou de sua natureza, ou por uso arbitrario das Linguas.

Os seres animados estão naturalmente classificados no sexo, a que pertencem; e como os sexos são dois, masculino e feminino, tambem são dois os Generos Naturaes, em que só entrão os seres animados. Todas as outras cousas inanimadas pertencem a um destes Generos, segundo o arbitrio

da nossa Lingua, que tem sómente dois Generos, Masculino, e Feminino. Daqui nasce a doutrina seguinte:

São do *Genero masculino* os nomes que significão macho, como: *Pedro, Leão;* os que significão *officios e ministerios proprios do homem*, como: *Imperador, Bispo*: os que significão *Deuses falsos, Anjos, Ventos, Montes, Mares, Rios, e Mezes*, porque se personalizão em figura de homem, como: *Jupiter, Lucifer, Norte, Olimpo, Atlantico, Itapecurú, Janeiro, &c.*

São femininos os nomes que significão *femea*, como: *Ignez, Leôa*; os que significão *officios e ministerio proprios da mulher*, como: *Imperatriz, Costureira*: os que significão as *Deusas falsas*, as *Partes principaes* da *Terra*, as *Sciencias*, e *Artes Liberaes*, as *Virtudes* e *Paixões*; porque estas cousas se pintão em figura de mulher, como: *Juno, America, Europa, Azia, Africa, Grammatica, Justiça, Soberba, &c.*

Por analogia tambem são femininos os nomes de *Regiões, Provincias, Terras, Ilhas*, e *Cidades*, como: *Numidia, Bahia, Creta, Olinda*, &c.

Chamão-se Epicenos aquelles nomes de animaes, que sem mudar de genero, significão macho e femea, como: *Sabiá, Jacaré*, os quaes sempre são masculinos; e *Aguia, Cobra* sempre femininos; por isso, quando quizermos fallar do macho, ou da femea determinadamente, diremos: o *Sabiá macho*, a *Cobra femea*, o *macho da Cobra* &c.

Os nomes da nossa Lingua, que significão seres inanimados, por mero arbitrio forão classificados uns no *Genero masculino*, e outros no *feminino*, mas pelas regras seguintes podemos conhecer de que *Genero* são.

São do *Genero masculino* os nomes acabados em *á* agudo, *e, i, o, u, ão, em, im, om, um*, como: *Tafetá, Valle, Bacuri, Ovo, Angú, Pão, Vintem, Brim, Som, Jejum*. Exceptuão-se dos acabados em *á*, e *é*,

Pá, Fé, Sé, Ralé, Mercê, Arte, Neve, e pela maior parte os que antes de *é* breve tem *d*, como: *Sede, Virtude*, que são femininos. Dos acabados em *i, ó, u, ão*, são femininos como: *Lei, Grei, Enchó, Filhó, Ilhó, Mó, Teiró, Mão, Multidão, Náu, Tribu*, e pela maior parte os que antes de *ão* tem *i*, ou *s*, ou *ss*, ou *ç*, como: *União, Occasião, Acção*. Dos acabados na syllaba *em*, são femininos *Ordem*, e ordinariamente os que antes de *em* tem *g*, como: *Lavagem, Margem*.

São do *Genero Masculino* os nomes acabados em *l*, e *r*, como: *Arraial, Buril, Amor, Prazer*. Exceptuão-se, *Cal, Colher*, e os acabados em ôr de uma syllaba, que ordinariamente são femininos, como: *Dôr, Flôr*.

São tambem do *Genero masculino* os nomes acabados em *s*, e *z* como: *Herpes, Antraz*. Exceptuão-se *Andas, Arras, Cocegas, Alvaras, Preces, Cutis, Paz, Tenaz, Têz, Rêz, Torquez, Vez, Buiz, Cerviz, Matriz, Raiz, Antroz, Foz, Voz, Cruz, Luz*.

São do *Genero feminino* os nomes acabados em *a* breve, *ã* ou *an*, como: *Redea, Lã*. Exceptuão-se *Dia, Diadema, Emblema, Cometa, Enigma, Dilema, Thema, Theorema, Estratagema, Poema, Systema, Problema, Anátema, Sophisma, Prisma, Mappa, Iman*.

§ III.

Da variação dos Nomes.

Numero é a quantidade de individuos ou cousas, que os nomes significão. Os *Numeros* são dois *Singular*, e *Plural*. Dos nomes da nossa Lingua uns tem só *Singular*, outros só *Plural*; e a maior parte delles tem *Singular* e *Plural*, e ordinariamente varião de terminação, quando passão de um *Numero* para outro. O *Numero singular* indica uma só pessoa ou cousa, o *plural* muitas.

Tem só Singular 1.º os nomes proprios, como *Scipião, Albuquerque* (4). 2.º os de idades, de virtudes, habituaes, de artes, e sciencias, como: *Menice, Caridade, Grammatica, Milicia.* 3.º quasi todos os nomes verbaes, e os nomes de ventos, como: *Amar, Norte* (5). 4.º os nomes de metaes, e dos quatro elementos, como: *Ouro, Terra, Agua, Fogo, Ar.* 5.º os de cousas que tem peso e medida; e em fim alguns nomes collectivos como: *Leite, Assucar, Infanteria, Gentilismo* &c.

E tem só plural os nomes que significão ou ajuntamentos de cousas da mesma especie, como: *Farelos, Cominhos;* ou misturas de cousas differentes, como: *Fezes, Viveres,* como tambem todos os numeros cardeaes de dois para cima, como: *Tres, Quatro,* e outros nomes, como: *Alviçaras, Cans,* &c.

Tem singular e plural com uma só terminação os nomes *Alferes, Arraes, Caes, Lestes, Ourives, Prestes, Simples.*

Todos os nomes acabados em vogal, quer seja oral, quer nasal, ou em Dithongo, fazem o plural accrescentando *s* à terminação do singular como: *Nó, Nós, Pé, Pés, Lan, Lans, Som, Sons, Rei, Reis, Mãe, Mães.*

Advirta-se porém que dos nomes acabados em ão, alguns fazem o *Plural* em *ões*, como: *Sermão, Sermões*, outros em *ães* como: *Escrivão, Escrivães.*

Os nomes acabados, em *r, s*, ou z, fazem o plural accrescentando-se-lhes *es*, como *Logar, Logares, Deus, Deuses, Noz, Nozes.*

Os nomes acabados em *al, ol, ul*, fazem o plu-

(4) Quando se diz *os* Scipiões, *os Albuquerques*, é porque estes nomes de proprios se fazem communs por meio do artigo, como se dicessemos: *os Conquistadores como Albuquerque* &c.

(5) Tambem se diz os *Teres, os Haveres, os Nortes, Ouros, Pratas* &c.; mas estas palavras nestes casos estão em um sentido differente do da regra acima.

ral mudando o *l*, em *es*, como: *Animal*, *Animaes*, *Caracol*, *Caracoes*, *Taful*, *Tafues*. Exceptuão-se *Mal*, *Cal*, (de moinho) *Consul*, que fazem no plural *Males*, *Cales*, *Consules*.

Os nomes acabados em *el* mudão esta syllaba em *eis*, como: *Fiel*, *Fieis*, *Papel*, *Papéis*. Os acabados em *il*, não agudo, mudão o *il* em *eis*, como: *Agil*, *Ageis*, *Docil*, *Doceis*; sendo porem o *il*, agudo mudão o *l* em *s*, como: *Subtil*, *Subtis*, *Funil*, *Funis*.

§ IV.

DIVISÃO DOS NOMES ADJECTIVOS.

Os *Adjectivos* são ou *Explicativos*, ou *Restrictivos*, ou *Determinativos*. *Adjectivo Explicativo* é o que significa alguma das qualidades, incluidas na significação do nome appellativo, como Homem *racional*. (6)

(6) Adjectivo é um nome que se ajuncta ao substantivo, ou para o explicar e desenvolver, ou para o restringir, isto é, para lhe accrescentar alguma idéa, e limital-o assim a menor numero de individuos; ou para o determinar. A nenhuma outra especie de palavras convem esta definição; pois se o adverbio se ajuncta ao sentido do nome, o que se segue dai é que nisso convem o adjectivo com o adverbio; nem isso admira, em razão de haver entre muitos objectos umas propriedades que os fazem similhantes, e outras que os tornão differentes; como se observa no Adjectivo, que pelas funcções que exerce na oração, muito bem se distingue das outras especies de palavras. Portanto a denominação do Adjectivo não é vaga, pois é um termo a que está ligado um certo numero de idéas, que não convem a algum outro elemento da proposição. Ainda se não ensinou que o Adjectivo accrescenta sempre uma idéa ás que já tem o substantivo; nem a significação de accrescentar novas idéas está necessariamente ligada ao termo Adjectivo. Diz-se, e sempre se dice que Adjectivo é um nome que se ajuncta a outro para os fins acima dictos. Ora isto sempre acontece, ou o Adjectivo signifique uma das idéas incluidas na idéa geral do Appellativo, para o explicar, ou lhe accrescente alguma idéa para o limitar e restingir. Por-

Adjectivo Restrictivo é o que exprime alguma qualidade, não incluida na significação do appellativo, como: Homem *virtuoso*. *Adjectivo determinativo* é o que, junto ao appellativo, faz com que elle

---

tanto o termo Adjectivo *nem é vago*, nem *incorrecto*. O termo de *designativo*, com que se pertendeo substituir o de *Adjectivo*, convem a todas as palavras; porque todas ellas designão, todas indicão, todas significão. No sentido de attributo, não convem aos Adjectivos Determinativos, pois estes não exprimem qualidades. E' pois evidente que não ha necessidade de admittir na Grammatica as denominações de *designativo*, *abstractivo*, *e distinctivo*, porque nada inteiramente adiantão nossos conhecimentos, nem são mais proprios do que os termos de *Adjectivo*, *Explicativo e Restrictivo*, que desde tempo immemorial estão de posse de suas idéas, que são por elles muito bem enunciadas. Quando o Adjectivo significa uma qualidade das incluidas no substantivo, é muito claro, e muito exacto chamar-lhe *Explicativo*, porque o explica; quando lhe accrescenta uma idéa para o restringir a menor numero de individuos, assenta-lhe exactamente o nome de *Restrictivo*.

A divisão dos Adjectivos em tres classes funda-se nas seguintes razões. O Adjectivo serve para modificar o substantivo, e porisso quantas forem estas modificações tantas deverão ser as especies de Adjectivos. Como os appellativos são signaes de idéas geraes (vide pag. 22 not. 3), segue-se que o nome appellativo se póde tomar ou quanto á *sua comprehensão*, isto é, quanto ás qualidades e propriedades, nelle reunidas, ou quanto á sua *extensão*, isto é, quanto aos individuos que elle comprehende em sua significação. Considerado do primeiro modo, póde ser modificado ou por Adjectivos que os expliquem, significando alguma das propriedades que elle encerra; ou por Adjectivos que lhes accrescentem outras, para os restringir com um maior numero de idéas a um menor de individuos. Os Adjectivos que explicão, são *Explicativos;* os que restringem, são *Restrictivos*. Tomado o appellativo do segundo modo, póde ser determinado a comprehender ou todos os individuos da sua classe, ou só parte delles. Estes Adjectivos que determinão, são *Determinativos*, como: *Todo o* homem é *racional*, *Alguns* homens são *prudentes*. *Todo* e *Alguns* são Determinativos: *Racional* é Explicativo; *Prudente* Restrictivo: Os substantivos não podem ser modificados senão por algum dos tres modos acima; portanto *não pode haver mais que tres especies de adjectivos*.

seja applicado a comprehender ou todos os individuos da sua classe, ou somente alguns, ou um só, ou nenhum, como: *Todo* o homem, *Alguns* homens, *Este* homem *Nenhum* homem. Bem se vê que o Nome Adjectivo não pode estar sem um substantivo.

§ V.

Dos Adjectivos Determinativos.

Podemos dividir os *Adjectivos Determinativos* em *Artigos*, *Demonstrativos*, e *Determinativos* de *Quantidade*.

Artigos são uns Adjectivos Determinativos, monosyllabos, que antepostos aos nomes appellativos, fazem com que elles se tomem no sentido individual, ou determinadamente, ou de um modo vago. A nossa Lingua tem dois Artigos, um é o Artigo Definido *O A* para o singular, *Os As* para o plural; outro é o Artigo Indefinido *Um Uma* para o singular, *Uns Umas* para o plural.

O Artigo Definido, anteposto ao appellativo, mostra que elle comprehende determinadamente todos os individuos da sua classe, como: *O homem é racional.* Porem sendo necessario que o appellativo comprehenda um só individuo, ou menos dos da especie, usa-se de alguma circumstancia restrictiva, quando esta se não entende ou do contexto do discurso, ou do sentido mesmo de quem falla, como: *O café do Pará; Viste o homem?* (7)

O *Artigo*, ou outro *Determinativo*, sempre é anteposto ao appellativo que deve ser sujeito da oração, como: *O estudo aperfeiçoa a razão.*

(7) *Pedro dá-me os livros*, é manifesto que o artigo não é que restringe a significação do nome *livros*; da-lhe sim um caracter individual, comprehensivo de todos os individuos da classe, e quem limita esta extensão individual é uma circumstancia restrictiva, que se entende do sentido de quem falla, como: *Os livros que te emprestei*, ou outra qualquer.

O *Artigo*, anteposto a qualquer elemento da oração, faz delle um nome substantivo como: *O* licito, *O* amar, *O* porque &c.

Os appellativos sem artigo, sendo complementos de outros, ficão adjectivados, como: Homem de *honra*, que vale tanto como *homem honrado*.

O *Artigo* faz de nomes appellativos nomes proprios, como: *A* Bahia, *O* Porto; e pelo contrario faz de nomes proprios nomes appellativos, como: *Os* Camões, *Os* Albuquerques; isto vale tanto, como *Os* poetas como Camões, *Os* conquistadores como Albuquerque.

O *Artigo* sempre é anteposto ao appellativo, modificado por algum adjectivo restrictivo ou proposição incidente, como: O criminoso deve ser punido *a pena devida*, ou *que é devida* ao seu crime.

Os nomes proprios não levão *artigo*, como: *Pernambuco, Olinda;* com tudo muitas vezes usamos do *artigo* antes delles; mas nestes casos o *artigo* concorda com um appellativo da classe a que pertence o nome proprio, como: *O Brazil*, isto é, *o Imperio Brazil*; *o Itapucurú*, isto é, o *rio Itapucurú*.

Tambem se não usa do *artigo* quando o appellativo já está individuado por outro determinativo, como: *Este Livro, Aquella Casa*; todavia é costume ajuntal-o a *Todo*, e antepol-o aos demonstrativos *Mesmo, Qual*, e aos Ordinaes *primeiro, segundo* &c. quando precedem o substantivo. Usa-se tambem do artigo antes dos demonstrativos *meu, teu, seu, nosso, vosso*, quando queremos indicar uma cousa com mais particularidade.

O Artigo Indefinido *Um Uma, Uns Umas*, antepôsto ao appellativo, dá-lhe um sentido individual, isto é, faz com que elle se applique aos individuos da sua classe, porem vagamente, como: *um* filho deve ser obediente a seu pai. No plural é limitado a *uma* parte indeterminada dos individuos, como: *Chegárão hoje* uns *homens, que* &c. Quando fallarmos

de objectos conhecidos, usaremos do *Artigo Definido o a, os as;* e fallando de objectos desconhecidos, ou que não queremos dar a conhecer, usaremos do Artigo Indefinido *Um Uma, Uns Umas.*

§ VI.

Dos Demonstrativos Pessoaes.

Os *Demonstrctivos* ou são *Pessoaes*, ou *Puros*, ou *Conjunctivos*. *Demonstrativos Pessoaes* são uns adjectivos, que fazem com que os nomes a que se ajuntão, ou a que se referem, sejão uma das tres pessoas, ou cousa que lhes pertença.

Nós temos seis *Demonstrativos Pessoaes primitivos*, a saber: dois da primeira pessoa, *Eu* para o singular, e *Nós* para o plural; dois da segunda pessoa, *Tu* para o singular, e *Vós* para o plural; um directo da terceira pessoa, *Elle Ella* para o singular, *Elles Ellas* para o plural; e o reciproco *Si*, que sempre se refere á terceira pessoa, tanto do singular, como do plural. Estes *primitivos* fazem com que os nomes a que se ajunctão, ou a que se referem, tenhão o caracter de uma das tres pessoas.

Tem a nossa lingua cinco *Demonstrativos Pessoaes derivados*, a saber: dois da primeira pessoa, *Meu Minha* para o singular; *Meus Minhas* para o plural. *Nosso Nossa* para o singular, *Nossos Nossas* para o plural: dois da segunda pessoa, *Teu Tua* para o singular, *Teus Tuas* para o plural, *Vosso Vossa* para o singular, *Vossos Vossas* para o plural; e um da terceira pessoa, fallando-se ou de um só individuo, ou de muitos, *Seu Sua* para o singular, *Seus Suas* para o plural. Estes *Pessoaes derivados* fazem com que os nomes, a que se ajunctão, ou a que se referem, pertenção a uma das tres pessoas.

Os nomes junctos sem proposição exprimem os objectos, e ao mesmo tempo as relações em que

elles estão uns para com os outros. As mais importantes destas relações tem os nomes seguintes: Sujeito, Attributo, Vocativo, Complemento Restrictivo, Complemento Terminativo, Complemento Objectivo, e Complemento Circumstancial. (*Disto se ha de tractar na Syntaxe.*)

Casos são a terminação differente de um nome dentro do mesmo numero. Na Lingua Portugueza os Demonstrativos Pessoaes Primitivos são os unicos nomes que tem *casos*, porque elles varião de terminação dentro do mesmo numero; e por isso mesmo são elles tambem os unicos nomes da nossa Lingua, que varião de terminação, para exprimir aquellas differentes relações, as quaes nos outros nomes são indicadas ou pela sua posição, ou por meio de certas particulas que se lhes antepõe.

Eu tem os casos, *me*, *mim*, *migo*; Nós, *nos*, *nosco*; Tu, *te*, *ti*, *tigo*; Vós, *vos*, *Vosco*: Elle tem no singular *lhe*, e no plural *lhes* para complemento terminativo; e *o a* no singular, *os as* no plural para complemento objectivo; (vid. pag. 24, nota 7) *Si* tem os casos *se*, *sigo*; e se usa só quando se tracta de uma acção, que um sujeito faz em seu proprio individuo, ou que lhe diz respeito. (*Estude-se a nota seguinte*) (8).

---

(8) Expliquemos estes casos. *Me* quer dizer *a mim* e ás vezes *em mim*, como: *Deo*-me *um livro*, isto é, *Deo* a mim *um livro*: *Deo*-me *pancadas*, isto é, Deo pancadas *em mim*. *Mim* sempre tem antes de si uma preposição, como: *de mim*, *a mim*, *por mim* &c. Migo sempre tem anteposta a preposição *com*, deste *modo*: *Commigo*. O que se dice de *Me*, *mim*, *migo*, se applique a *Te*, *ti*, *tigo*.

Nós, quando não é sujeito, leva preposição antes de si, como: de *nós*, *a nós*, *por nós* &c. Nos quer dizer *a nós*, e ás vezes, *em* nós como: Deo-nos um livro, isto é, *Deo* a nós *um livro*: *Deo*-nos *pancadas*, isto é, *Deo pancadas em nós*. *Nosco* está sempre unido á preposição *com*, deste modo: *Connosco*. O que fica dicto de *Nós*, *nos*, *nosco*, se applique a *Vós*, *vos*, *vosco*.

Elle, quando não é sujeito, póde ser complemento de varias preposições. *Lhe*, *lhes*, querem dizer *a elle* ou a ella,

§ VII.

Dos Demonstrativos Puros.

Determinativos Demonstrativos Puros são os adjectivos, que fazem com que os appellativos mostrem os objectos no logar e distancia em que estão. A nossa tem seis, a saber: *Este Esta Isto, Esse Essa*

---

a elles ou *ellas*, e ás vezes, *nelle nella, nelles nellas*. e sempre é complemento termenativo, como: *Deo*-lhe um *livro*, isto é, *Deo* a elle *um livro*: Deo-lhe *pancadas*, isto é, Deo pancadas *nelle*. *O a, os as*, significa *a elle, a ella, a elles, a ellas*, e sempre é complemento objectivo. como: *Abri o livro e li-o todo*, isto é, *li* a elle *todo*. Estes dois casos de *Elle* sempre são relativos. (vid not. 7, pag. 24). *Se* quer dizer *a si*, como: *Pedro ferio-se*, isto é, Pedro ferio *a si*. *Sigo* leva antes a preposição *com*, deste modo: *comsigo*. *Si* não póde enunciar as relações de sujeito, nem de vocativo; assim como *Eu, Nós, Elle* a de vocativo, pois não se póde dizer *ó si, ó eu, ó elle*. *Eu* e *Tu* não tem Plural: Nós e Vós não tem singular. Um nosso Classico dice: Em mim ha dois *eus* &c.; isto porem é tomando *eu* noutro sentido. Os Grammaticos chamão pronomes a estes demonstrativos; porem esta denominação de pronome é muito vaga, por que há palavras que se põe em lugar do nome, e cóm tudo não são pronomes.

Meu minha, meus minhas, significa de mim ou pertencente a mim, como: *meu livro*, isto é, livro de *mim*, ou, *que me pertence*. *Teu tua, teus tuas*, é o mesmo que *de ti*, ou que te pertence, como: *teu* livro, isto é, livro *de ti*, ou que *te pertence*. *Nosso nossa, nossos nossas* quer dizer *de nós*, ou que nos é proprio &c. como: *nosso* livro, isto é, livro *de nos*, ou que *nos pertence*. *Vosso vossa, vossos vossas*, significa *de vós*, &c. *Seu sua. seus suas* (nunca significa *de si*) quer dizer *delle della, delles dellas*, ou que pertence *a elle, a ella* &c. como: seu livro, isto é, livro delle &c. Todos estes demonstrativos se chamão tambem *possessivos*.

Meu amor significa o amor que eu sinto: *amor de mim* é o amor que outrem me tem. *Saudades tuas* significa as saudades que tenho de ti: *tuas saudades* são as que tu tens de outrem: *saudades minhas* significa saudades de mim: e *minhas saudades* as que tenho de outra pessoa. O mesmo é nas outras expressões similhantes, por exemp.: *minha pena*, e, *pena de mim: teu medo*, e, *medo de ti*. &c.

Isso, Elle Ella (Ello antiquado), *Aquelle Aquella Aquillo, Mesmo, O mesmo* (9).

Este indica um objecto proximo a quem falla; *Esse* um objecto proximo á pessoa com quem se falla; *Aquelle* indica um objecto presente, mas remoto da primeira e da segunda pessoa; *Elle* designa um objecto remoto e ausente; *Mesmo*, junto a qualquer dos pessoaes, e demostrativos, augmenta-lhes a força; *O mesmo* mostra a identidade de algum objecto, indicado antecedentemente.

Tendo nós fallado de duas cousas ou pessoas, querendo-as indicar pelos Demonstrativos *Este, Aquelle*; *Este* representa o objecto mais proximo, e *Aquelle* o mais remoto, como: *Pedro gosta do estudo e da conversação, porque* esta *o recrea e* aquelle *lhe aperfeiçoa a razão.*

As terminações *Isto, Isso, Aquillo* podem chamar-se neutras, não porque ellas possão jamais concordar com nomes neutros, porque os não temos; mas porque se referem sempre ou a cousas, ou a pensamentos, ou a acções, que por não terem genero, nem masculino, nem feminino, se podem chamar neutros, isto é, de nenhum genero. (10)

Todos os *Demonstrativos Puros* podem ser *relativos*, isto é, representar nomes antecedentes; mas não podem ser conjunctivos, como os seguintes, que são relativos e ao mesmo tempo conjunctivos.

---

(9) Estes Demonstrativos servem quando se falla de um objecto presente, pois fallando-se de dois, usa-se de *Estoutro Estoutra, Estoutros Estoutras; Essoutro Essoutra, Essoutros, Essoutras; Aquelloutro Aquelloutra, Aquelloutros Aquelloutras;* compostos de *Este* e *outro* &c., como: *Aquella* casa, *e aquelloutra* são bem antigas.

(10) Note-se que sempre tomamos o termo *neutro no sentido restricto*, isto é, *nem um, nem outro genero*; pois não admittimos genero neutro na nossa Lingua.

§ VIII.

Dos Demonstrativos Conjunctivos.

Demonstrativos Conjunctivos são os que mostrão ou o sujeito, ou o attributo de uma oração antecedente e unem ao mesmo tempo as orações parciaes com as de que são parte, como: Qual *é a cousa*, que *póde faltar a* quem *tem por seu um Deus*, cujo *é tudo, quanto ha no Ceo e na Terra?*

Nós temos quatro Demonstrativos Conjunctivos, a saber: *o Qual a Qual, os Quaes as Quaes, Que* para ambos os numeros e generos, *Cujo Cuja, Cujos Cujas*, e *Quem* para ambos os numeros e generos.

O Demonstrativo *Qual* póde concordar em o seu antecedente, como: *Dize-me a cousa* a qual cousa *póde faltar* &c. E' preciso não o confundir com o comparativo *Qual*, pois este nunca lèva artigo, e tem antes de si *Tal* claro ou occulto, como: *Qual o Leão quando arremete*, isto é, *tal qual* o *Leão* &c.; pelo contrario *o Qual* conjunctivo sempre leva artigo claro, ou occulto quando é interrogativo. (11)

O Demonstrativo Conjunctivo *Que* é invariavel, e pode referir-se a nomes de todos os generos e numeros, e mesmo a sentidos antecedentes os quaes

(11) Ha outro *qual* differente dos antecedentes, e designa pessoas ou cousas indeterminadas, e póde ser substituido por *este, aquelle, um, outro*, como: *Todos* tem amor proprio *qual mais, qual menos;* é o mesmo que dizer, *uns mais, outros menos.* Nestes versos:

« Qual do cavallo *vôa* que não desce;
« *Qual* do cavallo em terra dando geme.

O primeiro *Qual* póde ser substituido com *Este*, o segundo com *Aquelle.* Nos seguintes podem supprir-se com *Um, Outro*:

« *Qual* vermelhas as armas faz de brancas;
« *Qual* c'os penachos do elmo açouta as ancas.

Quem vem de *Quem* Latino, com o qual bem se parece, e não é contracção de *que homem*; assim como *Alguem* vem de *Aliquem*, e não é contração de *algum homem*.

não tem genero, nem o podem ter, e neste caso tambem é neutro, como: *O que temos ensinado, é extrahido dos melhores Grammaticos.*

Não havendo equivoco, nem repetição fastidiosa, é o *Que* preferivel a *Qual* para sujeito das orações incidentes, e tambem para complemento objectivo, como: *A nobreza* que *vem do nascimento, é muito inferior* á que o *proprio merecimento nos adquire.*

Quem ordinariamente se diz de pessoas, e como é invariavel, serve para todos os generos e numeros.

Cada uma das terminações *Cujo Cuja, Cujos Cujas,* em differentes logares, pode equivaler a todas estas *do qual da qual, dos quaes das quaes,* e sempre se deve empregar na relação de complemento restrictivo, concordando com a cousa possuida, e representando o possuidor de alguma cousa, seja elle de que genero e numero fôr, como:.... *« com as condicções,* cujo *principal capitulo era »* &c. (Couto); neste exemplo, *cujo,* na terminação masculina do singular, representa *condicções* do genero feminino e do numero plural; pois é o mesmo que dizer... *com as condicções,* das quaes *o principal capitulo era* &c.

Todos os *Demonstrativos Conjunctivos* podem ser *Interrogativos,* mas nem por isso deixão de ser os mesmos Conjunctivos, como se póde vêr, pondo-se-lhe claro o seu antecedente, que então se acha occulto, como: *Que hei-de fazer?* isto é, *Dizei-me* a cousa *que eu hei-de fazer.* (12)

(12) Ha quem se opponha a que os interrogativos sejão demonstrativos Conjunctivos: nós porém somos de sentimento de que o são. Neste exemp: *Dize-me, que navios entrárão hoje?* é o mesmo que: *Dize-me o numero e nome dos navios que entrárão hoje?* Em ambas estas proposições se exprime o desejo de saber, e ambas são linguagem corrente.

§ IX.

Dos Determinativos de Quantidade.

Determinativos de *Quantidade* são os que fazem com que os appellativos, a que se ajunctão, comprehendão ou todos os individuos da classe, ou sómente alguns, ou nenhum, para sobre elles, ou sobre nenhum recahir o attributo da oração, como: *Todo o homem é mortal*; *Alguns homens são virtuosos*; *Nenhum homem é infallivel*; no primeiro exemplo o attributo é applicado a todos os homens, no segundo a alguns, e no terceiro a nenhum.

Dividem-se os Determinativos de Quantidade em *Universaes*, e *Partitivos*, uns e outros são ou *Collectivos*, ou *Distributivos*; *Positivos*, isto é, Affirmativos, ou *Negativos*. São determinativos *Universaes Collectivos* os que applicão os appellativos a comprehenderem *todos* os individuos da sua classe junctamente, isto é, na sua totalidade. São Affirmativos, quando affirmão; e Negativos, quando negão. A nossa Lingua tem só dois Determinativos Universaes Collectivos Positivos, que são: *Todo Toda Tudo, Todos Todas;* e o artigo definido *O A, Os As;* como: *Todo* o homem é mortar: *O* homem é mortal. O primeiro é mais expressivo.

Todo sempre deve preceder o appellativo porque indo depois delle significa *inteiro* ou *total*; e porisso comprehende todas as partes do individuo; razão porque uma proposição verdadeira póde ser falsa pela simples posposição de *Todo*, como: *Todo o homem é mortal*, esta proposição é verdadeira; *O homem* todo é *mortal*, esta é falsa.

A terminação *Tudo* se chama neutra, porque sempre se diz de cousas que não tem genero, como: *Tudo está bom;* e nestes casos, referindo-se-lhe algum adjectivo, tambem este está no mesmo sentido. (vede not. 10, pag. 41.)

Determinativos Universaes *Distributivos* são os que applicão os appellativos a significarem os individuos da sua classe separadamente, isto é, um a um, por exemp: *Cada* homem tem seu genio. Temos tres *Distributivos Universaes, Affirmativos*, a saber: *Qualquer Quaesquer, e* os invariaveis *Quemquer*, e *Cada*. *Qualquer* e *Cada* se dizem de pessoas e de cousas, *Quemquer* só se diz de pessoas. Se qualquer dos antecedentes Determinativos modifica o sujeito, a proposição é *Universal Affirmativa*.

Temos os seguintes *Distributivos Universaes Negativos*: Nenhum Nenhuma, Nenhuns Nenhumas, Nada, e Ninguem. A proposição é *Universal Negativa*, quando algum destes Distributivos Universaes Negativos modifica o sujeito.

Nenhum é composto de *nem* e *hum*. Estas expressões são o mesmo; porem no uso presente da Lingua, *Nem um*, a que ás vezes se ajuncta *só*, affirma com maior força, como: *Nenhum* homem é infallivel: Não ha, *nem um só* homem que seja infallivel.

Ninguem só tem singular, e se diz de pessoas. Vindo antes do verbo, não admitte outra negação, mais depois delle não a exclue, como: *Ninguem é perfeitamente feliz*. *Nada* diz-se de cousas indeterminadas, e sem genero, como: *O homem virtuoso* nada *teme*. Tambem se diz substantivamente: *O nada, Uns nadas, Uns ninguens*.

Determinativos Partitivos são os que fazem com que os appellativos, a que se ajunctão, comprehendão só uma parte, ou determinada, ou indeterminada, dos individuos da sua classe; e porisso fazem as *orações particulares*, como: *Alguns homens escapárão do naufragio, e quatro morrêrão afogados*. *Alguns homens* comprehende só uma parte indeterminada dos individuos da classe, e *quatro* comprehende uma parte determinada. Nós temos os seguintes *partitivos indeterminados*.

Alguem, Outrem invariaveis, e valem o mesmo que *algum homem, alguma pessoa, outro homem, outra pessoa. Fulano Fulana, Sicrano Sicrana, o Dual Ambos Ambas, Outro Outra al*, terminação que quer dizer *outra cousa. Muitos Muitas, Os Mais As Mais* sempre com o artigo. *Algum Alguma, Algo* (antiquado), *Alguns Algumas.*

Quando se diz *Homens ha, Ha dias*; entende-se *alguns;* como: *Alguns Homens ha, Ha alguns dias*; e o mesmo se fará em casos similhantes. Nestas expressões *Delles mortos, Delles mal feridos*, tambem se entende *alguns*, como: *Alguns delles mortos* &c.

Certo Certa, Certos Certas, sempre se antepõe ao appellativo, como: *Ha* certas *cousas, Certo homem* &c.; porque posto depois não é *Determinativo*, pois significa cousa verdadeira, como: *Cousa certa. Tal taes*, como: *Tal semêa que não colhe; Não faças tal.*

Os *Partitivos de Quantidade*, que determina ao certo o numero dos individuos, são os *Numeraes.* Estes são ou *Cardiaes*, ou *Ordinaes*, ou *Multiplicativos*, ou *fraccionarios.* Os *Cardiaes* significão simplesmente o numero das unidades, como: *um, dois* &c. O numeral *um* não tem plural, e os numeraes de *dois* para cima não tem singular.

Os *Ordinaes* significão numeró por ordem, como: *Primeiro, Segundo, Terceiro:* estes varião de terminação para os generos e numeros.

Os *Multiplicativos* designão a quantidade que resulta da multiplicação de individuos, como: *Duplo*, ou *Dobrado, Triplo* ou *Triplicado*, ou *Tresdobrado &c.*

Finalmente os Numeraes Fraccionarios significão as partes ou fracções, em que se divide um todo ou unidade concreta: elles so tem terminação feminina, porque concordão com *parte* ou *fracção* claro ou occulto, e levão artigo antes, ou cardeaes, como: *a quarta, a quinta, a sexta parte*, &c. *uma quarta, duas sesmas, quatro decimas partes* &c.

§ X.

Dos Adjectivos Explicativos, e Restrictivos.

Todo o *Adjectivo Explicativo*, pospostos ao appellativo póde ser substituido por uma oração incidente causal com *que* ou *porque;* e o *Restrictivo* por uma incidente condicional com *que, se,* ou *quando*, como: Deus *justo* premea os bons, equivale a esta: Deus, *que he justo,* ou *porque é justo* premea os bons: O homem *sabio* aborrece os vicios, equivale a esta: O homem, que é, ou *se é sabio,* aborrece os vicios.

Daqui vem que os *Adjectivos Explicativos* appostos nenhuma influencia tem na verdade das proposições, e por isso podem-se tirar dellas; e os *Restrictivos* não, porque posso dizer: *Deus premea os bons;* mas não posso dizer: *O homem aborrece os vicios.*

E' indifferente pôr os *Adjectivos Explicativos* antes ou depois do appellativo, porque tanto faz dizer *Marmore duro*, como: *Duro Marmore.* Os *Restrictivos* porém ordinariamente devem ir depois do appellativo; porque indo antes podem ás vezes mudar o sentido, como: *O homem pobre,* e *O pobre homem,* são sentidos differentes. Pertencem á classe dos *Adjectivos Restrictivos* alguns dos nomes que significão varios estados accidentaes do homem, como: *Velho, Moço, Martir, Virgem &c., &c.;* porem estes mesmos, assim como outros muitos, se usão a cada passo como substantivos, v. g: *Um moço, um velho &c.*

§ XI.

Dos Graus de augmento na significação dos adjectivos.

Os adjectivos quanto ao augmento de sua significação podem ser, ou *Positivos,* ou *Augmentativos,*

ou *Superlativos*; e todos estes graus podem ser ou absolutos, ou comparativos.

Positivos são os adjectivos explicativos e restrictivos, considerados como base do augmento, que podem receber na sua significação, ou absolutamente sem fazer comparação, ou comparativamente fazendo-a.

São *Positivos Absolutos* os adjectivos, susceptiveis do augmento na sua significação, quando qualificão objectos sem os comparar com outros, como: *O Sol está brilhante.*

São *Positivos Comparativos* os adjectivos, quando qualificão objectos e os comparão com outros, como: *Annibal foi* tão valoroso como *Scipião.*

São *Positivos Comparativos* os que indicão ou similhança entre objectos, como: *Tal, Qual*; ou igualdade, como: *Tanto, Quanto, Tamanho*, e todos os *Positivos Absolutos* feitos *Comparativos* pelos adverbios *Tão, Quão, Como*, v. g: *Camões foi* tão grande como *Virgilio.*

Augmentativos são os *Positivos*, cuja significação recebe algum augmento, quer para mais, quer para menos, ou fazendo comparação, como: *Menos virtuoso*; ou sem a fazer, como: *Muito sabio.*

São *Augmentativos Absolutos* para menos os Positivos, a que se ajuncta o adverbio *Pouco*, como: *Pouco saudavel;* e são *Augmentativos Absolutos* para mais os *Positivos*, a que se ajuncta o adverbio *Muito*, como: *Muito difficil.*

Temos seis *Augmentativos Comparativos* de uma só palavra cada um, a saber: *Maior, Menor, Melhor, Peor, Mais, Menos* quando são adjectivos do singular. Os outros *Augmentativos Comparativos* fazem-se, pondo antes do *Positivo* o adverbio *Mais*, ou *Menos*, e depois o conjunctivo *Que* para unir os objectos que se comparão, como: *O ouro* é mais *precioso* que *a prata, e esta* menos que *a sabedoria.*

Superlativos são os que significão no maior auge

possivel, ou para mais, ou para menos, as qualidades de alguma cousa, ou comparando-a com outra, e então se chamão *Superlativos Comparativos*, ou sem fazer comparação, e então se dizem *Superlativos Absolutos*.

Os *Superlativos Comparativos* são os mesmos *Augmentativos Comparativos*, que se fazem Superlativos, pondo-se-lhes antes o artigo, e depois a preposição *De*, ou *Entre*, como: *Cicero foi* o mais eloquente *orador dos do seu tempo*: *O conselho prudente* é o melhor de *todos*.

Alem de outros recebemos dos Latinos estes *Superlativos*: *Maximo*, *Minimo*, *Pessimo*, *Optimo*, *Summo*, *Infimo*; elles para nós são *Absolutos*, e para serem *Comparativos* é necessario que sejão precedidos do artigo, como fica dicto.

São *Superlativos Absolutos* todos os adjectivos acabados am *issimo*, ou *errimo*, como: *Sapientissimo*, *Accerrimo*. Estes Superlativos ou se tomão mesmo como estão na Lingua Latina, só com a mudança do *us* final em o; ou os formamos á Portugueza, accrescentando *issimo* á ultima consoante final do adjectivo Portuguez, como: *Justo*, *Justissimo*; ou se acaba em *m*, ou *ão*, mudando estas terminações em *n*, como: *Vão*, *Vanissimo*, *Commum*, *Communissimo*. Os que acabão em z, mudão-no em *c*, como *Feliz*, *Felicissimo*, *Veloz*, *Velocissimo*.

§ XII.

Das Terminações dos Adjectivos.

Os nossos adjectivos são ou de uma só terminação, ou de duas, ou de tres.

Tem uma só terminação: 1.º os adjectivos acabados em *e* e *a*, como: *Prudente*, *Cada*. 2.º os acabados em *al*, *el*, *il*, *ul*, como: *Liberal*, *Amavel*, *Docil*, *Azul*. 3.º os acabados em *ar*, *az*, *iz*, *oz*, como: *Exemplar*, *Capaz*, *Feliz*, *Veloz*.

Tambem são de uma só terminação *Affim, Cortez, Montez, Ruim*; *Grão* por *Grande, e Commum* se usa tambem hoje, como antigamente, com uma só terminação. (13)

São de duas terminações: 1.° os adjectivos acabados em *o*, mudando-se este em *a*, como: *Virtuoso, Virtuosa*. 2.° os que acabão em êz, *ol*, ôr, *ú*, e um, como: *Portuguez Portugueza, Hespanhol Hespanhola, Lavrador Lavradora, Cru Crua, Um Uma*. (14)

São irregulares *Judeu Judia, Meu Minha, Teu Tua, Seu Sua, Bom Boa, Mau Má*.

São de tres terminações, *Este Esta Isto, Esse Essa Isso, Aquelle Aquella Aquillo, Todo Toda Tudo, Nenhum Nenhuma Nada, Algum Alguma Algo, Outro Outra Al*.

Os adjectivos de uma só terminação servem com ella só para todos os generos, como *Homem prudente, Acção prudente*. Os de duas terminações, a primeira serve para os nomes masculinos, e a segunda para os femininos, como: *Homem virtuoso, Mulher virtuosa*.

Os que tem tres terminações, a primeira serve para os nomes masculinos, a segunda para os femininos, e a terceira para modificar ideas, discursos, ou sentidos, que não tem genero, nem o podem ter, e por isso a terceira terminação de taes adjectivos chama-se neutra; advertindo que os adjectivos de uma só terminação, e a masculina dos que tem duas, tem muitas vezes este mesmo sentido neutro.

---

(13) *Os Antigos terminavão em* e *os adjectivos que hoje acabão em* il *breve, em* az, iz, oz, *e dizião*: Facile, Contumace &c.

(14) *Nisto ha variedade, porque se diz*: Formosura superior, *e tambem ha quem diga*: Cabra monteza. *Os Antigos dizião*: Linguagem Portuguez, Nação Hespanhol, Vara destruidor &c.; *porque então os adjectivos em* êz, ol, *e* ôr *tinhão uma só terminação.*

§ XIII.

Do Verbo.

Verbo é a palavra que anima os *termos* da proposição, e por differentes *modos, tempos,* e *pessoas* exprime a união de um attributo com um sujeito, como: *Deus é justo*: *O homem não he infallivel*: *Applico-me ao estudo.* (15)

---

(15) Verbo é a *palavra* que anima os termos da proposição, e que por differentes *modos, tempos, e pessoas,* exprime a relação de conveniencia entre um attributo, ou modo de existir, e um sujeito; como: *Deus é justo*: *O homem não é infallivel*: Applico-*me ao estudo*. Esta definição, que vem a ser a mesma do texto, é fundada nos principios seguintes. A definição do Verbo deve tirar-se de sua natureza. O Verbo é um dos elemeutos da proposição: esta é um juizo enunciado: juizo é a percepção ou conhecimento da relação de conveniencia, isto é, concordancia, ou discordancia entre duas idéas. Não tem portanto um juizo, mais que dois termos de comparação, isto é, duas idéas, uma das quaes necessariamente é a principal, e a outra de uma propriedade ou modificação, que nosso espirito examina se convem ou não á principal. Conhecida sua conveniencia ou discordancia, o juizo está feito, sem que nelle haja nem affirmação, nem negação alguma. Façamos agora de um juizo uma proposição. Para que uma oração tenha tudo expresso, deve ter um termo que signifique a idéa principal; outro que designe a idéa de uma propriedade ou modificação; e deve ter uma palavra que enuncie o conhecimento da relação entre os dois termos. O primeiro termo é o *sujeito;* o segundo é o *attributo*. Não é evidente que o Verbo é quem exprime a percepção da relação entre os dois termos? Isto é incontestavel.

Ora as palavras não tem outro valor, nem outra natureza, se não a das idéas que ellas enuncião; logo a essencia do Verbo está na enunciação da relação de conveniencia de um attributo com um sujeito. Como a idéa de relação sem dois termos é nada, inteiramente nada: segue-se que definindo-se o Verbo, é necessario consideral-o em relação ao attributo e ao sujeito; pois se a idéa de relação sem dois termos é uma quimera, o que será o Verbo sem o attributo e o sujeito? Porisso tem razão um abalizado Philologo para dizer que é um erro crasso o suppor que em uma lingua

A essencia do Verbo consiste em animar os termos da proposição, e ao mesmo tempo enunciar a relação de conveniencia entre um e outro. Mas

---

qualquer os homens começárão por inventar um termo para exprimir a existencia abstracta.» Mas não será outro igual o pensar que os homens começárão por inventar palavras que exprimissem *acções*, *actos* ou *estados* abstractos? O que é uma *acção*, *acto* ou *estado*, sem um sujeito determinado ou indeterminado em quem exista? De certo que isto não he menos quimerico do que a idéa de existencia separada dos entes.

Portanto dizer que o Verbo é o termo que exprime *estado*, *acto* ou *acção*, é o mesmo que não dizer uma só palavra, que convenha ao Verbo: não só pelas razões expendidas, mas tambem porque essa definição convem só aos attributos das proposições; pois estes é que significão os diversos estados, actos, ou acções, isto é, os diversos modos de existir dos sujeitos, porque os modos são significados por nomes que exprimem as propriedades e modificações que nós conhecemos nos individuos, que tem ou uma existencia real na natureza, ou somente abstracta no pensamento. Alem disto, um *estado*, *acto* ou *acção* é um modo de existir de um sujeito, e póde envolver uma idéa composta, isto é, uma reunião de idéas; mas o Verbo exprime a idéa simples de relação; logo elle per si só não pode exprimir acção, acto ou estado.

Não se póde duvidar de que estes termos enunciem os attributos ou modos de existir dos sujeitos; porque no pensamento não ha senão idéas de cousas (reaes ou abstractas), e idéas das propriedades e modificações das cousas; istó é; no pensamento ha somente idéas principaes e accessorias, e o conhecimento das relações, que nosso espirito descobre entre umas e outras, quando as compara e combina. Ora ninguem dirá que os diversos *estados*, *actos* e *acções*, ou modos de existir das cousas, são idéas principaes, nem tambem conhecimentos de relações. Logo são termos que significão attributos, propriedades, numa palavra, modos de existir das cousas.

Portanto os verbos que significão esses modos de existir dos sujeitos, tem concentrados em si os termos que os significão: *Durmo*, *Chove*, *Geme*, *Passêa*, *Come* &c., são orações perfeitas. Logo se estes verbos não tem incluido em si o attributo, uma proposição não é um juizo enunciado, ou em um juizo não ha dois termos, e o conhecimento da relação entre elles. Ora isto é um absurdo.

Muitas vezes exprimimos a relação de conveniencia pela

attendendo não só á essencia do Verbo, e ao emprego que se lhe dá, mas tambem ás idéas accessorias, nelle muitas vezes concentradas, podêmos dividir o Verbo em tres especies, a saber: *Verbo Substantivo, Verbos Auxiliares*, e *Verbo Adjectivo*.

Verbo Substantivo é o que não tem concentrado em si attributo algum, e serve de copula ou nexo que une os termos da proposição, isto é, o attributo e o sujeito. Tal é na Lingua Portugueza o Verbo *Ser*; como: *Pedro é sabio*.

Tem a nossa Lingua dois Verbos que exprimem a *existencia*; o Verbo *Ser*, que significa *uma existencia habitual e permanente*; o Verbo *Estar*, que enuncia uma *existencia actual* e *temporaria*. Isto se dá bem a conhecer nos exemplos seguintes: *Eu* sou doente: *Eu* estou *doente*. (16)

---

simples concordancia dos dois termos, como: *Deus justo, Homem fragil, trabalhador, agricultor, destruidor, Leão rugidor* &c. Isto mesmo nos faz conhecer o quanto é simples a idéa que o verbo exprime, pois não é outra cousa mais do que um mero aspecto, com que nosso espirito vê os dois termos de um juizo.

Assim como as idéas recebem uma especie de movimento e de vida quando o espirito humano as compara e combina de todos os modos possiveis, para augmentar seus conhecimentos: assim tambem o Verbo, que é signal da idéa de relação consequencia dessas comparações, é a palavra animada, que dá força e vida aos termos da proposição. Porisso os Latinos lhe chamárão *Verbum*, a palavra por excellencia.

Se na definição do Verbo não fizemos caso da relação de discordancia que póde haver em um juizo; foi porque as proposições negativas se reduzem a affirmativas, como todos sabem; pois a negação não modifica o Verbo mas sim o attributo, como: *O homem não é infallivel;* é o mesmo que: O homem é *não infallivel*, isto é, *fallivel*. O verbo sempre enuncia a relação de conveniencia de um attributo, que a negação exclue do sujeito nas proposições negativas.

(16) O dizermos nós que a Lingua Portugueza tem dois Verbos que enuncião a existencia, não quer dizer que os outros a não exprimem; notamos só que *Ser* e *Estar* a significão de um modo muito mais expresso, por serem os de que se usa, quando se enuncia um attributo por uma idéa

O Verbo *Ser* toma differentes formas para indicar as differentes epochas da existencia, mas não tem fórmas que per si sós mostrem o estado desta mesma existencia; por esta razão elle é ajudado pelos verbos *Auxiliares*, que são os que auxilião o Verbo *Ser* e todos os outros, para tomarem todas

---

concreta, como: *Eu* sou amador *da virtude*. Eu estou *doente*. Os outros exprimem tambem a existencia de um attributo em um sujeito; pois que não póde haver relação de conveniencia entre os dois termos da proposição, sem que o segundo exista no primeiro: mas a Lingua serve-se ordinariamente de outros Verbos, quando enuncia os attributos por um modo abstracto, como: *Eu tenho amor á* virtude: *Eu* amo *a virtude*: Eu tenho *doença*. Todos estes Verbos, ainda que menos expressamente, enuncião a existencia de uma idéa accessoria em uma principal: *Amar* a virtude, *Ter* amor á virtude, *Possuir amor* á virtude, *Gozar do amor* á virtude, *Ser amante* da virtude, *Ser* amador da virtude. tudo é o mesmo, pois as idéas são as mesmas, e só ha differença em as enunciar por nomes que significão ou qualidades concretas, ou abstractas, ou por palavras que reunem em si o attributo e o verbo.

Estas reflexões nos conduzem a notar que os Verbos *Ser*, *Estar*, *Existir* significão *Ter*, *Haver*, *Possuir*, *Gosar*; e que *Ter*, *Haver*, *Possuir*, *Gosar*, significão *Ser*, *Estar*, *Existir*. Esta identidade de significação nasce mesmo da essencia do verbo, porque para um attributo existir ou estar em um sujeito, é necessario que o sujeito o *possua*, que *goze delle*, que *o tenha*; e para que *o tenha*, é necessario que *exista* ou *esteja* nelle.

Se o que temos exposto é conforme á razão, segue-se: 1.º que se o Verbo Ser não tem incluido em si attributo algum, tambem os Verbos *Estar*, *Existir*, *Ter*, *Haver* o não tem: 2.º se o Verbo *Ser* é substantivo, porque não tem incluida em si idéa alguma adjectiva, e porque serve de nexo entre os dois termos; porque o não são *Estar*, e *Existir*? Tanto se diz: *Eu* sou *feliz*, como: *Eu* estou *bom*. Em ambos os exemplos o attributo é enunciado por uma qualidade concreta, e os Verbos servem de nexo em ambos.

Parece-nos desacérto dizer-se que *Ser* é o unico Verbo necessario á enunciação: que se podem fazer com elle todas as proposições, e sem elle nenhuma: numa palavra, que *Ser* é o unico Verbo. Não somos deste parecer: 1.º porque *Ser* necessita dos Verbos auxiliares: 2.º porque muitas vezes depen-

as formas compostas e combinações necessarias ao discurso. Taes são os Verbos *Estar*, *Haver* e *Ter*, conjugados com o infinito impessoal, e participios do Verbo *Ser* e dos outros; e é só nestes casos que elles são *Auxiliares*. (17)

Conjugação é a serie das terminações differentes, que a forma primitiva de qualquer verbo toma, para enunciar de differente modo a *relação de conveniencia*, os differentes tempos desta relação, e para indicar o caracter e o numero da pessoa, que lhe serve de sujeito.

A Conjugação é ou *Simples*, ou *Composta*, *Regular* ou *Irregular*. A *Simples* consta de uma só palavra, como: *Sou, Fui, Serei*; e a *Composta* de duas até tres, como: *Tenho sido*, Hei *de ser*. A Conjugação é *Regular*, quando segue a regra geral da formação dos tempos, e *Irregular*, quando se aparta della.

---

de dos participios imperfeitos e nomes verbaes, que suppõe a existencia dos *Verbos adjectivos*: 3.° porque, sendo muitas vezes necessario enunciar o attributo por meio de uma qualidade abstracta, o Verbo *Ser* nem sempre serve para exprimir a relação de conveniencia com o sujeito.

(17) *Ter* e Haver são *auxiliares* do Verbo Estar. *Ter* é muitas vezes *auxiliar* de si mesmo, como: *tenho tido*, &c. *Estar*, *Haver*, e *Ter* são *auxiliares* de *Ser*, e de todos os mais verbos. *Ser* nunca é *auxiliar*, porque na voz passiva dos *Verbos adjectivos*, elle é somente o nexo entre dois termos, assim como o é em quaesquer proposições, onde elle está, como: *Eu* sou amado *por Antonio*. Aqui não ha mais do que a relação de conveniencia entre o *amor de Antonio* e o sujeito *eu*, relação que é enunciada pelo Verbo *sou*.

Alem de *Estar*, *Haver*, e *Ter*, temos mais tres Verbos auxiliares que são *Andar*, *Ir*, e *Vir*, quando se ajunctão aos infinitos e participios de outros verbos. Elles, e tambem o Verbo Estar, mostrão continuação e prolongação de algum modo de existir, como: *Ando escrevendo*, *Andando passeando*, *Vou vivendo*, *Indo lendo*, *Venho conversando*, *Vindo comendo*, &c. Antepostos aos infinitos de outros Verbos, mostrão ou preterito ou futuro proximo, como: *Venho* de escrever; *Vou* escrever. E' falso que todos os *gerundios* (participios imperfeitos) usados junctamente, indiquem duração e continuação.

O Verbo Substantivo, e todos os seus Auxiliares são *Irregulares*.

Modo do verbo é a differente maneira de enunciar a concordancia do attributo com o sujeito, segundo a ordem e graduação das proposições. Os *Modos* são tres, *Infinito*, *Indicativo*, e *Subjunctivo*. (18)

O *Modo Infinito* enuncia indeterminadamente a conveniencia de um attributo com um sujeito qualquer, abstrahindo de *Affirmação*, de *Tempos* e ainda de *Pessoas;* porque as suas Linguagens Imperfeitas, Perfeitas, e Porfazer, são de todos os tempos e pessoas, a que são determinadas pôr outro Verbo no *Modo* finito, como *Ser, Sendo, Sido.*

O *Modo Infinito* é a forma primitiva e original de qualquer verbo, e o formativo principal de todas as mais linguagens do Verbo.

A Lingua Portugueza tem dois *Infinitos*, um *Impessoal*, e outro *Pessoal*. Nenhum delles significa tempos, e ambos tem o nome de *substantivos verbaes*, porque á maneira de qualquer outro nome appellativo podem ser sujeitos e attributos de proposições, complementos objectivos de outros ver-

---

(18) Alguns Grammaticos admittem seis *Modos* dos verbos, a saber: Infinito, Indicativo, Interrogativo, Optativo, Condicional, Subjunctivo, e o Imperativo; outros ainda contão mais. Basta porem admittir os Modos Infinito, Indicativo, e Subjunctivo; porque os *Modos* são destinados a enunciar o emprego e graduação de cada proposição no corpo do *periodo*. Periodo é um todo, composto de proposições, uma das quaes necessariamente é a principal, a quem as outras, por causa da ordem, estão subordinadas, e que lhes serve de centro de união. Para enunciar a proposição principal temos o Modo *Indicativo*; e o *Subjunctivo* para as totaes subordinadas, em que nós incluimos as incidentes ou parciaes, pela razão de que a parte se considera incluida no todo. Porem o sujeito, e o attributo, assim da proposição principal, como das subordinadas, podem demandar e pedir, isto é, reger outras proposições. Temos para estas proposições regidas o Modo Infinito. Este systema, que admitte só tres *Modos* é muito singelo e facil, e porisso mesmo preferivel.

bos, e tambem complementos de varias proposições.

O Infinito Pessoal é uma das grandes bellezas de nossa lingua, pois nos dispensa das circumlocuções, de que usão as outras linguas que o não tem. Sempre usamos do Infinito Pessoal quando o seu sujeito é differente do sujeito do verbo que o determina, como: *Julgo seres sabedor.*

Participios são uns *adjectivos verbaes*, que participão do nome adjectivo a propriedade de poderem modificar nomes substantivos; e participão do verbo o enunciarem a relação de conveniencia de um attributo em um sujeito. Donde se vê que os Participios são adjectivos, porque modificão nomes substantivos; e são verbos, porque tem toda a sua força e regime.

O *Modo Infinito* tem quatro *Participios*, tres são Activos nos Verbos Activos, e Intransitivos nos Verbos Intransitivos, e um Passivo nos Verbos Activos; porque os Verbos Intransitivos não podem ter Linguagem alguma activa, nem passiva.

Os *Participios Activos* Portuguezes são uns adjectivos invariaveis, que significão algum attributo, e tem o regime dos Verbos donde se derivão.

Segundo fica dicto, nós temos tres Participios Activos. O 1.º é o Participio Imperfeito que modifica um substantivo, e exprime a relação de conveniencia de um estado ou acção incompleta em um sujeito. Acaba em *ando, endo, indo,* como: *Amando, Movendo, Unindo.* (19)

(19) Os Participios Imperfeitos (a que alguns chamão gerundios, crendo-os derivados da terminação *ndo* dos Latinos) são adjectivos verbaes, sem deixarem de ser como outra qualquer variação do verbo; pois tem a mesma força daquelles a que pertencem, e porisso mesmo podem fazer proposições, como elles; v. g.: *Entrando o Governador em Góa.*

O 2.° é o Participio Perfeito, que modifica um substantivo, e exprime a relação de conveniencia de um estado ou acção completa em um sujeito.

Entrando modifica o nome *Governador* que é seu sujeito e alem disso tem o termo de sua relação *em Gôa*. Isto não tem duvida alguma; porem mostre-se mais claramente *substituindo* aquella proposição com outra perfeitamente igual: *Quando o Governador* entrou em Gôa. Outro exemplo: *Sendo* eu feliz, terei muitos amigos: *Sendo* modifica o sujeito *eu*, e ao mesmo tempo é o nexo ou copula que une o attributo *feliz* com o sujeito *eu*, enunciando a relação de conveniencia entre ambos os termos da proposição. Estas mesmas reflexões sobre os participios Imperfeitos, se appliquem aos Participios Perfeitos, e Porfazer; assim como aos Infinitos Impessoal, e Pessoal, com a differença de que estes não são adjectivos.

As proposições de Participios Imperfeitos sempre são ou totaes subordinadas, ou parciaes: e designão ou o *tempo*, ou o *modo*, ou *condicção*, ou *causa* e *razão*, ou alguma outra circumstancia. Quando estas proposições tem sujeito diverso do da oração principal, é necessario pôr-lh'o claro; v. g.: *Conhecendo todos* o merecimento da virtude *poucos* a praticão.

A Lingua Portugueza usa tambem dos Participios Imperfeitos, conjugando-os com os verbos *Estar*, *Andar*, e *Ir*. O Verbo *Estar*, quando é conjugado com Participios Imperfeitos, chama-se *Continuativo*, porque exprime continuação do mesmo modo de existir, como: *Estou escrevendo*. O Verbo *Andar*, conjugado com os mesmos Participios, faz Verbos *Frequentativos*, como: *Ando escrevendo*. O Verbo *Ir*, no mesmo uso, faz Verbos *Inchoativos*, como: Vou melhorando.

Ha uns adjectivos verbaes, acabados em ante, ente, inte, como: Amante, Temente, Ouvinte, os quaes forão *Participios no tempo de nossos antigos Escriptores, como*: Annibal *passante* os montes Alpes. *Nós ainda dizemos*: Temente a Deus, Logartenente &c. *Agora estes adjectivos verbaes não tem o regime dos Verbos donde se derivão, e por consequencia não são Participios, porque se dizemos*: Temente a Deus; *já não dizemos*: Temente a justiça, Ouvinte os conselhos.

Quanto aos Participios Perfeitos, *nossos antigos Classicos usavão muitas vezes delles variando-os por generos, e numeros*, como: Aqual obra será posta no catalogo das mercês, que este Reino delle tem *recebidas* (Barros).

Acaba em *ado*, *ido*, como: Amado, Movido, Unido. Anda sempre junto com o auxiliar, Ter, ou Haver, como: *Tendo amado*, *Havendo estudado*, &c.

O 3.º *é* o *Participio Porfazer*, que exprime a existencia de uma acção, ou estado começado só na tenção e preparos, e por fazer quanto á execução. Este Participio é composto do Auxiliar *Haver*, e do infinito do Verbo, de que elle é Participio, como: *Havendo de ser*, *Havendo de amar*, &c.

Os nossos Participios Passivos são uns adjectivos Verbaes, que participão do verbo a sua significação activa (empregada no sujeito da oração), e do nome adjectivo participão a propriedade de significar um attributo, e de concordar com nomes appellativos em genero, e numero, como: *Amado Amada*, *Movido Movida*, *Unido Unida*.

Estes Participios tambem se conjugão com o Verbo *Ser*, para fórmar a Voz Passiva dos Verbos activos, como adiante veremos.

Muitos dos nossos Verbos tem dois *Participios Passivos*, um regular, e outro contrahido, como: *Acceitado* e *Acceito*, *Affeiçoado* e *affecto*, *Accendido* e *Acceso*, *Affligido* e *Afflicto*, e outros muitos. (20),

O *Modo Indicativo* é a maneira de enunciar affirmativa directa, e independente de outra qualquer, para poder figurar per si só no discurso, como: *Eu Sou*, *Estou sendo*, *Tenho sido*, *Hei de ser*.

O *Modo Subjunctivo* é a maneira de enunciar affirmativa sim, mas indeterminada, e dependente de outra que a determine, como: *Eu seja*, *Esteja sendo*, *Tenha sido*, *Haja de ser*.

---

(20) Tem a nossa Lingua alguns Participios que são *Passivos*, applicados a cousas, e *Activos*, fallando-se de pessoas, v. g: *Acreditado*, que mereceo credito, que tem credito, *Determinado*, que se determina, que determina. *Moderado*, que se modera, que tem moderação, &c.

As Linguagens *Condicionaes*, e as *Imperativas* pertencem ao *Modo Indicativo*, porque são directas e independentes.

Tempo é uma parte da duração ou existencia. O *Tempo* é relativo ao acto mesmo de quem está fallando; de maneira que os tempos são tres, *Presente*, *Preterito*, e *Futuro*. *Presente* é o tempo em que se está fallando; *Preterito* é todo o tempo que precedeo ao *Presente*; e *Futuro* é todo o tempo que se ha de seguir ao *Presente*.

Mas cada um destes Tempos se subdivide em *Imperfeito*, *Perfeito*, e *Porfazer*. Tempos *Imperfeitos* são os que exprimem durações continuadas e não acabadas; *Perfeitos* os que exprimem durações não continuadas e acabadas; e os Tempos *Porfazer* são os que exprimem uma existencia, começada só na tenção e preparos, sem ser dada á execução. (21)

---

(21) Nenhuma das formulas em que depois do Verbo *Ter* e *Haver* e suas variações, se segue o infinito de algum verbo, precedido da preposição *de*, é propriamente Linguagem composta do Verbo, mas sim umas verdadeiras proposições a que por ellipse falta o complemento objectivo, v. g.: Haver ou Ter *de ser*, *de Estudar*. Hei ou tenho *de ser*, *de estudar*, é o mesmo que dizer, Ter, ou Haver tenção, resolução &c., *de ser*, de estudar &c., e assim em todos os casos similhantes.

Notemos aqui de passagem que parece haver alguma differença no sentido destas proposições, segundo nellas se usa do verbo Haver, ou do verbo Ter. *Haver de*, *Hei de*, *Haverei de*, &c. enuncia vontade, tenção, resolução espontanea, como: Hei de estudar este livro, é o mesmo que dizer: Hei ou tenho *resolução*, ou *tenção* de estudar este livro. Mas o verbo *Ter*, no mesmo uso, parece exprimir necessidade e obrigação, como: *Tenho de* estudar este livro, é o mesmo que Tenho *necessidade*, *obrigação* &c., de estudar este livro.

Não obstante porém o não serem estas expressões tempos compostos dos Verbos, figurão como taes no discurso. Attendendo a isto, as incluiremos no systema das *Conjugações*, e lhes chamaremos Tempos Imperfeitos Porfazer, pois

Eu mostra a primeira pessoa do singular; Nós a primeira pessoa do plural; *Tu* mostra a segunda pessoa do singular, e *Vós* a segunda pessoa do plu-

---

enuncião a relação de conveniencia de um attributo em um sujeito, começada só na tenção, e futura na execução.

Dos tempos Imperfeitos, e Perfeitos, uns são *Absolutos*, outros Relativos. São *Absolutos* os que notão um só tempo, ou Presente, ou Passado, ou Futuro, como: Eu *sou*, Eu *Fui*, Eu *Serei*. Tempos Relativos são os que se referem a outros tempos, v. g.: o Presente Imperfeito Porfazer, Hei de ser, enuncia o Presente na tenção, e o Futuro para a execução: o Imperativo exprime o Presente no mandado (ou *permissão*), e o futuro para a execução: *Tenho amado*, nesta Linguagem se considera o Passado como reunido em um ponto presente na epoca da palavra, e alem disto completo e acabado na mesma epoca, v. g.: *Toda esta semana* tenho passado *muito mal*. Tenho escripto *hoje quatro cartas*: *Toda esta semana* e *hoje* se tomão por um todo presente, e ao mesmo tempo completo no momento da palavra. Porisso mesmo é que se não póde usar da mesma Linguagem para exprimir um tempo, considerado como passado. Ninguem póde dizer: *A semana passada* tenho passado *muito mal*, Tenho passado *hontem muito mal*. Eis-ai a razão por que chamamos a esta Linguagem *Presente Perfeito*; pois nos parece um absurdo dar o nome de *Preterito* ao que se toma como presente, e no presente se acaba e completa. A opinião de que é uma variação do Preterito, fez com que alguns de nossos Classicos, como João de Barros e Vieira, a empregassem algumas vezes indevidamente; como: « *aqui não ha novidade mais que a do Governo, em que succedeo Antonio de Sousa de Menezes a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia* se tem embarcado *mais pobre de fazenda, e mais rico de opinião*, &c., (Vieira); devia dizer *se embarcou*.

Esta Linguagem com um attributo de ordinario significa uma serie successiva de estados ou acções da mesma especie desde um tempo determinado ou indeterminado, até ao Presente em que se une, acaba e completa. Esta serie se considera collectivamente, isto é, como um todo ligado ao Presente.

ral. Todos os outros sujeitos a fóra estes são da terceira pessoa. O Verbo tem variações proprias de cada uma das tres pessoas tanto do singular, como do plural, v. g.: *Eu Sou, Tu és, Elle é, Nós*

Pelo que não póde convir-lhe senão a denominação de Presente Perfeito; pois não se póde negar que *Tenho sido feliz até agora* significa a posse actual de uma serie de felicidades; assim como *Tinha sido feliz* exprime uma posse Preterita, e *Terei sido* uma Futura.

Consegui o acabamento desta obra, em tempo anterior ao presente, equivale a esta proposição: *Acabei esta obra*, e não a estoutra: *Tenho acabado esta obra.*

Os Grammaticos não duvidão já de que sejão do Presente as Linguagens *Hei de ser, Hei ou tenho de amar*, &c., que erão tidas por Futuros Imperfeitos. Os que pensarem sufficientemente nesta materia virão a convencer-se de que *Tenho sido, tenho amado* &c., são formas do Presente, (como indicão os Verbos Hei, e Tenho) não obstante o referirem-se ao Preterito, assim como *Hei ou Tenho de amar*, não deixa de ser do Presente, apezar de se referir ao Futuro.

O Preterito Perfeito relativo, Tinha amado mostra o Passado acabado, não só em si, mas tambem relativamente a outra epocha Passada; v. g.: Quando tu chegaste, já *eu tinha concluido* esta obra.

Subjunctivo.

O Subjunctivo tem Linguagens não só do Preterito e do Futuro, mas tambem do Presente, como: *Ainda que tu* sejas *bom, não se segue que sempre* o hajas de ser: *sejas e hajas* são do Presente. Não se confunda o tempo significado por uma Linguagem com o outro tempo a que elle póde referir-se, nem o destino principal de uma variação do Verbo com o que muitas vezes toma em razão do sentido do discurso. E' por isto mesmo que as fórmas do Presente Imperfeito muitas vezes parecem indicar um Futuro proximo ou remoto, como: *Diz-lhe que* estude, *que* venha *já, ou de hoje a dez annos*; *Querem que* eu parta *já, ou para o anno que vem*. Estes Futuros

Somos, Vós Sois, Elles São: assim vem o Verbo a ter dois numeros, e tres pessoas em cada numero, como se póde ver nas conjugações seguintes. (22)

---

vem da força dos Verbos *Dizer* e *Querer*, como succede nestas orações: *Dizem que elle* vem *já, ou de hoje á dez annos, Julga-se que elle* parte *já, ou para o anno que vem.* Donde se vê que a esses Futuros tambem se prestão as variações do Presente Imperfeito do Indicativo, principalmente quando são subordinadas, e que tal sentido é o resultado não da Linguagem só, mas da phrase toda e da natureza do discurso. Portanto, assim como seria desacertado denominar Futuro ao Presente do Indicativo, por concorrer ás vezes para indicar aquelle tempo; assim tambem é muito improprio dar o nome de Futuro Proximo ou Optativo ao Presente Imperfeito do Subjunctivo.

Respeito ao Presente Perfeito *Tenha amado, movido, unido* &c., como: *Ainda que* tenhas estudado *muito, não se segue que saibas tudo*; a esta Linguagem se applica o expendido sobre a mesma do Indicativo. Dizer que esta fórma de Subjunctivo é do Futuro, por as vezes (e não sempre) contribuir para indicar esse tempo, é confundir o destino primario de uma variação do Verbo com o que é obrigada a tomar pela força dos Verbos que a determinão, ou pela do sentido. Dizer que são do Preterito, porque se referem a elle, e não fazer distincção entre o tempo enunciado pela Linguagem, e o outro tempo com que ella tem relação. Em fim, dizer que uma Linguagem exprime já o Preterito, já o Futuro, é asseverar que ella não significa tempo algum, mas se presta (como as variações do infinito) a todos os tempos a que é determinada por outros verbos.

Expuzemos aqui estas reflexões, porque nos parece necessario mostrar a falta de exactidão no que a este respeito diz na sua Grammatica um Philologo distincto, o qual dá tambem como erro o chamar Preterito Imperfeito Condicional ás Linguagens *Eu seria, amaria* &c. Ellas no emtanto são do Preterito Imperfeito e não do *Futuro*, como sua significação póde mostrar evidentemente.

(22) *Advirta-se que o Verbo não tem pessoas, mas variações que designão o caracter dellas, isto é, se são da primeira, se da segunda, se da terceira pessoa, doutrina esta que bem clara fica na regra acima.*

CONJUGAÇÃO DOS VERBOS

SER, ESTAR, HAVER, E TER.

Modo infinito impessoal.

Imperfeito.

(SER (23) (ESTAR) (HAVER) (TER)

Imperfeito Porfazer.

Haver ou ter de ser.	Haver ou ter de estar.	Ter de haver	Haver de ter.

Perfeito.

Haver ou ter sido	Haver ou ter estado.	Ter havido.	Haver ou ter tido.

INFINITO PESSOAL.

Imperfeito.

Singular.	S.	S.	S.
Ser eu.	Estar eu.	Haver eu.	Ter eu.
Seres tu.	Estares tu.	Haveres tu.	Teres tu.
Ser elle.	Estar elle.	Haver elle.	Ter elle.
Plural.	P.	P.	P.
Sermos nós.	Estarmos nós.	Havermos nós.	Termos nós.
Serdes vós.	Estardes vós.	Haverdes vós.	Terdes vós.
Serem elles.	Estarem elles.	Haverem elles.	Terem elles.

Pessoal Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Haver ou ter eu de ser.	Haver ou ter eu de estar.	Ter eu de haver.	Haver eu de ter.
Haveres ou teres tu de ser.	Haveres ou teres tu de estar.	Teres tu de haver.	Haveres tu de ter.
Haver ou ter elle de ser.	Haver ou ter elle de estar.	Ter elle de haver.	Haver elle de ter.

(23) Cada um destes Verbos deve ser conjugado só, e não conjunctamente com os outros. Primeiro se conjuga o Verbo *Ser* até ao fim do modo Subjunctivo; e assim os outros.

(SER)	(ESTAR)	(HAVER)	(TER)
P.	P.	P.	P.
Havermos ou termos nós de ser.	Havermos ou termos nós de estar.	Termos nós de haver.	Havermos nós de ter.
Haverdes ou terdes vós de ser.	Haverdes ou terdes vós de estar.	Terdes vós de haver.	Haverdes vós de ter.
Haverem ou terem elles de ser.	Haverem ou terem elles de estar.	Terem elles de haver.	Haverem elles de ter.

Pessoal Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Haver ou ter eu sido.	Haver ou ter eu estado.	Ter eu havido.	Haver ou ter eu tido.
Haveres ou teres tu sido.	Haveres ou teres tu estado.	Teres tu havido.	Haveres ou teres tu tido.
Haver ou ter elle sido. &.	Haver ou ter elle estado. &.	Ter elle havido. &.	Haver ou ter elle tido. &.

Participio Imperfeito.

Sendo.	Estando.	Havendo.	Tendo.

Participio Imperfeito Porfazer.

Havendo ou tendo de ser.	Havendo ou tendo de estar.	Havendo ou tendo de haver.	Havendo de ter.

Participio Perfeito.

Havendo ou tendo sido. (24)	Havendo ou tendo estado.	Tendo havido.	Havendo ou tendo tido.

(24) *Ser* e *Estar* tem os Participios *Sido*, *Estado*, os quaes nunca estão sós na oração; pois sempre andão acompanhados de uma das Linguagens dos auxiliares Ter ou Haver; como: *Tendo* sido, *Havendo estado*, *Tenho* sido, *estado* &c.

(SER)	(ESTAR)	(HAVER)	(TER)

Participio Passivo.

	Havido.		Tido. (25)

Modo indicativo.

Tempo Presente Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu sou.	Eu estou.	Eu hei.	Eu tenho.
Tu es.	Tu estás.	Tu has.	Tu tens.
Elle é.	Elle está.	Elle ha.	Elle tem.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós somos.	Nós estamos.	Nós havemos.	Nós temos.
Vós sois.	Vós estaes.	Vós haveis (26).	Vós tendes.
Elles são.	Elles estão.	Elles hão.	Elles têm.

Presente Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu hei ou tenho de ser.	Eu hei ou tenho de estar.	Eu hei ou tenho de haver.	Eu hei ou tenho de ter.
Tu has ou tens de ser. &c.	Tu has ou tens de estar. &c.	Tu has ou tens de haver. &c.	Tu has ou tens de ter. &c.

Presente Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu hei ou tenho sido.	Eu hei ou tenho estado.	Eu tenho havido.	Eu hei ou tenho tido.
Tu has ou tens sido.	Tu has ou tens estado.	Tu tens havido.	Tu has ou tens tido.
Elle ha ou tem sido. &c. (27).	Elle ha ou tem estado. &c.	Elle tem havido. &c.	Elle ha ou tem tido. &c.

(25) *Havido*, e *Tido* são Participios Passivos, quando vem de *Haver*, e *Ter*, não como verbos auxiliares, mas como verbos activos; como: *Tu és* tido, ou havido *em conta de homem de bem*, *Elles forão* tidos *por homens de valor*.

(26) *Havemos*, *Haveis* se contrahem muitas vezes *Hemos Heis*.

(27) *Hei* sido, *Hei* amado, &c. tem presentemente pouco uso. Nós porém nas Conjugações não omittimos esta fórma de expressão, por ser muito usual em nossos classicos, e porque é digna de o ser entre nós.

(SER)	(ESTAR)	(HAVER)	(TER)

Presente Imperfeito Imperativo.

S.	S.	S.	S.
Sê tu. (28)	Está tu.	Ha tu.	Tem tu.
P.	P.	P.	P.
Sêde vós.	Estai vós.	Havei vós.	Tende vós.

Preterito Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu era.	Eu estava.	Eu havia.	Eu tinha.
Tu eras.	Tu estavas.	Tu havias.	Tu tinhas.
Elle era.	Elle estava.	Elle havia.	Elle tinha.
P.	P.	P.	P.
Nós eramos.	Nós estavamos.	Nós haviamos	Nós tinhamos.
Vós ereis.	Vós estaveis.	Vós haveis.	Vós tinheis.
Elles erão.	Elles estavão.	Elles havião.	Elles tinhão.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu havia ou tinha de ser.	Eu havia ou tinha de estar.	Eu havia ou tinha de haver.	Eu havia ou tinha de ter.
Tu havias ou tinhas de ser.	Tu havias ou tinhas de estar.	Tu havias ou tinhas de haver.	Tu havias ou tinhas de ter.
&c.	&c.	&c.	&c.

(28) *Seja elle, Sejão elles, Esteja elle, Estejão elles, Ame elle, Amem elles,* e assim nos outros Verbos, são Linguagens do Subjunctivo, e por isso dependentes de outra do Indicativo, como: *Mando, Ordeno* que *vu*, que *seja* &c.; porque o Imperativo só convem ás segundas pessoas. Comtudo nestas expressões *Leia V. Mce, Leião V. Mces*, as terceiras pessoas são imperativas; porque estes e outros tractamentos, em lugar de *Tu* e Vós, são idiotismos da nossa Lingua.

(SER)	(ESTAR)	(HAVER)	(TER)

Preterito Perfeito Absoluto.

S.	S.	S.	S.
Eu fui	Eu estive.	Eu houve.	Eu tive.
Tu foste.	Tu estiveste.	Tu houveste.	Tu tiveste.
Elle foi.	Elle esteve.	Elle houve.	Elle teve.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós fomos.	Nós estivemos.	Nós houvemos.	Nós tivemos.
Vós fostes.	Vós estivestes.	Vós houvestes.	Vós tivestes.
Elles forão.	Elles estiverão.	Elles houverão.	Elles tiverão.

Preterito Perfeito Relativo.

S.	S.	S.	S.
Eu fora; tinha ou tivera sido.	Eu estivera; tinha ou tivera estado.	Eu houvera; tinha ou tivera havido.	Eu tivera; ou tinha tido.
Tu foras; tinhas ou tiveras sido.	Tu estiveras; tinhas ou tiveras estado.	Tu houveras; tinhas ou tiveras havido.	Tu tiveras; ou tinhas tido.
Elle fora; tinha ou tivera sido.	Elle estivera; tinha ou tivera estado.	Elle houvera; tinha ou tivera havido.	Elle tivera; ou tinha tido.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós fôramos; tinhamos ou tiveramos sido.	Nós estiveramos; tinhamos ou tiveramos estado.	Nós houveramos; tinhamos ou tiveramos havido.	Nós tiveramos; ou tinhamos tido.
Vós foreis; tinheis ou tivereis sido.	Vós estivereis; tinheis ou tivereis estado.	Vós houvereis; tenheis ou tivereis havido.	Vós tivereis; ou tinheis tido.
Elles forão; tinhão ou tiverão sido.	Elle estiverão; tinhão ou tiverão estado.	Elles houverão; tinhão ou tiverão havido.	Elles tiverão; ou tinhão tido.

Ou	*Ou*	*Ou*
S.	S.	S.
Eu havia ou houvera sido.	Eu havia ou houvera estado.	Eu havia ou houvera tido.
Tu havias ou houveras sido. &c.	Tu havias ou houveras estado. &c.	Tu havias ou houveras tido &c.

(SER) (ESTAR) (HAVER) (TER)

Preterito Imperfeito Condicional. (29).

S.	S.	S.	S.
Eu seria.	Eu estaria.	Eu haveria.	Eu teria.
Tu serias.	Tu estarias.	Tu haverias.	Tu terias.
Elle seria.	Elle estaria.	Elle haveria.	Elle teria.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós seriámos.	Nós estariamos.	Nós haveriamos.	Nós teriamos.
Vós serieis.	Vós estarieis.	Vós haverieis.	Vós terieis.
Elle serião.	Elle estarião.	Elles haverião.	Elles terião.

Preterito Imperfeito Condicional Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu haveria ou teria de ser.	Eu haveria ou teria de estar.	Eu haveria ou teria de haver.	Eu haveria ou teria de ter.
Tu haverias ou terias de ser. &c.	Tu haverias ou terias de estar. &c.	Tu haverias ou terias de haver. &c.	Tu haverias ou terias de ter. &c.

Preterito Perfeito Condicional.

S.	S.	S.	S.
Eu teria ou tivera sido; ou fôra.	Eu teria ou tivera estado; ou estivera.	Eu teria ou tivera havido; ou houvera.	Eu teria ou tivera tido; ou tivera.
Tu terias ou tiveras sido; ou fôras. &c.	Tu terias ou tiveras estado; ou estiveras. &c.	Tu terias ou tiveras havido; ou houveras. &c.	Tu terias ou tiveras tido; ou tiveras. &c.
Ou	*Ou*		*Ou*
S.	S.		S.
Eu haveria ou houvera sido.	Eu haveria ou houvera estado.		Eu haveria ou houvera tido.
Tu haverias ou houveras sido. &c.	Tu haverias ou houveras estado. &c.		Tu haverias ou houveras tido. &c.

(29) Pareceo-nos muito mais claro e melhor pôr as Linguagens Condicionaes á parte, e porisso não as misturamos com as outras.

(SER)	(ESTAR)	(HAVER)	(TER)

Futuro Imperfeito:

S.	S.	S.	S.
Eu serei.	Eu estarei.	Eu haverei.	Eu terei.
Tu serás.	Tu estarás.	Tu haverás.	Tu terás.
Elle será.	Elle estará.	Elle haverá.	Elle terá.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós seremos.	Nós estaremos.	Nós haveremos.	Nós teremos.
Vós sereis.	Vós estareis.	Vós havereis.	Vós tereis.
Elles serão.	Elles estarão.	Elles haverão.	Elles terão.

Futuro Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu haverei ou terei de ser.	Eu haverei ou terei de estar.	Eu terei de haver.	Eu haverei ou terei de ter.
Tu haverás ou terás de ser. &c.	Tu haverás ou terás de estar. &c.	Tu terás de haver. &c.	Tu haverás ou terás de ter &c.

Futuro Perfeito.

S.	S.	S.	S
Eu haverei ou terei sido.	Eu haverei ou terei estado.	Eu terei havido.	Eu haverei ou terei tido.
Tu haverás ou terás sido. &c.	Tu haverás ou terás estado. &c.	Tu terás havido. &c.	Tu haverás ou terás tido. &.

Modo subjunctivo.

Tempo Presente Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu seja.	Eu esteja.	Eu haja.	Eu tenha.
Tu sejas.	Tu estejas.	Tu hajas.	Tu tenhas.
Elle seja.	Elle esteja.	Elle haja.	Elle tenha.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós sejámos.	Nós estejámos.	Nós hajámos.	Nós tenhámos.
Vos sejaes.	Vós estejaes.	Vós hajaes.	Vós tenhaes.
Elles sejão,	Elles estejão.	Elles hajão.	Elles tenhão.

(SER) (ESTAR) (HAVER) (TER)

Presente Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu haja ou tenha de ser.	Eu haja ou tenha de estar.	Eu tenha de haver.	Eu haja ou tenha de ter.
Tu hajas ou tenhas de ser. &c.	Tu hajas ou tenhas de estar. &c.	Tu tenhas de haver. &c.	Tu hajas ou tenhas de ter. &c.

Presente Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu haja ou tenha sido.	Eu haja ou tenha estado.	Eu tenha havido.	Eu haja ou tenha tido.
Tu hajas ou tenhas sido. &.	Tu hajas ou tenhas estado. &.	Tu tenhas havido. &.	Tu hajas ou tenhas tido. &.

Preterito Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu fosse.	Eu estivesse.	Eu houvesse.	Eu tivesse.
Tu fosses.	Tu estivesses.	Tu houvesses.	Tu tivesses.
Elle fosse.	Elle estivesse.	Elle houvesse.	Elle tivesse.
P.	P.	P.	P.
Nós fossemos.	Nós estivessemos.	Nós houvessemos.	Nós tivessemos.
Vós fosseis.	Vós estivesseis.	Vós houvesseis.	Vós tivesseis.
Elles fossem.	Elles estivessem.	Elles houvessem.	Elles tivessem.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu houvesse ou tivesse de ser.	Eu houvesse ou tivesse de estar.	Eu tivesse de haver.	Eu houvesse ou tivesse de ter.
Tu houvesses ou tivesses de ser. &c.	Tu houvesses ou tivesses de estar. &c.	Tu tivesses de haver. &c.	Tu houvesses ou tivesses de ter. &

(SER.)	(ESTAR.)	(HAVER.)	(TER.)

Preterito Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu houvesse ou tivesse sido.	Eu houvesse ou tivesse estado.	Eu tivesse havido.	Eu houvesse ou tivesse tido.
Tu houvesses ou tivesses sido, &c.	Tu houvesses ou tivesses estado, &c.	Tu tivesses havido, &c.	Tu houvesses ou tivesses tido, &c.

Futuro Imperfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu for.	Eu estiver.	Eu houver.	Eu tiver.
Tu fores.	Tu estiveres.	Tu houveres.	Tu tiveres.
Elle for.	Elle estiver.	Elle houver.	Eile tiver.
P.	**P.**	**P.**	**P.**
Nós formos.	Nós estivermos.	Nós houvermos.	Nós tivermos.
Vós fordes.	Vós estiverdes.	Vós houverdes.	Vós tiverdes.
Elles forem.	Elles estiverem.	Elles houverem.	Elles tiverem.

Futuro Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.	S.
Eu houver ou tiver de ser.	Eu houver ou tiver de estar.	Eu tiver de haver.	Eu houver ou tiver de ter.
Tu houveres ou tiveres de ser. &c.	Tu houveres ou tiveres de estar. &c.	Tu tiveres de haver. &c.	Tu houveres ou tiveres de ter. &c.

Futuro Perfeito.

S.	S.	S.	S.
Eu houver ou tiver sido.	Eu houver ou tiver estado.	Eu tiver havido.	Eu houver ou tiver tido.
Tu houveres ou tiveres sido. &c.	Tu houveres ou tiveres estado. &c.	Tu tiveres havido. &c.	Tu houveres ou tiveres tido. &c.

§ XIV.

Do Verbo Adjectivo.

Verbo Adjectivo é a concentração do attributo e do Verbo em uma só palavra, como: Eu *amo*, em logar de Eu *tenho amor*, ou Eu *sou amante*. (30)

(30) Dizem os Grammaticos modernos que Verbo Adjectivo é a reducção e concentração, ou expressão abreviada do sugeito, do verbo substantivo, e do attributo verbal em uma só palavra, como: *Amo*, em logar de *Eu sou amante*; *Durmo*, em logar de *Eu sou dormente* etc. Parece-nos que nisto ha falta de reflexão, e que nem o sugeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal estão concentrados no Verbo Adjectivo. Em quanto ao sujeito, elle não está concentrado no Verbo Adjectivo, nem as desinencias (terminações) dos verbos são os demonstrativos pessoaes primitivos pospostos e tornados inseparaveis; porque o Verbo Adjectivo consta de duas partes, a primeira é o attributo, e por tanto não é o sugeito: a segunda é o verbo que vai sempre tomando varias formas para exprimir não só a relação de conveniencia, mas tambem os differentes modos, tempos, numeros, e caracteres das pessoas. Em *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*, por exemplo, a primeira parte, dizem todos, é o attributo: logo não é o sugeito; a segunda *ar*, *er*, *ir*, é o verbo; e portanto não é o sugeito. Em *Am-o*, como a terminação *o* pode ser o verbo, e ao mesmo tempo o demonstrativo *eu*? Em *Am-a*, *a*, que é um som simples, breve, e representado com uma só letra, como pode ser o verbo, e tambem ao mesmo tempo o demonstrativo *elle*, *ella*! Ou é uma cousa, ou outra. O que nós vemos e ouvimos é o verbo, e nada mais. Concluamos portanto que o Verbo Adjectivo não tem incluidos em si os sugeitos, mas tem variações que mostrão o caracter delles. Um Grammatico moderno, diz que *am-o*, *dev-o*, *applaud-o*, equivale a *amor*, *dever*, *applauso*, *eu*, com o verbo *tenho* occulto: de sorte que nesta opinião, *amo*, *devo*, *applaudo*, são verbos, pois não se póde negar o que são; e não o são, porque ai só está a parte radical ou attributo, e o sugeito, pois o verbo fica occulto. Ora isto não tem cabimento algum.

Respeito ao attributo verbal, repugna que elle esteja concentrado no verbo Adjectivo: 1.° porque em *Amar* a idéa que todos tem na mente é *amar*, e essa mesma é a que deve estar no verbo; 2.° porque para o verbo *Amar* ser composto de *Ser*

Todo o *Verbo Adjectivo* pode ser dividido em duas partes, de maneira que as terminações, *ar*, *êr*, *ir*, fação uma parte, e as syllabas que as prece-

---

e *Amante*, seria necessario que Amante existisse antes do verbo Amar, o que é impossivel; pois ao verbo *Amar* é que *Amante* deve sua existencia. Portanto o attributo concentrado no verbo adjectivo não pode ser um nome verbal; e por consequencia é absurdo dizer que em *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*, *Am* é *Amante*, *Tem Temente*, *Ouv Ouvinte*. E' muito mais natural, é conforme ás idéas que ha no pensamento, e até escriptas no verbo, o dizer-se que os attributos, incluidos nos verbos antecedentes, são *Amor*, *Temor*, *Ouvido*, e assim nos mais.

Do que fica dito sobre o attributo verbal, se deduz que o verbo substantivo não está concentrado no Verbo Adjectivo, porque este para ser substituido pelo verbo *Ser*, necessita de ter incluido em si um attributo verbal. Para se poder dizer que *Amo* é expressão abreviada de *Eu sou amante*, era necessario que *Amante* ou outro nome verbal estivesse concentrado no verbo *Amo*; pois a estar outro attributo, o verbo *Ser* não pode lá estar: porque se não pode dizer *Eu sou amor*. Isto bastaria, porem demonstremos com toda a evidencia esta verdade. Ninguem duvida de que do nome *Olho* se fez o verbo *Olhar*, de *Prego Pregar*, de *Mão Manear*, e de que por consequencia os attributos, incluidos nestes verbos, são *Olho*, *Prego*, *Mão*: logo estes mesmos são os que devem apparecer na decomposição destes verbos, e tambem o verbo Ser, se é que elle está lá concentrado. Vejamos: *Eu sou ólho*, *Eu sou prego*, *Eu sou mão*. Ora bem se vê que isto é falso e ridiculo, assim como tambem o é dizer: *Eu sou olhante* ou *olhador*, *Eu sou pregante* ou *pregador*, *Eu sou maneante* ou *manéador*; pois não foi destes attributos que se fizerão aquelles verbos, e alem disto elles são nomes verbaes, e porisso não podião existir antes dos seus verbos. Isto mesmo prova que todos os verbos não são outra cousa mais do que nomes mais ou menos alterados, a que se ajuntarão vozes significativas da relação de conveniencia desse mesmo attributo em um sujeito, as quaes vozes na nossa Lingua são: *ar*, *êr*, *ir*.— Muitas vezes não podemos pôr em separado esse attributo, por que os verbos em que elles estão, nos vierão de outras linguas, que já os receberão de outras, e porisso muitos desses nomes se achão muito demudados de seu estado primitivo; pelo que nos contentamos com dizer o que o verbo significa, quando o attributo nelle incluido não é um nome adoptado na nossa Lingua.

dem outra, como: *Am-ar*, *Tem-er*, *Ouv-ir*. A primeira parte é a *Radical*, e exprime o attributo; porisso esta parte *Radical* é sempre a mesma e invariavel em todos os modos, tempos, e pessoas dos Verbos regulares. A segunda porem é o Verbo que na conjugação vai tomando formas differentes.

Daqui se vê que os Verbos Adjectivos e suas Linguagens se podem dividir, pondo em separado as partes que nelles estão unidas, isto é, o verbo e o attributo, deste modo: *Eu amo*, isto é, *Eu tenho amor*, ou *Eu sou amante*; *Eu tenho amado*, isto é, *Eu tenho tido amor*, ou *Eu tenho sido amante*; *Eu Hei de*

Parece-nos que fica provado que no verbo adjectivo nem está concentrado o sujeito, nem o verbo substantivo, nem o attributo verbal. Qual é pois o verbo que está unido ao attributo? Basta acreditar o testemunho dos sentidos e da razão, para conhecer que na 1.ª conjugação é *ar*, na 2.ª *êr*, e na 3.ª *ir*; verbos tão simples como a relação de conveniencia que elles exprimem; verbos que nunca andão sós, mas sempre unidos a seus attributos, porque sós nada significão, pela mesma razão, por que a relação que elles significão, per si só é inteiramente nada, como já mostramos. Estes verbos vão crescendo em sons, á medida que se vão encarregando de exprimir as idéas accessorias de tempos, numeros, e o caracter dos sujeitos.

Estes verbos exprimem a mesma cousa, isto é, a relação de conveniencia; mas disto não se segue que sejão um só verbo; assim como por tres pessoas se empregarem cada qual em fazer uma cousa igual, se não segue que ellas não sejam trez individuos distinctos. Se os Grammaticos tivessem feito esta distincção; se tivessem attendido á differença que ha entre os individuos, e seu emprego; se não tivessem confundido o material do vocabulo *Ser* com o que elle significa; não terião caído no erro de dizer que *Ser* é o unico verbo, e que se acha concentrado nos outros, contrahido e transformado. Virão elles que *Ser* enuncia a relação de conveniencia, e que os outros verbos a enuncião tambem, e assentárão logo em que o verbo *Ser* estava concentrado em todos os outros verbos; como se fosse impossivel haverem outras palavras que exprimissem a mesma relação, ou se o verbo *Ser* tivesse obtido algum privilegio, para elle só a enunciar. O verbo *Ser* tem seu uso no discurso, do mesmo modo que os outros o tem.

amar, isto é, *Eu hei de ter amor*, ou *Eu hei de ser amante*. (31)

A parte *Radical* do Verbo Adjectivo, isto é, o attributo nelle incluido, póde ter uma significação, ou *absoluta*, ou *relativa*, e porisso ou demandar complementos, ou não os demandar. Daqui nasce a divisão do Verbo Adjectivo em *Intransitivo*, e *Transitivo*.

Verbo Intransitivo é o que não só exprime a relação de conveniencia, mas tambem tem incluido em si um attributo, que significa um estado ou acção absoluta e inseparavel do sujeito, e porisso não pede complemento algum; como: *Padecer*, *Chorar*, *Gemer*, *Suspirar*.

Verbo Transitivo é o que alem de exprimir a relação de conveniencia tem incluido em si um attributo, que significa um estado ou acção incompleta e suspensa, e porisso pede um ou mais complementos; como: *Servir a Deus*, *Dar esmolas aos pobres*.

---

(31) Isto são traducções ou substituições de umas palavras por outras, pois que nem o verbo *Ter* ou *Haver*, nem *Ser*, nem o attributo verbal estão concentrados no Verbo Adjectivo, como já mostramos acima, onde tambem demos a razão, por que muitas vezes não podemos pôr em separado o attributo que se acha unido.

Quando reflexionamos sobre o sentido dos verbos *Ser*, *Estar*, *Haver*, *Ter*, &c. e mostramos que sua significação essencial é similhante, dicemos que se o primeiro não tinha em si attributo, tambem os outros o não tinhão; mas não asseveramos que o não tinhão; pois estamos bem certo em que todos elles tem sua parte radical, e em que esta alguma cousa significa. Em quanto ao verbo *Ser*, seu radical significa existencia, e bem se vê que ella se deve considerar uma mesma cousa com a idéa do verbo, o qual tambem lhe dá um sentido concreto. Esta significação de existencia dá-se bem a conhecer, tomando-o abstractamente, como: *Ser é melhor que não ser*, equivale a *A existencia é melhor que a não existencia*. Da unidade de sentido da parte radical e do verbo procedbo dizer-se que elle não tem incluido em si attributo

O Verbo Transitivo divide-se em Relativo, Activo, Activo e ao mesmo tempo Relativo, Passivo, Medio, e Reflexo. Verbo Relativo é o que pede uma preposição com seu consequente, para lhe servir de termo da relação que elle significa; como: *Venho de casa.*

Verbo Activo é o que, em razão do attributo nelle incluido, significa uma acção que deve ser exercitada pelo sujeito do mesmo Verbo, e empregada em um objecto, o qual póde ser o mesmo sujeito; como: *Eu* amo *a Deus*, Pedro *ama-se.* Verbo Activo e ao mesmo tempo Relativo é o que, em razão do attributo nelle incluido, pede não só um objecto em que se empregue a acção que elle significa, mas tambem um termo de sua relação; como: *Dei um livro a Pedro.* Verbo Passivo é o que, em ra-

---

algum, e porisso mesmo sempre o pede na proposição, porque seu emprego é unil-o com o sujeito. Se alguem dicer *Eu sou*, todos lhe perguntarão: *o que?* Será obrigado a responder com um attributo, v. g. *Eu sou estudante.* Nós não podemos dizer como os Latinos: Cogito, ergo sum; mas dizemos: *Cogito*, logo *existo*.

Porque o verbo Latino *Edo* tem algumas variações iguaes ás de *Sum*, não se segue que *Sum es fui* signifique *comer;* assim como por o verbo *Amassar* ter algumas formas iguaes ás do verbo *Amar*, não se segue que *Amar* signifique *amassar*. *Esse comer*, não é Esse *ser* ou *estar*; são dois verbos distinctos.

O radical de Haver significa *posse* ou outra cousa que tenha analogia com esta idéa, e porisso pede um objecto, complemento de seu radical ou attributo. *Haver ou ter saude* equivale a *Estar de posse de saude*. Mesmo no impessoal este verbo não perde sua natureza, porque significa *existir*, que é o mesmo que *ter existencia*, ou *estar de posse da existencia*. Os verbos *Ser* e *Estar* demandão um attributo, porque são verbos de nexo. Existir não pede cousa alguma, porque já em si tem o attributo vago *existencia*. *Haver* e *Ter* pedem os complementos de seus radicaes. Sirva isto de esclarecer e completar o que fica dito á pag. 53, not 16, onde consideramos o attributo ou radical do verbo *Existir* como sendo a mesma idéa do verbo, na significação de *Ser* ou *Estar*, em que tambem se usa, como: *elle existe rico, e estimado de todos.*

zão do attributo, significa uma acção que deve ser exercitada por um agente, e empregada no sujeito do mesmo Verbo; como: *Deus* é amado *por mim*. (32)

Verbo Médio e Reflexo é o mesmo Verbo Activo, quando o sujeito produz uma acção, e a emprega em si; como: Pedro *ferio-se*. (33)

Chamão-se *Defectivos* aquelles verbos, a que falta algum tempo, numero, ou pessoa, como: *Prazer*, *Munir*. Impessoaes são os que se uzão só nas terceiras pessoas; como: *Chove*, *Peza-me* (34)

---

(32) A Lingua Portugueza não tem Verbos Passivos, tem sim uma *Voz Passiva*, em que se mostra que o sujeito não é agente, como na Voz Activa, mas sim paciente ou recipiente da acção. Por consequencia tambem a Lingua Portugueza não tem Verbos Neutros, porque os não tem Passivos. Pelo que a divisão do Verbo *Transitivo*, acima dita, ainda que seja a mais geralmente adoptada, nem por isso é a mais exacta: pois que seria melhor dizer, que o Verbo *Transitivo* tem tres vozes, *Activa*, *Passiva*, *e Média* ou *Reflexa*.

(33) As terceiras pessoas destes verbos tomão um sentido passivo, quando os agentes são cousas que não tem acção sobre si, como: *As cousas* estimão-se *pelo que valem*; é o mesmo que dizer: *As cousas* são estimadas etc. Pelo que é preciso não apassivar os verbos deste modo, quando os agentes podem ter acção sobre si; porque o sentido ficaria equivoco, como: *Matárão-se* quatro homens.

(34) Estes são os verbos propriamente Impessoaes, porem os que o não são tem muitas vezes este mesmo uso, como: *Ao cidadão* cumpre *ser util á sua patria*, a *esta* convem *premial-o*.

Alguns Grammaticos chamão Pronominaes e Reciprocos aos Verbos conjugados na sua voz Media. Outros porem dizem que Pronominaes são os Verbos que ou se não conjugão sem demonstrativos pessoaes primitivos, a que elles chamão pronomes, como: *Abster-se*, *Compadecer-se*; ou que se usão já com os mesmos demonstrativos, já sem elles, ficando sempre com o mesmo sentido, como: *Partir*, e *Partir-se*, *Sair*, e *Sair-se*. Chamão Reciprocos os que com os mesmos demonstrativos significão uma mesma acção reciproca entre dois ou mais sujeitos, como: *Escrevo-me com Antonio*; *Antonio e João se abraçárão mutuamente, ou um ao outro*.

Verbos Frequentativos são os que significão repetição da

§ XV.

Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Activa.

Já fica dito o que é Conjugação Regular, e Conjugação Irregular. Accrescendo agora que os Verbos Regulares sempre conservão a parte radical sem alteração, e os Irregulares não.

A lingua Portugueza tem só trez Conjugações Regulares, a saber: a primeira dos Verbos acabados em *ar*, como: *Amar*: a segunda dos Verbos em *êr*, como: *Mover*: a terceira dos Verbos em *ir*, como: *Unir*. (35)

---

mesma acção, como: *Choviscar*, *Espicaçar*, *Espesinhar*, e alguns outros, os mais fazem-se com o verbo *Andar*, conjugado com os participios imperfeitos dos outros verbos, como: *Ando padecendo*, *escrevendo*, etc.

Verbos Continuativos são os que significão a continuação da mesma acção; fazem-se com o verbo *Estar* conjugado com os participios imperfeitos dos outros verbos, como: *Estou padecendo* etc. Os Incoativos significão o principio de algum estado ou acção, e se fazem conjugando o verbo *Ir* com os participios imperfeitos dos outros verbos, como: Vou convalescendo, etc. (vid. not 17 pag. 55.)

(35) As terminações *ar*, *êr*, *ir* dos nossos verbos derivão de *are*, *ere*, *ire*, em que terminão os verbos Latinos, como se vê em *Laud-are*, *Deb-ere*, *Reg-ere*, *Vest-ire*, de que a nossa Lingua, tirando-lhe o *e* final, fez *Louv-ar*, *Dev-er*, *Reg-er*, *Vest-ir*. Ha quem dê por incontestavel, e até como sua descoberta, que todas as terminações e variações latinas derivão de *Habere*, e as nossas de *Haver*. Nesta opinião se concede ao verbo *Haver* o mesmo que outros dão ao verbo *Ser*. Esta doutrina é destituida de fundamento, porque não ha impossibilidade, nem difficuldade alguma em ajuntar aos radicaes de todos os nossos verbos em *er*, e dos Latinos em *ere*, a mesma terminação que se une ao radical Hav de Haver, e Hab do Latino Habere, e em as ir conjugando, assim como se conjugão em *Habere* e *Haver*. Seja essa terminação de origem Egipcia, ou Coptica, não ha motivo para ser concedida exclusivamente áquelles dois verbos. Quanto ao radical de *Hav-er*, os radicaes dos outros verbos nem necessitão delle, nem o tem; o de que elles necessitão, e o que tem, é

EXEMPLOS.

DAS TRES CONJUGAÇÕES REGULARES.

Modo infinito impessoal.

Imperfeito.

1.ª Conjugação.	2.ª	3.ª
Am-ar.	Mov-er.	Un-ir.

Imperfeito Porfazer.

Haver ou ter de am-ar.	Haver ou ter de mov-er.	Haver ou ter de un-ir.

---

a voz ou terminação, que se accrescenta a cada um, significativa da relação de conveniencia de seu radicar ou attributo com um sujeito. No verbo *Olhar*, feito de *Olho*, que se altera em *Olh*, e da terminação *ar*, quem será capaz de descobrir o radical *Hav* de *Haver*, ou ainda a terminação *er*? A terminação Latina *ere* não é *are*, nem *ire*, nem *ér* é *ar*, nem *ir*, ápesar de significarem o mesmo, pois o devem significar, porque são verbos, e todo o verbo enuncia a mesma idéa. Se todos nós vemos e ouvimos a terminação *ar* e seu desenvolvimento nos verbos da primeira conjugação, e *ir* nos da terceira, por que havemos de negar a existencia do que temos diante dos olhos, e affirmar a do que tem contra si a razão e os sentidos, valendo-nos para isso de contracções e transformações escusadas? E' certo que alguns verbos se podem resolver ou traduzir pelo verbo *Ter* ou *Haver*, mas são alguns somente, v. g.: *Eu amo a Deus*, *Eu louvo a Deus*: nestes dois juizos, as idéas que ha no pensamento são *amor de Deus*, *Louvor de Deus*, e relação de conveniencia com o sujeito *eu*; mas no entanto estas duas proposições se traduzem de modo differente, deste modo: *Eu* tenho *amor a Deus*, dou *louvor a Deus*. Esta differença está na expressão, para o que influe o uso adoptado, e a significação dos attributos, e não a essencia do juizo que sempre é a mesma. O poder-se substituir uma proposição por outra, prova só que um mesmo pensamento pode ser enunciado por differentes formas de expressão. Pelo que ainda que todos os verbos podessem ser substituidos

(AM-AR)	(MOV-ER)	(UN-IR)

Perfeito.

Haver ou ter amado.	Haver ou ter movido.	Haver ou ter unido.

Infinito pessoal.

Imperfeito.

S.	S.	S.
Am-ar eu.	Mov-er eu.	Un-ir eu.
Am-ares tu.	Mov-eres tu.	Un-ires tu.
Am-ar elle.	Mov-er elle.	Un-ir elle.
P.	P.	P.
Am-armos nós.	Mov-ermos nós.	Un-irmos nós.
Am-ardes vós.	Mov-erdes vós.	Un-irdes vós.
Am-arem elles.	Mov-erem elles.	Un-irem elles.

por Haver (o que é falso), isso provaria só que elles podem ser substituidos, e nunca serviria de provar que faz parte de todos os verbos. Dizer que as variações de todos elles são as de Haver, ou que derivão delle, por algumas terminações dos outros verbos terem similhança com as deste, ou com sua significação, isso é frivolo demais. A razão das variações de todos os verbos é o systemá de conjugação adoptado por cada Lingua, que de ordinario imita a de que se derivou. As vozes *ar*, *er*, *ir*, conjugadas e desenvolvidas, constituem as variações de todos os nossos verbos.

As Linguagens Portuguezas tem só dois *Formativos*, que são o Infinito Impessoal, e o Presente Imperfeito do Indicativo. Do 1.° se formão os participios, mudando as terminações *ar*, *er*, *ir*, em *ando*, *endo*, *indo*, nos participios imperfeitos, como: *Am-ando*, *Mov-endo*, *Un-indo*; e em *ado*, *ido* nos Perfeitos, como: *Am-ado*, *Mov-ido*, *Un-ido*; e accrescentando á terminação as syllabas *a*, *ia*, *ei*, e *ss* (mudando o *r* final em *s*) se formão os Preteritos Perfeitos *Am-ára*, *Mov-êra*, *Un-ira*; os Futuros Imperfeitos *Am-árei*, *Mov-erei*, *Un-irei*; os Preteritos Imperfeitos do Subjunctivo *Am-asse*, *Mov-esse*, *Unis-se*, e os Futuros Imperfeitos do mesmo modo por inteiro, como: *Amar*, *Mo-ver*, *Un-ir*. Do 2.° se formão os Imperativos, só com lhe tirar o *s* final das segundas pessoas, como: *Amas*, *Ama tu*; *Amais*, *Amai Vós*, &c.; os Preteritos Imperfeitos do mesmo Indicativo, mudando o *o* final em *ava*, *ia*, como: *Am-ava*, *Mo-via*, *Un-ia*; os Preteritos Perfeitos, mudando o mesmo *o* em *ei*, *i*, como: *Am-ei*, *Mov-i*, *Un-i*, e finalmente os Presentes

(AMAR)	(MOVER)	(UNIR)

Pessoal imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Haver ou ter eu de am-ar.	Haver ou ter eu de mov-er.	Haver ou ter eu de un-ir.
Haveres ou teres tu de am-ar. &c.	Haveres ou teres tu de mov-er. &c.	Haveres ou teres tu de un-ir. &c.

Perfeito.

S.	S.	S.
Haver ou ter eu am-ado.	Haver ou ter eu mov-ido.	Haver ou ter eu un-ido.
Haveres ou teres tu am-ado. &c.	Haveres ou teres tu mov-ido. &c.	Haveres ou teres tu un-ido. &c.

Participio Imperfeito.

Am-ando.	Mov-endo.	Un-indo.

Participio Imperfeito Porfazer.

Havendo ou tendo de am-ar.	Havendo ou tendo de mov-er.	Havendo ou tendo de un-ir.

Participio Perfeito.

Havendo ou tendo am-ado.	Havendo ou tendo mov-ido.	Havendo ou tendo un-ido.

Participio Passivo.

Am-ado.	Mov-ido.	Un-ido.

Modo indicativo.

Tempo Presente Imperfeito.

S.	S.	S.
Eu am-o.	Eu mov-o.	Eu un-o.
Tu am-as.	Tu mov-es.	Tu un-es.
Elle am-a.	Elle mov-e.	Elle un-e.

Imperfeitos do Subjunctivo, mudando na 1.ª Conjugação o *o* em *e*, e na 2.ª e 3.ª em *a*, como: *Am-e, Mov-a, Un-a.* Tambem se pode dizer, que o Infinitivo Impessoal é o formativo de todas as Linguagens:

(AMAR)	(MOVER)	(UNIR)
P.	P.	P.
Nós am-amos.	Nós mov-emos.	Nós un-imos.
Vós am-ais.	Vós mov-eis.	Vós un-is.
Elles am-ão.	Elles mov-em.	Elles un-em.

Presente Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Eu hei ou tenho de am-ar.	Eu hei ou tenho de mov-er.	Eu hei ou tenho de un-ir.
Tu has ou tens de am-ar. &c.	Tu has ou tens de mov-er. &c.	Tu has ou tens de un-ir. &c.

Presente Perfeito.

S.	S.	S.
Eu hei ou tenho am-ado.	Eu hei ou tenho mov-ido.	Eu hei ou tenho un-ido.
Tu has ou tens am ado. &c.	Tu has ou tens mov-ido &c.	Tu has ou tens un-ido. &c.

Presente Imperfeito Imperativo.

S.	S.	S.
Am-a tu.	Mov-e tu.	Un-e tu.
P.	P.	P.
Am-ai vós.	Mov-ei vós.	Un-i vós.

Preterito Imperfeito.

S.	S.	S.
Eu am-ava.	Eu mov-ia.	Eu un-ia.
Tu am-avas.	Tu mov-ias.	Tu un-ias.
Elle am-ava.	Elle mov-ia.	Elle un-ia.
P.	P.	P.
Nós am-avamos.	Nós mov-iamos.	Nós un-iamos.
Vós am-aveis.	Vós mov-ieis.	Vós un-ieis.
Elles am-avão.	Elles mov-ião.	Elles un-ião.

(AMAR) (MOVER) (UNIR)

Preterito Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Eu havia ou tinha de am-ar.	Eu havia ou tinha de mov-er.	Eu havia ou tinha de un-ir.
Tu havias ou tinhas de am-ar. &c.	Tu havias ou tinhas de mov-er. &c.	Tu havias ou tinhas de un-ir. &c.

Preterito Perfeito Absoluto.

S.	S.	S.
Eu am-ei.	Eu mov-i.	Eu un-i.
Tu am-aste.	Tu mov-este.	Tu un-iste.
Elle am-ou.	Elle mov-eo.	Elle un-io.
P.	**P.**	**P.**
Nós am-ámos.	Nós mov-emos.	Nós un-imos.
Vós am-astes.	Vós mov-estes.	Vós un-istes.
Elles am-árão.	Elles mov-erão.	Elles un-irão.

Preterito Perfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Eu houve ou tive de am-ar.	Eu houve ou tive de mov-er.	Eu houve ou tive de un-ir.
Tu houveste ou tiveste de am-ar. &.	Tu houveste ou tiveste de mov-er. &.	Tu houveste ou tiveste de un-ir. &.

Preterito Perfeito Relativo.

S.	S.	S.
Eu am-ára; tinha ou tivera am-ado.	Eu mov-êra; tinha ou tivera mov-ido.	Eu un-ira; tinha ou tivera un-ido.
Tu am-áras; tinhas ou tiveras am-ado.	Tu mov-êras; tinhas ou tiveras mov-ido.	Tu un-iras; tinhas ou tiveras un-ido.
Elle am-ára; tinha ou tivera am-ado.	Elle mov-êra; tinha ou tivera mov-ido.	Elle un-ira; tinha ou tivera un-ido.

(AMAR)	(MOVER)	(UNIR)
P.	P.	P.
Nós am-áramos; tinhamos ou tiveramos am-ado.	Nós mov-êramos; tinhamos ou tiveramos mov-ido.	Nós un-iramos; tinhamos ou tiveramos un-ido.
Vós am-áreis; tinheis ou tivereis am-ado.	Vós mov-êreis; tinheis ou tivereis mov-ido.	Vós un-ireis; tinheis ou tivereis un-ido.
Elles am-árão; tinhão ou tiverão am-ado.	Elles mov-êrão; tinhão ou tiverão mov-ido.	Elles un-irão; tinhão ou tiverão un-ido.
Ou	*Ou*	*Ou*
Eu havia ou houvera am-ado.	Eu havia ou houvera mov-ido.	Eu havia ou houvera un-ido.
Tu havias ou houveras am-ado. &c.	Tu havias ou houveras mov-ido.	Tu havias ou houveras un-ido. &c.

Preterito Imperfeito Condicional.

S.	S.	S.
Eu am-aria.	Eu mov-eria.	Eu un-iria.
Tu am-arias.	Tu mov-erias.	Tu un-irias.
Elle am-aria.	Elle mov-eria.	Elle un-iria.
P.	P.	P.
Nós am-ariamos.	Nós mov-eriamos.	Nós un-iriamos.
Vós am-arieis.	Vós mov-erieis.	Vós un-irieis.
Elles am-arião.	Elles mov-erião.	Elles un-irião.

Preterito Imperfeito Condicional Porfazer.

S.	S.	S.
Eu haveria ou teria de am-ar.	Eu haveria ou teria de mov-er.	Eu haveria ou teria de un-ir.
Tu haverias ou terias de am-ar. &.	Tu haverias ou terias de mov-er. &.	Tu haverias ou terias de un-ir. &.

(AMAR) (MOVER) (UNIR)

Preterito Perfeito Condicional.

S.	S.	S.
Eu teria ou tivera am-ado; ou amára.	Eu teria ou tivera mov-ido; ou movêra.	Eu teria ou tivera un-ido; ou unira.
Tu terias ou tiveras am-ado; ou amáras.	Tu terias ou tiveras mov-ido; ou movêras.	Tu terias ou tiveras un-ido; ou un-iras.
Elle teria ou tivera am-ado; ou amára. &c.	Elle teria ou tivera mov-ido; ou movêra. &c.	Elle teria ou tivera un-ido; ou unira. &c.
Ou	*Ou*	*Ou*
Eu haveria ou houvera am-ado.	Eu haveria ou houvera mov-ido.	Eu haveria ou houvera un-ido.
Tu haverias ou houveras am-ado. &.	Tu haverias ou houveras mov-ido. &.	Tu haverias ou houveras un-ido. &.

Futuro Imperfeito.

S.	S.	S.
Eu am-arei.	Eu mov-erei.	Eu un-irei.
Tu am-arás.	Tu mov-erás.	Tu un-irás.
Elle am-ará.	Elle mov-erá.	Elle un-irá.
P.	P.	P.
Nós am-aremos.	Nós mov-eremos.	Nós un-iremos.
Vós am-areis.	Vós mov-ereis.	Vós un-ireis.
Elles am-arão.	Elles mov-erão.	Elles un-irão.

Futuro Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Eu haverei ou terei de am-ar.	Eu haverei ou terei de mov-er.	Eu haverei ou terei de un-ir.
Tu haverás ou terás de am-ar. &c.	Tu haverás ou terás de mov-er. &c.	Tu haverás ou terás de un-ir. &c.

(AMAR) (MOVER) (UNIR)

Futuro Perfeito.

S.	S.	S.
Eu haverei ou terei am-ado.	Eu haverei ou terei mov-ido.	Eu haverei ou terei un-ido.
Tu haverás ou terás am-ado.	Tu haverás ou terás mov-ido.	Tu haverás ou terás un-ido.
Elle haverá ou terá am-ado. &c.	Elle haverá ou terá mov-ido. &c.	Elle haverá ou terá un-ido. &c.

Modo subjunctivo.

Tempo Presente Imperfeito.

S.	S.	S.
Eu am-e.	Eu mov-a.	Eu un-a.
Tu am-es.	Tu mov-as.	Tu un-as.
Elle am-e.	Elle mov-a.	Elle un-a.
P.	**P.**	**P.**
Nós am-emos.	Nós mov-ámos.	Nós un-ámos.
Vós am-eis.	Vós mov-ais.	Vós un-ais.
Elles am-em.	Elles mov-ão.	Elles un-ão.

Presente Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Eu haja ou tenha de am-ar.	Eu haja ou tenha de mov-er.	Eu haja ou tenha de un-ir.
Tu hajas ou tenhas de am-ar. &c.	Tu hajas ou tenhas de mov-er. &c.	Tu hajas ou tenhas de un-ir. &c.

Presente Perfeito.

S.	S.	S.
Eu haja ou tenha am-ado	Eu haja ou tenha mov-ido.	Eu haja ou tenha un-ido.
Tu hajas ou tenhas am-ado.	Tu hajas ou tenhas mov-ido.	Tu hajas ou tenhas un-ido.
Elle haja ou tenha am-ado. &c.	Elle haja ou tenha mov-ido. &c.	Elle haja ou tenha un-ido. &c.

(AMAR) (MOVER) (UNIR)

Preterito Imperfeito.

S.	S.	S.
Eu am-asse.	Eu mov-esse.	Eu un-isse.
Tu am-asses.	Tu mov-esses.	Tu un-isses.
Elle am-asse.	Elle mov-esse.	Elle un-isse.
P.	**P.**	**P.**
Nós am-ássemos.	Nós mov-essemos.	Nós un-issemos.
Vós am-ásseis.	Vós mov-esseis.	Vós un-isseis.
Elles am-assem.	Elles mov-essem.	Elles un-issem.

Preterito Imperfeito Porfazer.

S	S.	S.
Eu houvesse ou tivesse de am-ar.	Eu houvesse ou tivesse de mov-er.	Eu houvese ou tivesse de un-ir.
Tu houvesses ou tivesses de am-ar &.	Tu houvesses ou tivesses de mov-er &.	Tu houvesses ou tivesses de un-ir. &.

Preterito Perfeito.

S.	S.	S.
Eu houvesse ou tivesse am-ado.	Eu houvesse ou tivesse mov-ido.	Eu houvesse ou tivesse un-ido.
Tu houvesses ou tivesses am-ado. &.	Tu houvesses ou tivesses mov-ido. &.	Tu houvesses ou tivesses un-ido. &.

Futuro Imperfeito.

S.	S.	S.
Eu am-ar.	Eu mov-er.	Eu un-ir.
Tu am-ares.	Tu mov-eres.	Tu un-ires.
Elle am-ar.	Elle mov-er.	Elle un-ir.
P.	**P.**	**P.**
Nós am-armos.	Nós mov-ermos.	Nós un-irmos.
Vós am-ardes.	Vós mov-erdes.	Vós un-irdes.
Elles am-arem.	Elles mov-erem.	Elles un-irem.

(AMAR)	(MOVER)	(UNIR)

Futuro Imperfeito Porfazer.

S.	S.	S.
Eu houver ou tiver de am-ar.	Eu houver ou tiver de mov-er.	Eu houver ou tiver de un-ir.
Tu houveres ou tiveres de am-ar. &	Tu houveres ou tiveres de mov-er. &.	Tu houveres ou tiveres de un-ir. &.

Futuro Perfeito.

S.	S.	S.
Eu houver ou tiver am-ado.	Eu houver ou tiver mov-ido.	Eu houver ou tiver un-ido.
Tu houveres ou tiveres am-ado.	Tu houveres ou tiveres mov-ido.	Tu houveres ou tiveres un-ido.
Elle houver ou tiver am-ado. &.	Elle houver ou tiver mov-ido. &.	Elle houver ou tiver un-ido. &.

§ XVI.

Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Passiva, e Media ou Reflexa.

Na Lingua Portugueza não ha *Verbos Passivos*, mas nós os supprimos com grande facilidade, ajunctando a qualquer Linguagem do Verbo Substantivo o *Participio Passivo* do Verbo Adjectivo, como: *Eu Sou Amado, Tenho Sido Amado, Hei de Ser Amado, &c.*

Quando os sujeitos dos verbos são cousas inanimadas e da terceira pessoa, tambem se forma de repente a Voz Passiva, ajunctando o reciproco *se* ás terceiras pessoas dos verbos, como: *Aqui* premea-se a *virtude*; é o mesmo que dizer: *Aqui* é premiada *a virtude*.

Tambem a Lingua Portugueza não tem *Verbos Reflexos* em forma simples, mas suppre-os, conju-

gando os verbos com os Demonstrativos Pessoaes Primitivos, postos ou antes, ou depois, ou no meio delles, como: *Eu me amo, Tu te amas, Elle se ama, Nós nos amamos, Vós vos amais, Elles se amão.*

Na posição do Demonstrativo é preciso evitar qualquer equivoco, e cacophonia. Por isso no Imperativo, e frases Interrogativas, os Demonstrativos devem ir sempre depois, como: Ama-*te* tu, Tu amas-*te*? Nos tempos que tem o accento predominante na antepenultima syllaba, devem-se pôr antes, como: Nós *nos* louvavamos. Nos Futuros Imperfeitos, e nas Linguagens condicionaes, é elegante pôr o Demonstrativo no meio, como: Amar-*me*-ei, Amar-*te*-ás, Amar-*te*-ia, &c.

§ XVII.

Dos Verbos Irregulares, e Defectivos.

Verbos Irregulares são os que se apartão das regras da conjugação Regular. Advirta-se que a differença de consoantes, e mesmo de escriptura, per si sós, *sem mudança de pronunciação*, as contracções, e mutilações de syllabas, não fazem irregularidade.

E' tambem manifesto que os verbos intransitivos não podem ter Linguagens activas, nem passivas (excepto quando tomão uma significação emprestada) e porisso não tem Participios Passivos; o que todavia não faz que elles sejão Defectivos, nem Irregulares.

CONJUGAÇÃO DOS

		1.ª	2.ª Conjugação.				
	Imps.	*Dar*	*Caber.*	*Dizer.*	*Fazer.*	*Ler.*	*Poder*
INFINITO.	Part. Imperfeito.	(1)					
	Part. Perf.			Tendo Dito.	Tendo Feito.		
	Part. Pas.		Carece.	Dito. Dita.	Feito. Feita.		Carece.
INDICATIVO.	Pres. Imperf.	Dou. *Dás.*	Caibo. *Cabes.*	Digo. *Dizes.* Diz.	Faço. *Fazes.* Faz.	Leio. *Les.* *Lê.* *Lemos.* Ledes. Leem.	Pôsso *Podes* *Póde.* *Podémos.*
	Pres. Imperativo.						
	Pret. Imperf.						
	Pert. Perf. Absoluto.	*Dei.* Deste. Deo. Démos Destes Derão.	Coube. Coubeste. Coube. Coubemos	Disse. Disseste. Disse. Dissemos	Fiz. Fizeste. Fez. Fizemos		Pude *Podeste.* Pôde Podemos.
	Pret. Perf. Relativo.	Dera. Deras.	Coubera. Couberas.	Dissera. Disseras.	Fizera. Fizeras.		
	Pret. Condicional.			Diria. Dirias. (3)	Faria. Farias.		
	Fut. Imperfeito.			Direi. Dirás.	Farei. Farás.		
SUBJUNCTIVO.	Pres. Imperfeito.		Caiba. Caibas.	Diga. Digas.	Faça. Faças.	Leia. Leias. Leia. Leiamos Leais. Leião. (4)	Possa Possas. Possa Possamos.
	Pret. Imperfeito.	Desse. Desses	Coubesse Coubesses	Dissesse. Dissesses	Fizesse. Fizesses		
	Futuro Imperfeito.	Der. Deres.	Couber (2) Couberes	Disser. Disseres.	Fizer. Fizeres.		

3.ª Conjugação.

Por.	*Querer.*	*Trazer.*	*Valer.*	*Ver.*	*Ir.*	*Vir.*
Pondo.						
Tendo.				Tendo		Tendo.
Posto.				Visto.		Vindo.
Posto.	Carece.		Carece.	Visto.	Carece.	Carece.
Posta.				Vista.		
Ponho.	*Quero.*	Trago.	Valho.	Vejo.	Vou.	Venho.
Pesõ.	*Queres.*	*Trazes.*	*Vales.*	*Ves.*	Vais.	Vens.
Põe.	Quer.	Traz.	Val, ou	*Vê.*	Vai.	Vem.
Pomos.			*Vale*	*Vemos*	Vamos,	*Vimos.*
Pondes.	(5)			Vedes	ou *Imos.*	Vindes.
Põe.				Vêem.	Ides.	Vem.
					Vão.	
Põe tu.	Quer, ou				Vai tu.	Vem tu.
Ponde	*Quere* tu.				Ide vós.	Vinde
vós.	*Querei* vós.					vós.
Punha.						Vinha.
Punhas.						Vinhas.
	Quiz.	Trouxe.		Vi.	Fui.	Vim.
Puz.	Quizeste.	Trouxeste.		Viste.	Foste.	Vieste.
Puzeste.	Quiz.	Troxe.		Vio.	Foi.	Veio.
Pôz.	Quizemos.	Trouxemos		Vimos	Fomos.	Viemos.
Pozemos				Vistes	Fostes.	Viestes.
				Virão.	Forão.	Vierão.
Pozera.	*Quizera.*	Trouxera.		Vira.	Fôra.	Viera.
Pozeras.	Quizeras.	Trouxeras.		Viras.	Foras.	Vieras.
Poria.		Traria.				
Porias.		Trarias.				
Porei.		Trarei.				
Porás.		Trarás.				
Ponha.	Queira.	Traga.	Valha.	Veja.	Va.	Venha.
Ponhas.	Queiras.	Tragas.	Valhas.	Vejas.	Vas.	Venhas.
Ponha.	Queira				Va.	Venha.
Ponha-	Queiramos				Vamos.	Venha-
mos.					Vades.	mos.
					Vão.	
Pozesse.	Quizesse.	Trouxesse.		Visse.	Fosse.	Viesse.
Pozesses	Quizesses.	Trouxesses		Visses	Fosses.	Viesses.
Pozer.	Quizer.	Trouxer.		Vir.	For.	Vier.
Pozeres.	Quizeres.	Trouxeres.		Vires.	Fores.	Vieres.

		3.ª Conjugação.			
	Impes.	*Fugir.*	*Medir.*	*Rir.*	*Vestir.*
INFIN. INDICAT. SUBJ.	Presente Imperf.	Fujo. Foges. Foge. *Fugimos.* *Fugis.* Fogem.	Meço. *Medes.*	Rio. Ris. Ri. *Rimos.* Rides. Riem.	Visto. *Vestes.* *Veste.* *Vestimos.*
	Presente Imperat.	(6)		Ri tu. Ride vós.	
	Presente Imperf.		Meça. Meças. (7)	Ria. Rias. Ria.	Vista. Vistas. Vista. (8)

Verbos Defectivos são aquelles, que falta ou algum tempo, ou alguma pessoa; e tal é o Verbo *Prazer* com seus compostos *Aprazer*, *Desaprazer*, que só tem estas vozes da terceira pessoa; *Praz*, *Prouve*, *Prouvera*, *Prazeria*, *Praza*, *Prouvesse*, *Prouver*, e seus compostos do mesmo modo. Outros

(1) Nas casas vasias as Linguagens são regulares.

(2) Por este se conjuga *Saber*, que só differe na primeira pessoa do presente do Indicativo, que é *Sei*.

(3) *Diria*, *Direi*, *Faria*, *Farei*, *Poria*, *Porei*, *Traria*, *Trarei*, e seus participios activos e passivos, não são irregularidades, mas contracções de *Dizeria*, *Dizerei*. *Poeria*, *Poerei* (do antigo infinito *Poer*) &c: O verbo *Jazer* só é irregular na terceira pessoa do presente do Indicativo, que é *Jaz*; e o verbo *Perder* na primeira Pessoa, que é *Perco*.

(4) Por este se conjuga *Crer*.

(5) *Requerer* faz *Requeiro* na primeira pessoa.

(6) Por este se conjugão *Acudir*, *Bulir*, *Cuspir*, *Construir*, *Destruir*, *Engulir*, *Sacudir*, *Subir*, *Sumir*, *Tussir*, e seus compostos.

(7) Por este se conjugão *Ouvir*, *Pedir*, *Despedir* *Impedir*.

(8) Por este se conjugão *Advertir*, *Assentir*, *Competir*, *Conferir*, *Conseguir*, *Consentir*, *Deferir*, *Despir*, *Dissentir*, *Enxerir*, *Ferir*, *Frigir*, *Mentir*. *Repetir*, *Seguir*, *Sentir*, *Servir*. Os compostos destes, e dos outros seguem ordinariamente a conjugação dos simples.

Verbos na Defectivos, que se aprenderão com o uso.

§ XVIII.

Da Preposição.

Preposição é uma parte invariavel da oração, que posta entre duas palavras, mostra que a segunda está completando a primeira, como: *Vou* para *casa* de *João*.

A *Preposição* rege, isto é, demanda depois de si uma palavra, e mostra só a relação de complemento, isto é, que ella com a palavra seguinte está completando a significação de outra palavra antecedente.

Ora esta palavra antecedente póde necessitar de Complemento, ou porque tem uma significação vaga, e então é susceptivel de restricção; ou porque tem uma significação relativa, e então precisa de um termo que lha complete: no primeiro caso a preposição com seu consequente chama-se *Complemento Restrictivo*, e no segundo chama-se *Complemento Terminativo*, como: *Vou* para *casa* de *João; para casa* é *Complemento Terminativo* do verbo *Vou*; *de João* é *Complemento Restrictivo* do nome *casa*.

As *Preposições* na sua origem forão destinadas para indicarem as *relações de logar*, e dai por analogia passárão a designar outras circumstancias, como logo veremos.

Nós temos 16 Preposições, a saber: *A*, *Ante*, *Apoz*, *Até*, *Com*, *Contra*, *De*, *Desde*, *Em*, *Entre*, *Para*, *Per*, *Por*, *Sem*, *Sob*, *Sobre*.

A Preposição *Em*, ou se exprime assim, ou simplesmente com a letra *n* juncta com o artigo, deste modo: *no*, *na*, *nos*, *nas*, indica o lugar *onde* alguma cousa existe, como: *Estar* em *casa*; e por analogia indica o tempo, como: *Estamos no inverno*.

Sobre indica o lugar *onde*, quer este logar seja

real, como: *Estar* sobre *a mesa;* quer seja virtual, como: *Disputar* sobre *alguma cousa*. Por analogia indica tambem o *espaço de tempo*, e de outras cousas, como: *Sobre* a tarde, *Sobre* queda couce.

Sob mostra o lugar *onde*, como: *Estar* sob *telha*; e por analogia dizemos: *Sob* o governo de Tiberio, *Sob* teu amparo.

Entre indica o lugar *onde*, ou real, como: *Entre* a arêa; ou ideal, como: *Entre falar e calar;* e por analogia indica o *tempo*, como: *Entre* as dez e as onze.

Ante mostra o *logar onde*, como: *Ante* os olhos; e por analogia indica *precedencia de tempo*, como: *Ante* hontem. A's vezes esta Preposição se ajuncta com outra para indicar duas relações locaes, como: *Passar* por ante *mim*, isto é, *Passar* por um logar diante de mim.

Apoz ou *Poz* mostra *o logar onde*, ou real, como: *Apoz* ás costas, isto é, *atraz das costas*; ou ideal, como: *Apoz* a fortuna vem a adversidade. Por analogia mostra *precedencia de tempo*, como: *Poz* noite o dia.

Contra indica situação fronteira, como: *Cartago* contrâ *Italia*, *Contra* a esperança, *Falar contra alguem.*

Com mostra *companhia* ou de cousas, ou de pessoas, como: *O Maranhão* com o *Pará*, *Estou* com *meus amigos.* Por analogia indica o *instrumento*, como: *Ferir* com *a espada;* o *modo*, como: *Ler* com *cuidado.*

Sem mostra *privação de companhia*, como: *Estou* sem *amigo*, *Sem* soccorro.

Se a Preposição *De* tem um antecedente de significação vaga, ella com seu consequente é um Complemento Restrictivo, que indica o *possuidor*, como: *Escravo de João;* ou a *materia*, como: *Vaso de*

outro; ou *a qualidade*, como: *Homem* de *probidade;* ou em fim o *modo*, como: *Falou desta sorte.* (36)

Se porem seu antecedente é de significação relativa, então ella com seu consequente é um complemento Terminativo, e mostra ou o *logar donde* alguma cousa vem, como: *Venho* de *casa*; ou o *principio* ou *causa donde* alguma cousa procede, como: *Nascer* da *terra*, *Morrer* de *fome.*

Desde indica um *principio* ou *parte donde* alguma cousa vem continuamente e sem interrupção, e porisso ordinariamente anda com a Preposição *Até*, como: *Desde* Maranhão *até* o Pará.

Per mostra o espaço *per onde* alguem passa, e tambem o *meio* pelo qual alguma cousa se faz, como: *Andar* per *montes e valles*, *Subir* aos cargos per *empenhos*; tambem precede o agente nas orações da voz passiva, como: *Vencido pelos inimigos.*

Por tem duas significações, uma em logar de *por causa*, e outra como se dissessemos *em logar*. Na primeira significação mostra *causa*, como: *Fazer bem* polo *amor de Deus*, *Obrar* por *interesse.* Na segunda indica *troca*, e substituição, como: *Vender gato* por *lebre*, *Comprar* por *grande preço*, *Advogar* polo *réo.* (37)

A preposição *A* indica o logar *aonde* alguem vai sem tenção de ficar, como: *Vou* a *Pernambuco*, e *dali para a Bahia.* Por analogia indica o *espaço de tempo*, como: *De hoje* a *um mez*; *attribuição*, *e termo* proximo, como: *Ser util* á *patria*; *preço*, e *proporção*, como: *Custou* a *vintem*, *Vale* a *tostão*; o *modo*, *e causa*, como: *Andar* á *pé*, *Passar* á *espada*, *Morrer* á *fome*,

Até ou *Té* indica o *termo* a que se dirige qualquer movimento, ou acção não interrompida, como: *Estudar* até *saber.*

---

(36) *Desta sorte* é Complemento circumstancial.

(37) Presentemente se confundem na pratica as duas Preposições *Per* e *Por*.

Para indica o lugar ou termo remoto e final, *para onde* se dirige qualquer movimento, acção, ou pensamento, como: *Vou* para *casa*, *Estudo* para *saber*, *A piedade* para com *Deus*. (38)

§ XIX.

Do Adverbio.

Adverbio é uma palavra invariavel, equivalente a uma preposição com seu complemento, cujas vezes faz com mais precisão, e que se ajuncta a qualquer palavra susceptivel de modificação, para a modificar com as relações de logar, tempo, quantidade, modo, qualidade &c. como: *Onde*, que é o mesmo que *No qual logar*. O termo Adverbio quer dizer *adjuncto á palavra*.

Temos Adverbios propriamente ditos, Nomes Adverbiados, e Locuções Adverbiaes. Adverbios propriamente dictos são os que ficão definidos na definição antecedente. Nomes Adverbiados são alguns substantivos e muitos adjectivos, quando se usão como Adverbios, como: Ora, Tarde, Alto, Baixo, Rijo, Barato, Conforme, &c. que é o mesmo que *Em tom alto*, *rijo*, *&c. por preço barato*, *&c.*

Locuções Adverbiaes são os mesmos Adverbios e nomes, que precedidos de uma ou mais preposições, formão expressões mais ou menos compostas, que enuncião as circumstancias proprias dos Adverbios, como: Donde, por onde, Daqui,

(38) Além destas admittem os Grammaticos mais vinte e quatro Preposições, as quaes são ou nomes com preposições, como: *A baixo*, *A cima*, *De parte* &c.; ou Adverbios, como: *Juncto*, *Conforme*, *Segundo*, &c.; ou Participios, como: *Excepto*. Nenhuma destas palavras é Preposição, e ainda que nossos Classicos usão algumas vezes de *Diante* e *Traz* como preposições, todavia as mais das vezes se servem destas palavras como de adverbios.

Ateli, De fora, Em fora, Por de traz, Por de cima, Trazantehontem, A fim, Em fim, De sorte, A torto e a direito, A's claras, De improviso, De mais a mais, Em continente, Em vão, Debalde, Por de mais, Sobre maneira, Sobre modo, De bruços, De rastos, e um sem numero de outras expressões.

Os Adverbios, como fica dicto, exprimem as circumstancias de Logar, Tempo, Quantidade, Modo, Qualidade, &c., como se pode ver nas seguintes classes, em que estão com sua analyse.

1.° Adverbios de Logar.

Onde, . . .	Em o qual logar. Em que logar?
Donde, . . .	Do qual, ou de que logar?
Algures, . . .	Em algum logar.
Nenhures, . .	Em nenhum logar.
Aqui, ...	Neste logar.
Ai, ...	Nesse logar.
Ali, ...	Naquelle logar.
A' quem, . .	Desta parte, onde estamos.
Além, . . .	Da outra parte contraria.
Cá, ...	Para este logar.
Acola, . . .	Para aquelle logar.
Arriba, . . .	No logar acima.
Abaixo, . . .	No logar inferior.
Cerca, A' cerca,	Em torno, A respeito.
Dentro, . . .	Em a parte interior.
Fóra, ...	Em a parte exterior.
Diante, . . .	Em a parte anterior.
Detraz, . . .	Em a parte posterior.
Longe, . . .	Em muita distancia.
Perto, . . .	Em pouca distancia.

2.° Adverbios de Tempo.

Quando, . . .	No tempo que, ou em que tempo.
Sempre, . . .	Em todo o tempo.

Nunca, . . .	Em nenhum tempo.
Agora, . . .	Em este tempo.
Avante, . . .	Para diante, para o futuro.
Então, . . .	Em aquelle tempo.
Antes, . . .	Em o tempo antecedente.
Depois, . . .	Em o tempo seguinte.
Hontem, . . .	Em o dia antecedente.
Hoje, ...	Em o dia presente.
Logo, ...	Em o mesmo instante.
Já, ...	Em este instante
Ainda, . . .	Até esta hora.
Cedo, ...	Em pouco tempo.
Asinha, . . .	Depressa.
Tarde, . . .	Com demora.

3.º *Adverbios de Quantidade.*

Tão, ...	Em tanta quantidade.
Quão, ...	Em quanta quantidade.
Muito, . . .	Em muita quantidade.
Mais, ...	Em maior quantidade.
Menos, . . .	Em menor quantidade.
Assaz, . . .	Em abastança.
Quasi, . . .	Com pouca differença para menos
Apenas, . . .	Com escacêz.
Cerca, . . .	Pouco mais ou menos, Quasi, Perto de.
Sequer. . . .	Ao menos.

4.º *Adverbios de Modo, e Qualidade.*

Assim, . . .	Em tal maneira.
Como, . . .	Em qual maneira.
Sim, ...	Affirmativamente.
Não, ...	Negativamente.
Talvez, . . .	Acaso.
Eis, ...	Em presença, A' vista.
Fortemente, &c.	Com força, &c.

A maior parte dos Adverbios de Qualidade se forma, accrescentando *mente* aos adjectivos de uma terminação, e á feminina dos que tem duas, como: *Prudentemente*, *Sabiamente*, que é o mesmo que *Com prudencia*, *Com sabedoria*. Quando se ajuntão muitos destes Adverbios, só pômos *mente* no ultimo, como: *Obrar prudente, sabia, e judiciosamente.*

§ XX.

Da Conjuncção.

Conjuncção é uma parte da oração, que ata e ordena entre si as oraçoes, para fazerem um corpo de periodo, e um discurso continuado.

Nós temos só oito *Conjuncçoes* propriamente dictas, a saber: *E, Mas, Nem, Ou, Pois, Porem, Que, e Se.* Mas como estas não bastão para indicar todas as relaçõés, em que as preposições estão umas para com outras, supprimos esta falta com outras palavras que tem força conjunctiva, como logo veremos.

Ha dez especies de *Conjuncções*, a saber: *Copulativas, Disjunctivas, Explicativas, Continuativas, Adversativas, Condicionaes, Causaes, Conclusivas, Circumstanciaes, e Subjunctivas.*

As *Copulativas* são: *E*, para affirmar; *Nem*, para negar. Para variar temos as frases conjunctivas *Tambem, E bem assim, Outrosim.*

As *Disjunctivas* são: *Ou*; e para variar *Quer, Ora, Já, Quando*, sempre repetidas.

As *Explicativas* são: *Como*, e estas expressões *A saber, Isto é, de sorte que, Certo que, Mormente, Principalmente, Em quanto.*

As *Continuativas* são: Pois (posposta á primeira ou segunda palavra), e estas formulas *Alem disto, Com effeito, Na verdade*, &c.

As *Adversativas* são: *Mas, Porém*, e as frases conjunctivas, *Ainda que, Isso não obstante.*

As *Condicionaes* são: *Se*, para affirmar; *Senão*, para negar; e as formulas *Como, Com tanto que, Salvo se, Excepto se, &c.*

As *Causaes* são: *Como*; e as frases conjunctivas *Por quanto, Visto que, Porque.*

As *Conclusivas* são: *Pois*, e os Adverbios conjunctivos *Logo, Donde*, e as formulas *Portanto, Por conseguinte, Pelo que, Assim que, &c.*

As *Circumstanciaes* são os Adverbios: *Tanto, Quanto, Quando, Como;* e as frases conjunctivas *Tanto que, Logo que, Como quer que, Até que.*

Em fim as *Subjunctivas* são os Demonstrativos *O Qual, Quem, Cujo*, e sobre todos o Demonstrativo conjunctivo *Que.*

§ XXI.

Das Interjeições.

As *Interjeições* são umas palavras pela maior parte de uma syllaba, que per si sós exprimem os sentimentos de que nosso espirito está occupado.

Como as *Interjeições* per si sós exprimem sentimentos, segue-se que ellas equivalem a uma oração, e mesmo a um discurso, em que os expozessemos miudamente.

O affecto ou sentimento, exprimido por cada *Interjeição*, da-se a conhecer pelo modo de quem a emprega, e pelas circumstancias em que é proferida; porque uma mesma *Interjeição* póde exprimir sentimentos differentes, e até mesmo contrarios, v. g. *Ai!* exprime *dor, e afflicção*, e tambem *alegria* e *prazer*; *Há!* exprime *satisfação*, e tambem *indignação*, como; *Ha feliz de ti! Ha raça maldicta!* Notado isto, aí vão as *Interjeições* com os affectos que exprimem.

De reparo com admiração. . . .	*Hum!* . . .
De prazer e satisfação, e tambem de Indignação	*Ha!*
De saudade, mágua, e afflicção . .	*Oh!*
De quem chora, e se lastima, e tambem de prazer.	*Ai!*
De quem se sobresalta, e admira. .	*Ahi!*
De quem pede soccorro.	*A'qui (d'elrei)*
De quem faz silencio.	*Chi! St!*
De quem exhorta e affaga. . . .	*Eia!*
De quem ri.	*Ha! Ha! Ha!*
De quem approva e dá parabem. .	*Ha! Ha!*
De aversão.	*Irra!*
De zombaria, e tambem de dôr, e espanto	*Hui!*
Para chamar simplesmente por alguem.	*O'*
Para chamar com reparo, e estranhamento	*Olá!*
Para exprimir um desejo ancioso .	*Oxalá!*
De quem anima.	*Sus!*
Para fazer parar.	*Tá!*

Assim damos por concluido o que tinhamos a dizer sobre a Etymologia, isto é, sobre cada uma das Partes Elementares da oração. E' preciso agora mostrar como dellas se faz um discurso, o que constitue o objecto da *Syntaxe*, e *Construcção*, de que trataremos no Capitulo seguinte.

CAPITULO III.

Da Syntaxe, e Construcção.

Syntaxe, isto é, Composição, é a parte da Grammatica, que ensina a compor uma oração, segundo as relações que as palavras tem umas com outras. Estas relações são ou de conveniencia, isto

é, de Concordancia; ou de determinação e dependencia, isto é, de Regencia.

A *Construcção*, isto é, a Collocação, ensina a pôr cada palavra e cada oração no logar, que lhe é destinado pelo uso da Lingua.

Do que temos dicto se vê que todo o artificio da Oração está em quatro cousas. 1.ª em saber quaes são as partes essenciaes da Oração. 2.ª em observar as regras da Concordancia. 3.ª em completar a significação transitiva das palavras que a tem, o que pertence á Regencia. 4.ª em observar as regras da Construcção, pondo cada palavra e cada oração no logar mais conveniente á força e clareza do discurso. Tractaremos de tudo isto em separado.

§ I.

Dos Elementos essenciaes da oração.

Oração ou *Proposição* é a enunciação de um attributo em um sugeito, isto é, um juizo enunciado, como: *O vicio é detestavel.*

São trez os elementos essenciaes da Proposição, a saber: um *Sujeito*, o qual é pessoa ou cousa, a que se attribue alguma qualidade; um *Attributo* que é a qualidade, que se attribue ao sujeito: um *Nexo* ou Copula, que ligue e una o *Attributo* com o *Sujeito*, como: *Deus é justo.* O sujeito, e o attributo chamão-se termos de Proposição.

Pode ser *Sujeito* da Proposição qualquer nome substantivo appellativo com artigo, ou proprio sem elle; uma proposição, e tambem qualquer parte elementar do discurso, substantivada por meio do artigo, como: *O ser pobre* não é deshonra.

O *Attributo* é sempre um adjectivo ou cousa que o valha, como: Pedro é *homem.*

O *Nexo* ou Copula é sempre um verbo, ou só,

como: *Eu sou amante*; ou encorporado com o attributo no verbo adjectivo, como: Eu *amo*.

Os Elementos essenciaes da Proposição podem ser enunciados ou com trez palavras, correspondentes a cada um, como: *Eu sou amante*; ou com duas, como: *Eu amo*; ou com uma só, como: *Amo*.

A Proposição, considerada em sua natureza, póde ser ou *Simples*, ou *Composta*, ou *Complexa*. Proposição *Simples* é a que tem só um sujeito e um attributo, como: *Pedro é sabio*. *Proposição Composta* é a que tem ou mais de um sujeito, ou mais de um attributo, ou muitos sujeitos e attributos ao mesmo tempo, como: *A virtude*, e *a sabedoria* são *estimaveis, e difficeis de se encontrar*. Esta proposição é composta de dois sujeitos, *virtude* e *sabedoria*, e de dois attributos, *estimaveis e difficeis*; mas tem um só verbo, que está servindo de nexo commum a todos elles.

A Proposição Composta inclue tantas Proposições Simples, quantos são os sujeitos, e attributos que nella estão. Pelo que a Proposição a cima contém quatro Proposições Simples, que exprimidas são estas: *A virtude é estimavel*, *A sabedoria é estimavel*, *A virtude é difficil de se encontrar*, *A sabedoria é difficil de se encontrar*.

Proposição Complexa é aquella cujo sujeito ou attributo, ou ambos os termos são modificados por alguma proposição parcial, ou por ideas a ella equivalentes; como: *O homem* sabio, *ou* que é sabio, *aborrece os vicios*.

A proposição, considerada em sua graduação no periodo, é ou Principal, ou Total subordinada, ou Parcial; pois quando se ajunctão muitas proposições, uma dellas é *Principal*, e das outras umas são *Totaes Subordinadas*, e outras *Parciaes*.

Proposição Principal é a que póde figurar per si só no discurso, porque faz um sentido completo e independente, e todas as outras proposições es-

tão dependentes della. O verbo da Proposição Principal é sempre alguma linguagem do modo indicativo, sem conjuncção, que lhe suspenda o sentido.

Proposição Total Subordinada é a que não faz parte de outra, mas tem o sentido suspenso, e dependente da Proposição Principal. O verbo da *Proposição Total Subordinada* póde estar ou no subjunctivo, ou no indicativo com alguma conjuncção suspensiva do sentido, como: *As delicias podem ter algum sabor, mas não podem ter utilidade alguma;* a primeira Proposição é a *Principal*, e a segunda é *Total Subordinada.*

Os termos de uma proposição podem ser modificados por outras palavras, que ou os expliquem, ou limitem, ou completem. Daqui nascem as *Proposições Parciaes*, que são as que fazem parte de algum termo de outra proposição.

As *Proposições Parciaes* são ou *Explicativas*, ou *Restrictivas*, ou *Integrantes*. *Proposição Explicativa* é a que desenvolve alguma qualidade, incluida já na significação de algum termo de outra proposição, como: *Deus que é justo premêa á virtude; que é justo* é uma Proposição *Parcial Explicativa*, porque faz parte do nome *Deus*, desenvolvendo uma qualidade, incluida na significação delle.

Proposição Restrictiva é a que limita alguma palavra de outra proposição, accrescentando-lhe alguma idea não incluida na significação della, como: *O homem* que é sabio *aborrece os vicios; que é sabio é* uma *Proposição Parcial Restrictiva*, porque faz parte do sujeito *homem*, accrescentando-lhe a idea de *sabedoria*, a qual de certo não está incluida na significação da mesma palavra.

Proposição Integrante é a que inteira e completa a significação tranzitiva do verbo adjectivo, isto é, do attributo nelle incluido, como: *Desejo* ser virtuoso, *Dizem* que Francisco é sabio, *Espero* que ve-

nhas hoje. Bem se vê que as significações dos verbos *Desejo, Dizem, Espero*, ficarião incompletas, e suspensas, sem as seguintes proposições.

As Proposições Parciaes levão ordinariamente no principio algum dos demonstrativos conjunctivos *Que, Qual, Quem, Cujo*. Os verbos dellas devem estar ou no infinito, ou no indicativo, ou no subjunctivo, conforme o demanda a significação do verbo determinante, como se pode vêr nas regras seguintes.

1.ª Quando o verbo do indicativo e o seguinte tem o mesmo sujeito, e entre elles não medeo conjunctivo *Que*, nem outra conjuncção, o verbo seguinte vai ao infinito impessoal, como: *Vou passear*. Quando porem o sujeito é differente, vai ao infinito pessoal, como *julgo* seres *sabedor*.

2.ª O verbo seguinte vai ao indicativo com *Que*, ou outra conjuncção, quando o verbo determinante affirma alguma cousa com toda a segurança, como são os verbos que significão Julgar, Saber, Dizer, Contar, &c., como: *Dizem* que *Francisco* é *sabio*, *Não sei se isto* é *verdade*.

3.ª O verbo seguinte vai ao subjunctivo com *Que*, se o verbo determinante affirma alguma cousa com duvida e receio por ser futura e contingente, como são os verbos que significão Duvidar, Temer, Esperar, Desejar, Mandar, Pedir, &c., como: *Pede* que te ensinem.

Periodo é o ajunctamento de muitas proposições totaes, ligadas entre si, e de tal modo dependentes, que umas suppõe necessariamente as outras, para complemento do sentido total.

Daqui se vê que havendo uma só proposição total, ainda tendo esta muitas parciaes, não ha *Periodo*; porque este deve constar ou de duas proposições totaes, ou de trez, ou de quatro; mas passando deste numero, chama-se *Oração Periodica*.

Um *Periodo* terá tantas proposições, quantos

forem os verbos que nelle estiverem: porisso contando-se os verbos, está sabido o numero dellas; e tendo-se em vista o que fica dito, conhecer-se-ha a qualidade das mesmas.

§ II.

Da Concordancia Regular.

Concordancia é a união das palavras e proposições, que tem entre si relações de conveniencia. A Concordancia é *Regular*, quando as partes concordantes correspondem exactamente áquellas, com quem concordão, sem ser necessario fazer supplemento algum; e é *Irregular*, quando é preciso fazer-se algum supplemento.

O Attributo concorda com o Sujeito, em razão do verbo, que é o nexo que une um com outro, como: *O temor* de Deus é o *principio* da sabedoria. Quando o Attributo é um appellativo, póde em genero e numero ser differente do Sujeito, como: *O bom filho* é as delicias *de seu pai*.

Mas se o Attributo é um adjectivo, deve estar na terminação e numero, accommodado ao genero e numero do Sujeito; pela razão de que o adjectivo concorda com um substantivo em genero e numero, como: *Este crávo é formoso, Estas flores são cheirosas*.

Porém se o Sujeito é nome proprio, o adjectivo não póde concordar com elle, mas sim com um appellativo da classe, a que o Sujeito pertence, como: *Pedro é sabio*, isto é, *Pedro* é homem *sabio*; *O Brazil* é *vastissimo*, isto é, *O Brazil* é *um* Imperio *vastissimo*.

Se a proposição é composta, isto é, se consta de muitos Sujeitos, ou de muitos Attributos, ou de uns e outros ao mesmo tempo; neste caso os segundos Sujeitos concordão com o primeiro, pela

identidade da conjuncção que os une, como: *A fé, esperança*, e *caridade* são virtudes theologaes.

Os Attributos concordão tambem da mesma forma os segundos com o primeiro, e todos com o Sujeito pela identidade do verbo, como: *Deus* é justo, sabio, poderoso, e perfeitissimo.

Se depois do Sujeito ou do Attributo houver *substantivos ou adjectivos continuados*, concordão todos ou com o Sujeito, ou com o Attributo, por serem palavras que, ou os explicão, ou restringem, e como fica dito, são equivalentes a proposições parciaes, e por ellas se podem resolver, como: *O homem* prudente, modesto e honrado é *estimado por todos.*

O Verbo concorda com o Sujeito em numero e pessoa, como: *O homem é racional, Os meninos brincão.*

As proposições Parciaes Explicativas, e Restrictivas concordão com suas Totaes, por meio de algum dos demonstrativos conjunctivos *Que, Qual, Quem, Cujo*, e por sua posição immediata depois da palavra que ellas modificão, como: *O homem* que é *justo não usurpa o alheio* (1).

As Proposições Integrantes que tem o verbo no indicativo ou no subjunctivo, concordão tambem com suas Totaes pelo conjunctivo *Que*, ou por

(1) Estas Proposições Parciaes não podem modificar os nomes, que antes não tiverem sido determinados por um determinativo (vid. pag. 36). Portanto é erro ajuntar incidentes a um appellativo indeterminado, como: *Antonio* é homem *que muito estimo*; deve ser: *Antonio* é um homem *que muito estimo*. Daqui vem que estas Proposições se referem naturalmente a um nome determinado, e não ao que o não está, como: *O annel* de brilhantes *que* hontem vi &c.; *que* refere-se a *annel* e não a *brilhantes*. Porisso quando na proposição antecedente ha mais do que um nome determinado, sendo elles de differente genero, usaremos de *Qual* em lugar de *Que*, ou daremos ao discurso um arranjo tal, que tire qualquer equivoco (vid. pag. 42).

meio de outra conjuncção, e por sua posição immediata depois da palavra, cuja significação ellas inteirão e completão, como: *Dizem* que a lua tem habitadores.

As proposições integrantes que tem o verbo no infinito impessoal, concordão com suas totaes pela identidade de sujeito, como: *Desejo* ser feliz. Tendo porem o verbo no infinito pessoal, concordão tambem com suas Totaes, porque são uma parte integrante dellas, como: *Julgo* seres sabedor.

As Proposições Totaes Subordinadas concordão. com a Principal, por meio das conjuncções, as quaes dão além disto seu nome ás proposições em que estão, como: *A virtude é um bem precioso*, porque nos conduz á felicidade; *porque nos conduz* &c. é uma Proposição Causal, unida á Principal pela conjuncção *porque*.

A Proposição Responsiva regular concorda com a Interrogativa em ter a mesma linguagem, e os mesmos complementos, ou relações, como: *Quem és tu? Sou Antonio; De quem é este livro? De Pedro*; isto é, *Este livro é de Pedro*.

Isto de que temos tractado são os signaes externos da concordancia, cujo fundamento é a relação de conveniencia; e porisso a razão por que as palavras e proposições concordão umas com outras, é o haver relação de conveniencia entre as ideas e juizos que ellas enuncião.

§ III.

Da concordancia Irregular por Syllepse.

Fica dicto que o verbo concorda com o sujeito em numero e pessoa, e que o adjectivo concorda com um appellativo em genero e numero. Porém ás vezes nem o verbo concorda com o sujeito que está claro, nem o adjectivo com o appellativo enun-

ciado; mas sim com uma idea que está na mente de quem falla ou escreve, como: O planeta *que no Ceu primeiro habita, cinco vezes* apressada; *Todas as* pessoas *se comem, quando se vêem* enganados; *apressada* concorda com *lua* que o auctor tinha na mente, *enganados* concorda com *homens*, pela mesma razão. Esta concordancia chama-se *Syllepse* ou *Syntese*, isto é, Concebimento, ou Combinação, e tem lugar nos casos seguintes.

Quando ha muitos substantivos de differente genero, o adjectivo deve estar ou na terminação masculina que é do genero mais nobre, ou na terminação correspondente ao genero do substantivo mais proximo, como: *Os louros* e heras por ti *honrados*, *Temor e esperança vã* (2).

Os possessivos que precedem os tractamentos politicos, concordão com elles; porém os adjectivos concordão com as pessoas, que estão na mente de quem falla ou escreve, como: Vossa Magestade, Alteza, Excellencia, Senhoria, Mercê, &c. *foi servido* (fallando-se de homem) ou *servida* (fallando-se de mulher).

Quando alguem (como os auctores, prelados, &c.) uza de *Nós* e *Vós* em lugar de *Eu* e *Tu*, o verbo deve ir ao plural, mas os adjectivos que se referem, devem estar no singular, porque se referem ao individuo que falla, como: *Antes sejamos* breve *que* prolixo (Barros).

Quando um substantivo collectivo partitivo é

---

(2) Quando um adjectivo se refere a muitos substantivos, póde concordar com um nome commum que convenha a todos os substantivos, a que o adjectivo se refere, como: *Os barris, quartos, pipas e caixões, que o mar levou* direitos á *costa de Sofala*, &c. (Couto); póde dar-se a *que* o antecedente *vasos*, e concordar com elle o adjectivo *direitos*. Porem a mente de quem falla ou escreve, é modificar com o adjectivo a cada um dos nomes; pois em taes casos sempre ha uma proposição composta de tantos juizos, quantos são os nomes modificados.

seguido da preposição *de* com um nome do plural, ordinariamente o adjectivo e o verbo vão ao plural, como: *Parte dos inimigos* forão mortos.

Porém se o collectivo é geral, o adjectivo e o verbo umas vezes vão ao singular, como: *O exercito dos inimigos foi desbaratado*; outras vezes podem ir a qualquer numero, como: *Toda a Clerezia* tinhão, ou tinha *toçhas accezas* (3).

Concorrendo muitos sujeitos, se um for da primeira pessoa, poremos o verbo na primeira pessoa do plural, como: *Eu* e *tu* estamos *bons*. Mas concorrendo sujeitos somente da segunda e da

---

(3) Parece que o verbo *Haver* no singular tem muitas vezes sujeito do plural, como: *Ha homens*, &c. Sobre isto uns Grammaticos dizem, que em taes casos o verbo *Haver* se toma impessoalmente na significação de *existir*, e que o ter elle sujeito do plural é um idiotismo da Lingua Portugueza. Outros dizem tambem, que em taes casos o verbo *Haver* se toma impessoalmente na significação de *existir*, e que o ter elle sujeito do plural, é porque assim como com os collectivos geraes se põe as vezes o verbo no plural; assim tambem com substantivos do plural tomados collectivamente, se põe as vezes o verbo no singular, como succede com o verbo *Haver* e com os que o determinão, como: *Acontece haver pessoas* que desprezão a vida. Porem ainda concedendo-se que *pessoas* seja sujeito do verbo *haver*, não se póde conceder que o verbo determinante *Acontece* tem sujeito do plural, porque a seguinte proposição *haver pessoas* &c. lhe está servindo de sujeito, e assim é em casos similhantes.

Outros Grammaticos ha que dizem, que o verbo *Haver* sempre é activo, e significa *ter*, ou *possuir*, e que isso que os outros dizem que é sujeito delle, e não é, mas sim complemento objectivo, e que em taes casos o sujeito está occulto, e deve ser do singular quando o verbo está no singular, e do plural quando o verbo é do plural, como: *Repugna* haver *em uma alma ao mesmo tempo* duas consolações contrarias, isto é, *Repugna* haver *ou* ter a natureza humana *em uma alma ao mesmo tempo* duas consolações contrarias.

Lobato diz, que em taes expressões ha Ellipse, como: *Ha muitos homens*, que amão as sciencias, isto é, *Ha numero de pessoas, que são muitos homens, que amão as sciencias*. A' vista de tantos pareceres, cada qual escolha o de que mais gostar.

terceira pessoa, o verbo deve ir á segunda do plural, como: *Tu* e *Tulia* estaes *bons*. Porem se concorrerem sujeitos só da terceira pessoa, poremos o verbo na terceira pessoa do plural, como: *A nossa liberdade, honra e vida* estão *em perigo* (4).

Concorrendo dois ou mais sujeitos, querendo nós que o attributo pertença a um só o verbo deve ir ao singular, como: *Ou eu, ou tu, ou Pedro*, ha de morrer *primeiro*, isto é, *um de nós* ha de morrer primeiro.

Quando depois de muitos substantivos continuados vem a palavra *Tudo*, ou *Nada*, o verbo deve ir ao singular, como: *Honras, dignidades, riquezas*, tudo é *vaidade aos olhos do sabio*.

§ IV.

Da Regencia Regular.

Reger é determinar e demandar alguma cousa. Somente o Verbo adjectivo, em razão do attributo, incluido nelle, o Adjectivo de significação transitiva, e a Preposição, regem outras palavras, porque as demandão e pedem depois de si.

A significação das palavras é ou activa, porque demanda um objecto em que empregue a

(4) Como o verbo no plural não póde concordar em numero com sujeitos do singular, é preciso dar-lhe um sujeito conveniente. Pelo que estando o verbo na primeira pessoa do plural, concorda com o sujeito *nós*, como: *Eu* e *tu estamos bons*, isto é, *nós ambos estamos bons*. Quando o verbo está na segunda pessoa do plural, concorda com o sujeito *vós*, como: *Tu, Pedro* e *Frqncisco* estais *bons*, isto é, *vós todos* estais *bons*. Quando depois de sujeitos da terceira pessoa do singular, o verbo está na terceira pessoa do plural, entende-se-lhe para sujeito um appellativo, que possa convir a todos os sujeitos do singular, como: *A nossa liberdade, honra* e *vida* estão *em perigo*, entende-se *estas cousas* ou *estes bens* estão &c. Bem se vê que todas estas proposições são compostas, como fica dito.

acção, que significa, como: *Amo a virtude*; ou relativa, porque demanda um termo de sua relação, como: *Util á patria*; ou activa e relativa ao mesmo tempo, como: *Pede sabedoria a Deus;* ou absoluta, porque nada pede nem demanda, como: *Homem, Livro, Pedra*, &c.

Chamão-se *Complementos* aquellas palavras, que estão completando a significação de outras, como: *Abundante de fructos*; *de fructos* é Complemento do adjectivo *Abundante*, porque está completando a significação delle; mas *de fructos* demanda tambem o adjectivo *Abundante*; e deste modo as palavras regentes e as regidas estão-se regendo mutuamente.

Os verbos que tem significação activa, devem ter um Complemento Objectivo; as palavras que tem significação relativa devem ter um Complemento Terminativo; os verbos que tem significação activa e relativa, devem ter dois Complementos, um Objectivo, e outro Terminativo. As palavras de significação absoluta são susceptiveis do Complemento ou Restrictivo, ou Circumstancial, e nestes casos as palavras de significação absoluta são regidas por seus Complementos, como: *Homem de juizo;* a palavra *homem*, nada pede nem demanda, mas o complemento de *juizo* demanda o antecedente *Homem*, e porisso o está regendo.

A Regencia é *Regular* quando as palavras regentes estão com seus devidos complementos, e estes com seus antecedentes; e é *Irregular* quando falta alguma cousa destas. De tudo isto havemos de tractar, depois de dizermos alguma cousa sobrê o Vocativo.

Vocativo.

O *Vocativo* é destinado para chamar, e excitar a attenção da pessoa com quem se falla. Elle sempre é sujeito de um verbo na segunda pessoa, e quan-

do o não tem claro, sempre se lhe entende um dos imperativos *Ouve, Attende,* ou do plural *Ouvi, Attendei,* como: *O' Melibeu um Deus foi quem nos deu este descanço,* isto é, *O' Melibeu ouve-me &c.* O Vocativo dá-se a conhecer por estar entre pausas, ou só, ou com a interjeição vocativa O, como se vê no exemplo a cima.

Complemento Objectivo.

Complemento Objectivo é toda a palavra ou oração, sobre que o verbo activo emprega a acção que significa, como: *Amo a virtude, desejo instruir-me.* (5).

Se o Complemento Objectivo é um nome de pessoa, ou de cousa personificada, sempre leva a preposição *a,* como: *Eneas matou* a *Turno*; mas os demonstrativos pessoaes primitivos não levão preposição, porque tem casos, como: Pedro *Offendeo-me.* O Complemento Objectivo em qualquer proposição, conhece-se bem, porque é a resposta dada á pergunta *O que?*

As proposições da voz activa podem-se mudar para a passiva deste modo: o Complemento Objectivo passa para sujeito, o verbo passa para a voz passiva, e o sujeito da voz activa fica na passiva com a preposição *por* ou *de* antes de si, como: *Antonio ama as sciencias;* na passiva diremos: *As sciencias são amadas por Antonio* (6).

---

(5) E' preciso mostrar aqui aos Principiantes que estas proposições de verbo activo constão, como todas as outras, de sujeito, verbo, e attributo; fazendo-lhes ver quê o Complemento Objectivo não é outra cousa senão o complemento do attributo incluído no verbo, como: *Eu amo a virtude,* isto é, *Eu sou amante da* virtude.

(6) O Sujeito é tambem Agente, quando exercita a significação dos verbos que significão acção; porque a palavra *Agente* quer dizer *O que obra alguma acção;* e por consequen-

Complemento Terminativo.

Complemento Terminativo é toda a palavra ou oração, pedida por outra palavra de significação relativa, como: *Ser util* á patria, *Venho* de casa, *Abundante* de fructos, &c. Na Lingua Portugueza as preposições são os signaes destes Complementos.

Só os casos *me, nos, te, vos, se,* não levão preposição; e quando se ajuntão a verbos activos somente, são Complementos Objectivos dos mesmos; quando porem se ajuntão a verbos ao mesmo tempo activos e relativos, ordinariamente são Complementos Terminativos, como: *Deo*-me *um livro*; pois é o mesmo que *Deo* a mim *um livro. Lhe e lhes* é sempre Complemento Terminativo, como: *Fiz*-lhe *um favor*, é o mesmo que *Fiz* a elle *um favor.*

Toda a palavra ou oração com preposição, pedida por outra palavra de significação relativa, é um Complemento Terminativo.

Complemento Restrictivo.

Complemento Restrictivo é toda a palavra ou oração com a preposição de, posta immediatamente depois de um appellativo de significação vaga e absoluta, como: *Livro de Pedro.*

Complemento Circumstancial.

Complemento Circumstancial é qualquer palavra ou oração, regida de preposição, que se ajunta a

---

cia este nome de *Agente* só em taes casos póde convir ao *Sujeito.* Este perde o nome de *Sujeito*, quando a proposição é mudada da activa para a passiva, mas conserva o de *Agente* porque por meio delle é que a acção do verbo é empregada no *Sujeito* da proposição na voz passiva, vindo por esta razão o *Sujeito* a ser paciente ou recipiente da acção do verbo na voz passiva.

algum verbo ou adjectivo, cuja significação não demanda complemento algum, como: *Pedro morreo* em Agosto, por falta de tratamento, e á pura necessidade, com grande magua de seus amigos.

Os Complementos Circumstanciaes indicão varias circumstancias, como o Modo, Tempo, Logar, Preço, a Causa, Companhia, &c., o que facilmente se conhecerá pela significação dos antecedentes e consequentes das preposições. Quando, por exemplo, eu digo: *Moro com Antonio, Estudo com cuidado*; *com Antonio* indica uma circumstancia de Companhia, e *com cuidado* indica o modo.

Tanto nos Complementos Circumstanciaes, como nos Terminativos, é preciso que não haja impropriedade no uso das preposições, como: *Passar com a espada*, em logar de *passar á espada*.

§ V.

Da Regencia Irregular por Ellipse.

Temos dito que a proposição, para ser inteira, deve ter um sujeito, um verbo, e um attributo; e que os elementos da proposição, sendo transitivos, devem estar com seus devidos complementos, e estes com seus antecedentes.

Todas as vezes que faltar á proposição qualquer destas partes, ha *Ellipse*, isto é, Falta, que é uma *figura* pela qual se cala alguma palavra ou palavras, necessarias para a integridade Grammatical da proposição, mas não para sua intelligencia. Pois assim como é preciso cortar pelo superfluo, assim tambem não é permittido faltar com o necessario, para que o sentido fique sendo claro e distincto, havendo attenção ás pessoas a quem se falla, ou para quem se escrevè.

Assim, para que a Ellipse não seja viciosa, é preciso que se calem só aquellas palavras, que ou

a razão, ou o uso da Lingua suppre com facilidade, como succede nos casos seguintes.

A's vezes o verbo, ou nome de uma proposição, se ha de entender em outra, como: *Chegárão dois navios, um de Pernambuco, e outro da Bahia*, isto é, *Chegárão dois navios, um* navio chegou *de Pernambuco, outro* navio chegou *da Bahia.*

Quando o adjectivo está só, entende-se-lhe um substantivo, como: *Os sabios*, isto é, *Os* homens *sabios.*

Quando o sujeito da proposição está sem um determinativo, entende-se-lhe um artigo, ou o determinativo *alguns*, como: *Gente ambiciosa nem sonhar que outrem val póde soffrer.*

Entende-se um antecedente a todo o relativo que o não tem, como: *Depois* que *estive doente*, isto é, *depois* do tempo em que *estive doente; Desejo* que *venhas*, isto é, *Desejo* isto, que é, *venhas* (7).

Entende-se um sujeito a todo o verbo que o não tem. Pelo que nas primeiras e segundas pessoas entende-se *Eu*, e *Tu* para o singular, *Nós*, e *Vós* para o plural; e nas terceiras pessoas dos verbos que dizem respeito a todos os homens, entende-se o sujeito *homens*, como: *Dizem que Pedro é bom* estudante, isto é, *Os homens* dizem que Pedro é bom estudante (8).

---

(7) Nestas frases: *Quanto custa' este livro? Como vão as cousas? A onde vais tu? Porque? Que esperas tu? Qual dos dois?* &c. em todas, digo, se entende a frase imperativa *Dize-me o preço* porquanto; *O modo* como; *O lugar* a onde; *A razão* por que; *A causa* que; *Aquelle dos dois*, o qual, &c.

(8) Sendo terceira pessoa dos verbos, chamados impessoaes, entende-se um sujeito tirado da significação delle, ou outro conveniente, como: *Vive-se, Dorme-se, Joga-se*, entende-se *Vida, Jogo, Somno. Chove, Troveja*, &c. entende-se *A chuva, O Ceo* ou *Deus*, ou *A natureza. Peza-me, Praz-me, Cumpre, Releva, Importa*, de ordinario servem-lhe de sujeito as proposições seguintes, como: *Cumpre-te* não ser ingrato.

Entende-se um verbo a toda a proposição, que o não tem, como: *Bons dias*, isto é, *Deus te* dê bons dias; *Bem vindo*, isto é, *Sejas* bem vindo; *A Deus*, isto é, *Peço a Deus que te guarde*; *Até logo*, isto é, *Até logo te espero*; *Ah! feliz de ti!* isto é, Ah feliz! *fallo de ti.*

A toda a palavra de significação transitiva se deve entender seu complemento, quando o não tem, como: *A sabedoria é util, a ignorancia prejudicial*, entende-se *aos homens*; *Os meninos devem estudar*, entende-se a *lição* (9).

A todo o verbo do subjunctivo se deve entender um do indicativo, se o não tem, como: *Praza a Deus*, isto é, *Desejo que* praza a Deus.

A todo o complemento terminativo ou circumstancial, que não tem preposição clara, entende-se uma conveniente, como: *Os escravos de Pedro forão avaliados a cem mil reis cada um*, isto é, *por* cada um; *El-Rei D. Manoel viveo* cincoenta e cinco annos, *e reinou* vinte e sete, isto é, *por* cincoenta e cinco annos, e *por* vinte e sete; *Meo pai morreo* o anno passado, isto é, *em o anno passado* &c.

Assim como o discurso fica muito mais natural, quando não está sobrecarregado de palavras desnecessarias para sua intelligencia; assim tambem pode ás vezes ficar mais energico e expressivo, tendo algumas palavras de mais pela figura *Pleonasmo*, a qual consiste em ter a proposição mais palavras, do que as necessarias para sua perfeição, como: *Eu* mesmo *o ouvi* com estes ouvidos. Só usa-

(9) A' preposição *de* quando não é restrictiva, entende-se um antecedente de significação relativa, se o não tem, como: *Barril de manteiga*; *Copo de agua*; *Pipa de vinho*; *Navio de Escravos*, &c. isto é, *Barril* cheio *de manteiga*; *Copo* cheio *d'agua*; *Pipa* cheia *de Vinho*; *Navio* carregado *de escravos* &c. *Choro de gosto*, isto é, *por causa de gosto*. Nas linguagens porfazer entende-se *resolução*, *tenção*, *necessidade* &c., como: *Heide estudar*, isto é, *Hei-tenção de estudar*.

remos desta figura ou para dar maior vivacidade ao discurso, ou para o fazer mais harmonioso, pois do contrario será um vicio chamado *Perissologia*, o qual é preciso evitar, como: Elle recuou *para traz*.

Não é menos preciso evitar o *Solecismo*, isto é, Discordancia, que é não observar as regras ou de Concordancia, ou de Regencia; porque despresadas estas, as palavras não condizem umas com outras, como dizer: *Esta dia*, em logar de *Este dia*; *Os homem*, em logar de *Os homens*; *Elles ama*, em logar de Elles *amão*; *Desejo sejas honrado*, em logar de *Desejo que sejas honrado*; *E' necessario de ter amor a Deus*, em logar de *E' necessario ter amor a Deus*; *Acostumar-se de estudar*, em logar de *Acostumar-se a estudar*. &c.

Tambem ha Solecismo quando as conjuncções copulativas unem sujeitos, ou attributos, ou complementos, pertencentes a differentes verbos, como se vê nestes versos de Camões:

. . . . Que forão dilatando
A Fé, o Imperio, *e as terras viciosas*
D'Africa e d'Asia andaram devastando:

Concorrendo substantivos de differentes generos e numeros, principalmente não sendo synonimos, é necessario pôr o artigo ou outro determinativo a cada um. Isto mesmo se deve fazer com os adjectivos de significações oppostas. Pelo que erra quem diz: Os Pais e mãis, seu pai e mãi; pois deve dizer: Os Pais e as mãis, seu pai e sua mãi. Jacyntho Freire dice: *Onde se consumem com os successos prosperos, e adversos;* mas deveria dizer: com *os successos prosperos, e com os adversos.*

Da Construcção.

Do bom arranjamento das palavras depende absolutamente a clareza e força da expressão. Pelo que é preciso saber em que logar devemos pôr

cada porção do discurso, para construirmos um todo, cujas partes em harmonia, se ajudem, esclareção, e se aformosèem mutuamente. Isto faz o objecto da Construcção, a qual ensina a pôr as partes da oração e do discurso no logar competente, segundo o uso e gôsto de cada Lingua.

A Construcção é ou *Direita*, ou *Invertida*, ou *Transposta*. Construcção *Direita* é aquella em que o sentido nunca fica suspenso, porque se vai percebendo á medida que se vai ouvindo ou lendo, como: *As injustiças e todos os males nascem de perverter-se a ordem das cousas.*

Construcção *Invertida* é aquella, cujo sentido está suspenso, porque é preciso esperar por outras palavras, como: *De perverter-se a ordem das cousas nascem as injustiças, e todos os males*, &c.

A Construcção é *Transposta*, quando as palavras que devem estar unidas, se apartão, mettendo-selhes outras no meio. Esta Construcção póde ter logar tanto na Construcção Direita como na Invertida.

§ I.

Da Construcção Direita.

Quando a proposição é simples, primeiro está o sujeito, depois o verbo, e depois o attributo, como: *A velhice é doença*. Mas nas proposições interrogativas, nas do infinito, e nas imperativas, o sujeito vai depois do verbo, como: *Posso eu fiar-me no que dizes? Sê tu mais franco*, &c.

Em todas as Construcções quando a proposição é composta de muitos sujeitos, seguiremos nellés a ordem de sua dignidade, se entre elles houver differença, como: *Eu, Tu, Elle; O Rei, e o povo; O pai, o filho, e a filha; Cidades, Villas, e logares.*

Quanto aos verbos e attributos, iremos das cousas menores para as maiores, quando affirmar-

mos, como: *Eu sempre te protegi; sempre te beneficiei; sempre te doei; e muitas vezes te salvei tambem a vida*: mas quando negarmos, iremos do mais para o menos, como: *Tu nunca me salvaste a vida; nunca me déste nada; nunca me beneficiaste; nunca me protegeste.*

Quando o sujeito, ou o attributo é modificado por algum adjectivo, se este é determinativo deve ir antes, como: *Todo o homem;* se é restrictivo deve ir depois, como: *Homem honrado*; e sendo explicativo, póde ir antes ou depois do substantivo, como: *O brilhante Sol,* ou *O Sol brilhante.*

O complemento restrictivo sem artigo, deve ir depois do appellativo, como: *Homem de bem;* mas com artigo, póde ir antes ou depois, principalmente no verso, como: *Os revezes da fortuna,* ou *da fortuna os revezes.*

Em todas as Construcções, os adverbios de quantidade devem ir antes do adjectivo, como: *Muito douto;* os de qualidade podem ir antes, ou depois, como: *Firmemente creio,* ou *Creio firmemente.*

O complemento objectivo, quando não leva preposição, vai depois do verbo; depois o terminativo, quando o ha; e depois deste ás vezes vai o fim da acção, como: *Ensino Grammatica aos meninos para utilidade delles.* Porem se o complemento objectivo leva preposição, ou se é algum dos casos *me, te, nos, vos, se, o, a, os, as,* póde sem equivoco ir antes ou depois do verbo, como: *A Turno matou Eneas,* ou *Eneas matou a Turno,* (a primeira construcção é invertida) *Pedro* nos *ama,* ou *Pedro ama-nos. Que, Qual, Quem,* vão antes do verbo, quando servem de complemento objectivo, ou terminativo.

Os casos *me, te, nos, vos, lhe, lhes,* estão sempre antes do complemento objectivo, quando andão com verbos ao mesmo tempo activos e relativos, como: *Elle* me *deo um livro,* ou *Deo-me um livro.* Esta doutrina, e a exposta sobre o comple-

mento objectivo, é para todas as Construcções.

O objecto, termo e fim da acção do verbo, podem trazer comsigo outros complementos, e modificações; e neste caso é preciso arranjal-os, como ensinão as duas regras seguintes:

1.ª Nunca pôr depois do verbo mais que dois, até trez complementos, e se ha mais pôl-os antes.

2.ª Ordenar estes mesmos complementos, pertencentes á mesma palavra, de maneira que o mais curto vá immediato á palavra, a que serve de complemento, e ir seguindo nos mais esta mesma regra, de modo que o mais comprido fique para o fim, como: *Principiada a guerra, ó Cezar, e feita já tambem em grande parte, de pensado e vontade propria, sem que ninguem a isso me obrigasse, me fui meter no partido, que tinha tomado as armas contra ti.*

Quanto ao logar das proposições no corpo do periodo, a principal é a primeira na Construcção Direita, e depois as subordinadas; porem isto nem sempre convem; e é preciso então seguir a Construcção Invertida, da qual trata o seguinte §.

§ II.

Da Construcção Invertida.

A Construcção é *Invertida*, quando o sentido do que está primeiro, depende do que vai depois, e porisso nesta Construcção está o nosso espirito sempre suspenso á espera das palavras seguintes, para entender o sentido das antecedentes.

Esta maneira de construir o discurso chama-se *Anastrophe* ou Inversão; porque nesta Construcção occupão o primeiro logar as palavras, que na Construcção Direita occupavão o segundo; nesta se diz, por exemplo: *Sua ambição estimula-os a tão ardua empreza;* na invertida porem diz-se: *A tão ardua empreza os estimula sua ambição.*

E' viciosa toda a Construcção em que o sentido fica ou difficil de se perceber, ou escuro, ou equivoco, ou absurdo, como: *O homem* todo *é mortal*; e *Naquelle Deus* que o mundo *governa:* o primeiro exemplo é absurdo; o sentido do segundo se não está escuro e equivoco, é porque a frase o não permitte, mas nem porisso ella deixa de ser viciosa: porque não é permittido pôr o complemento objectivo antes do verbo, senão nos casos apontados a cima.

Quando o verbo é passivo póde estar no fim da proposição, como: *Nunca a temeridade com a sabedoria se mistura, nem a conselho o caso é chamado.* Mas quando o verbo é activo, a Lingua Portugueza gosta mais de o pôr á frente da proposição com o sujeito e attributo depois, como: *Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes.*

As Construcções Invertidas são muitas vezes necessarias, para conseguir estes sete fins: 1.° para aproximar ao objecto as ideas que lhe são relativas, como: Cujo nome os Africanos ouvião *com temor, e nós com reverencia.* 2.° para evitar ambiguidades, como: *De todos os homens*, este é o mais digno de compaixão. 3.° para contrastar ideas e pensamentos, uns com outros, como: Elles tinhão a vantagem do *numero*, a do *logar* os nossos. 4.° para ajuntar e coordenar em uma proposição total muitas parciaes, e em um periodo muitas totaes. 5.° para variar a forma do discurso, e evitar a monotonia das construcções. 6.° para presentar á vista, onde mais comvem, as ideas importantes, como: *A tão honrados Turcos e valentes Janisaros*, como estaes prêsentes, toca acudir pola honra da vossa gente. 7.° para dar ao discurso mais suavidade e harmonia.

Daqui se vê que a Construcção Invertida é tão natural, como a Direita; não só por ser muitas vezes necessaria, mas tambem porque uma, e outra

se conformão igualmente com o pensamento; pois que nelle não ha successão nas ideas relativas, ha sim ligação; e tão ligadas estão as ideas na Construcção Direita, como na Invertida; com tanto que as ideas relativas se não separem, mettendo-se-lhes no meio outras que não continuem a mesma relação, como succede na Construcção Transposta, propriamente dicta, a qual pouco logar pode ter na Lingua Portugueza, como passamos a mostrar.

§ III.

Da Construcção Transposta.

A Construcção é *Transposta*, quando *as palavras* que devem estar unidas, *se apartão mettendo-se-lhes* no meio *outras* ou da mesma relação, como se vê nesta mesma regra, ou de differente, como: *Em versos* divulgado *numerosos*. Este modo de construir chama-se *Hyperbato*, isto é, Transposição, ou Ordem Interrupta.

A Lingua Portugueza não admitte senão aquellas Interrupções que o são impropriamente; como succede quando *duas palavras*, ou concordadas, ou regidas, *se apartão*, mettendo-se-lhes no meio outras, que modificão algumas dellas.

Pelo que não é permittido separar o adjectivo do seu substantivo, se não com alguma palavra que modifique o mesmo objectivo, como: *O amor* verdadeiramente *paternal; Mares* nunca dantes *navegados*. Porisso é muito para estranhar o seguinte verso de Camões:

. . . . . Que em *terreno*
Não cabe o altivo peito, *tão pequeno*.

Entre o nome substantivo e a incidente que o modifica, póde metter-se um adjectivo, ou complemento restrictivo, com tanto que não haja equivo-

co, como: *O Cidadão* benemerito, ou de merecimento, *que serve a sua Patria, &c.*

Entre o verbo e o termo de sua relação pódem-se metter algumas palavras, com tanto que não sejão muitas, como: *A um Cidadão* honrado, como tu es, *cumpre, &c.*

Muitas vezes entre o sujeito e o verbo se mettem adjectivos, ou incidentes, que modificão o mesmo sujeito, como: *Todo o homem* que ama a verdade, e deseja sinceramente acertar, *não deve dar ouvidos a lisongeiros.*

E' costume não metter entre o complemento objectivo e o verbo, senão algum adverbio, ou alguma pequena circumstancia, pertencente ao mesmo verbo, como: *Estudo* com cuidado ou cuidadosamente *a lição;* mas não posso dizer: *Estudo* mais do que em outro tempo estudava *a lição.*

Entre a preposição e seu antecedente, póde metter-se alguma palavra que continue a mesma relação, como: *O Cabo* chamado *das tormentas;* mas não se tolerão palavras de differente relação, como em Camões:

A grita se levanta ao Céo, *da gente.*

Em fim, todas as regras das Transposições na Lingua Portugueza, estão comprehendidas nas seguintes palavras: Entre duas palavras ou concordadas ou regidas, nunca se metta senão alguma pequena circumstancia, ou algumas palavras, e essas poucas, que modifiquem uma das palavras concordadas ou regidas.

Do desprêso desta regra nascem as *Syncheses*, isto é, as Misturas e confusões das palavras no discurso, como se vê em Mousinho em seu Affonso Affricano:

Entre *todos* co' dedo era notado
Lindos moços de Arzila, em galhardia.

Isto é: *Com o dedo era notado em galhardia entre todos os lindos moços* de *Arzila.*

Em Franco Barreto:

Por ver em que montanhas se dos mares
Livrou, *anda vagando em que logares.*

Isto é: *Por ver em que montanhas, e em que logares anda vagando, dos mares se livrou.*

Em Ferreira:

Os louros e heras, de que coroados
Serão *Os bons Poetas*, ja crescendo
Soberbamente vão, *por ti honrados.*

Isto é: *Ja crescendo soberbamente* vão *os louros e heras, de que serão coroados os bons Poetas*, por ti honrados.

Estão em fim expostas compendiosamente a Orthoepia, Etymologia, Syntaxe, e Construcção. Resta-nos pois a Orthographia, de que exporemos somente as noções mais geraes no Capitulo seguinte.

ORTHOGRAPHIA DA LINGUA PORTUGUEZA.

Introducção.

Não sei por que fatalidade muitos homens se tem esmerado em contrafazer a natureza das cousas, dando-lhes taes voltas, que por mais clara, simples e facil que seja qualquer materia, fica sendo escura, dificil, e até as vezes mysteriosa. Ninguem ha que desconheça a simplicidade e singeleza natural da Escriptura propria da Lingua Portugueza. Com tudo este systema de Orthographia, por ser de facillima comprehensão, foi substituido por outros dependentes por uma parte do capricho, e por outra de tantos conhecimentos, que mui poucos de entre nós podem ler e escrever sua propria Lingua. Fallo da Orthographia Usual, que umas vezes segue as Etymologias; outras a Pronunciação; e outras vezes nem as Etymologias, nem a Pronunciação.

A Orthographia Etymologica tem regras, é verdade, porém é mais difficultosa do que muitos pensão; porque é necessario saber não só a Lingua Latina, a Grega, e a Hebraica, mas tambem outras muitas, donde a Lingua Portugueza tem igualmente recebido um grande numero de palavras. E' muito louvavel que os sabios examinem essas derivações, para esclarecerem a nossa lingua, e facilitarem a intelligencia e o estudo da mesma, conservando na pronunciação e na escriptura os vestigios, que indicão a origem e analogia das palavras. Porém como estes vestigios estão mais nos sons, de que os vocabulos se compõe, do que nas letras que o representão; parece razoavel que os Sabios se

deverião contentar com escrever os vocabulos como os pronuncião, e só com os caracteres do Alphabeto Nacional porque, a se escreverem os vocabulos, como se escrevêrão ou se escrevem nas Linguas, donde os trouxemos para a nossa, será preciso introduzir nella caracteres de muitos Alphabetos estrangeiros, e constituir assim a maioria da Nação na impossibilidade de ler e escrever sua propria Lingua. Este é verdadeiramente o estado actual da maior parte de nossos concidadãos.

Tem sido até agora inuteis os clamores de nossos Philologos mais abalisados, e amigos da Instrucção Publica. Estes dizem que aos Sabios pertence fixar a verdadeira pronunciação da Lingua, e escrevel-a como a pronuncião; que aos mais cumpre rectificar a pronunciação com o estudo da Grammatica da Lingua, com a lição dos escriptores della, e com a communicação dos que a fallão com pureza; e depois escrever como pronuncião. Este Systema é o da Orthographia Philosophica ou da Pronunciação, no qual estão reunidas em conformidade as derivações, a pronunciação, e a escriptura. Este Systema é sem contradição o de menos inconvenientes; pois não se póde negar que em se escrevendo como se pronuncia, sem caracteres ociosos e estrangeiros, todos saberão ler: muitos escreverão com certeza: e o resto escreverá com menos erros, do que até agora.

Mas todas estas e outras poderosas razões tem sido postergadas, e o continuarão a ser. Pelo que neste brevissimo Tractado se acharão expostos os tres Systemas de Orthographia, para cada qual escolher o de que mais se agradar.

CAPITULO IV.

Da Orthographia da Lingua Portugueza.

Orthographia é a Arte que ensina a escrever

certo. (1) Ha tres Systemas de Orthographia, a saber: *Orthographia Etymologica*, *Orthographia Usual*, e *Orthographia Philosophica* ou *da Pronunciação*.

A Orthographia Etymologica manda escrever não só os sons, com que pronunciamos os vocabulos, mas tambem os que elles tiverão, ou tem nas Linguas donde os houvemos; como o vocabulo *Orthographia*, que escripto deste modo, representa não só os sons com que o pronunciamos, mas tambem os que teve na Lingua Grega, donde o recebemos.

A Orthographia Usual quasi que não tem regra alguma que mereça este nome (excepto as que são communs a todas as Orthographias); porque umas vezes segue as Etymologias, e outras simplesmente o capricho; nem ella é um systema; é sim um aggregado de inconsequencias. (2)

A Orthographia da Pronunciação ou *Philosophica* ensina a escrever com as letras do Alphabeto Nacional, que forem indispensaveis, para representar os sons de que se compõe os vocábulos no uso vivo da Lingua; como o vocabulo *Ortografia* que escripto deste modo, representa justamente os sons com que o pronunciamos.

---

(1) Como se ha de averiguar se uma palavra está ou não escripta com certesa? Responder-me-hão que é comparando a escriptura com seo objecto. Mas, qual é esse objecto? Póde ser que me digão que são os sons de que se compõe os vocabulos. Se isto assim fôra, a arte de escrever certo seria mui facil; pórem infelizmente a certeza da escriptura é relativa não ao vocabulo, mas sim á vontade dos Orthographos; isto é, a escriptura deve representar não os sons dos vocabulos, mas sim as opiniões dos Grammaticos: de maneira que no Systema Etymologico, um vocabulo está bem escripto, se está cheio de letras ociosas e estrangeiras, para representar as Etymologias; no Systema da Orthographia Usual, está certo um vocabulo, se umas vezes se conforma ás Etymologias, e outras ao capricho. No Systema Philosophico, está bem escripto um vocabulo, se a escriptura representa fielmente seu objectivo real, isto é, os sons de que o mesmo vocabulo se compõe.

(2) Este systema está presentemente em desuso, e foi substituido pelo Etymologico.

A *Orthographia Etymologica*, e a Usual estão muito fóra do alcance da maior parte da Nação. Todos podião usar da *Orthographia da Pronunciação*; e assim haveria unidade de Systema, a qual tanto nisto, como em tudo, é muito para desejar. No entanto aqui se acharão as Regras communs a todas as Orthographias, e as que são particulares a cada Systema.

§ I.

Regras Communs a todas as Orthographias.

REGRA 1.ª

As palavras nativas da Lingua Portugueza devem ser escriptas com as letras do Alphabeto Nacional. Destas letras já tractamos na Orthoepia.

Nunca se dobrão as letras no principio, e fim dos vocabulos. Os antigos dobravão as vogaes finaes, quando as pronunciavão com accento agudo, ou circumflexo, como: *See*, *Mercee*; nós porém escrevemos Sé, *Mercê*. Em *Enjôo*, *Vôo*, *Môo*, &c., dobrão-se as vogaes, porque se pronuncião.

Não é razoavel metter nos vocabulos letras que lhes não competem nem por derivações, nem por motivo da pronunciação; e porisso não é justo escrever *Hum*, *He* com *H*, porque estes vocabulos o não tem na sua origem (*Unus*, *Est.*) (3).

Nunca se escreve letra grande no meio e fim dos vocabulos.

Escreve-se com todas as letras grandes os titulos de qualquer livro, as inscripções de qualquer obra ou sepultura, a primeira palavra por que se

(3) Lemos com attenção as razões que em sua Grammatica Analytica, impressa em 1831, dá contra esta doutrina um sectario da Orthographia Usual; porém não lhes conhecemos solidez, e porisso não admittimos as regras que elle dá, porque são fundadas no arbitrio.

principia a tractar qualquer materia. O Santissimo Nome de JESUS tambem se escreve com todas as letras grandes, por motivo de respeito e veneração. Tudo isto porém é na letra redonda, pois que em letra de mão, escreveremos todas estas palavras só com a primeira letra grande.

Escrevem-se com a primeira letra grande as palavras seguintes: 1.º A primeira palavra depois de ponto final ou simples, ou de interrogação, ou de exclamação, e tambem a primeira palavra de cada verso, e a primeira palavra de qualquer discurso que se relata de outrem, ainda que precedão só dois pontos.

2.º Todos os nomes proprios, ou sejão de pessoas; como: *Cezar*; ou de cousas, como: *Brazil, Tejo*; ou de appellidos, como: *Souza, Menezes;* ou de artes e sciencias, como: *Theologia, Grammatica, Logica*; e os nomes que significão os professores dellas, como: *Theologo, Grammatico, Logico*; ou sejão nomes de mezes, como: *Janeiro*; ou nomes patrios, e gentilicos, como: *Brazileiro, Maranhense*, &c.

3.º Qualquer palavra que faz o objecto principal do discurso, como: *Lei, Alvará*, &c. Os tractamentos politicos, como: *V. M., Exc.ª, S.ª* &c. Os appellativos que significão ou titulos de honras, dignidades, ou gráus de parentesco, tambem se escrevem com letra grande, quando estes nomes são applicados a pessoas particulares, como: *Rei, Bispo, Pai, Mãi, Primo*, &c. Finalmente, as palavras que dizem respeito immediatamente a grandes pessoas, como: S. M. *Ordena* que se *Lhe* enviem &c.

Regra 2.ª

As palavras susceptiveis de duas significações, devem ser notadas com um accento para distincção, quando isto podér ser, como: *Pregar*, segurar com prego, e *Prégar*, annunciar verdades religiosas.

Em quanto aos preteritos e futuros do singular, é preciso distinguil-os com um accento, como: *Amára, Amará*; mas no plural bastará accentuar constantemente os preteritos, para os distinguir dos futuros, pois que nestes se não póde pôr accento, porque o lugar delle está occupado com o til, como: *Amárão, Amarão*. Em quanto ás palavras que se não podem distinguir, como: *Rio*, nome, *Rio*, verbo, o contexto do discurso mostrará a significação dellas, bem como póde mostrar o das outras acima.

Quando alguem duvidar se ha de escrever *e*, ou *i*, *o*, ou *u*, observe se estas vozes vem antes de syllaba aguda, ou depois. Se vem antes, é preciso conjugar essa palavra, sendo verbo, até que a voz confusa se faça distincta; e sendo nome, é preciso procurar-lhe sua derivação, a qual mostrará a letra com que se deve escrever, v. g: quem não souber com que vogaes deve escrever as primeiras syllabas dos verbos *Ciar*, *Cear*, *Moer*, *Soar*, *Suar*, ponha estes verbos no presente do indicativo deste modo: *Eu cio*, *Eu ceio*, *Eu môo*, *Eu sôo*, *Eu suo*, e ficará sem duvida alguma. Sendo nome, sua origem mostrará com que vogaes o devemos escrever; pois se, por exemplo, escrevemos *Asseado*, *Fofice*, *Pomar*; &c., é porque dizemos *Asseio*, *Fofo*, *Pomo*, &c.

Vindo porem as ditas vozes confusas depois da syllaba aguda, a que sôa como *i*, escreva-se com *e*, como: *Prudente*; e a que sôa como *u*, escreva-se com *o*, como: *Antonio*, *Marcos*, &c. Em quanto aos dithongos, logo fallaremos.

Regra 3.ª

Os nossos cinco sons vogaes nasaes podem escrever-se ou simplesmente com o til por cima, deste modo: ã, ẽ, ĩ, õ, ũ; ou com *m* adiante, sendo a ultima syllaba de um vocabulo, como: *Som*, ou fi-

cando antes de *B*, *P*, e *M*, como: *Pombal*, *Campo*, *Commum*, &c.; em todos os mais casos se escreve *n*, como: *Tanto*, *Tenro*, &c. (4)

Em quanto aos dithongos oraes, todos podem escrever com *i* estes cinco *ai*, *ei*, *oi*, *ôi*, *ui*; menos os plurаes dos nomes acabados no singular em *al*, *ol*, *ul*, como: *Animaes*, *Caracoes*, *Tafues*. Os outros cinco *au*, *éu*, *êu*, *iu*, *ou*, não ha inconveniente em os escrever assim; porem o costume quasi geral, faz uma excepção nas terceiras pessoas do singular dos preteritos perfeitos da 2.ª, e 3.ª conjugação, e tambem do verbo *Dar*, como: *Deo*, *Moveo*, *Unio*, &c. Quem quizer póde não fazer esta mesma excepção. Esta pratica, sendo constante, é approvada em todos os Systemas.

Em quanto aos dithongos nasaes *ãi*, *ão*, *õe*, *uim*, como: *Mãi*, *Mãis*, *Mão*, *Mãos*, *Põe*, *Põem*, *Ruim*, *Ruins*; esta é a sua melhor escriptura, por ser livre de inconvenientes, e approvada por todos, ainda que muitos não a sigão.

Regra 4.ª

Nunca se dóbrão as consoantes, *V*, *Z*, *J*, *X*, *Ch*, *Lh*, *Nh*, *Q*; as mais dobrão-se ás vezes entre vogaes.

Quando na pronunciação se não percebe *u* intermedio, sempre se escreve *C* (que), e *G*, (gue) antes de *a*, *o*, *u*, como: *Garrafa*, *Costume* (5); e quando se percebe *u* intermedio, e tambem antes de *e*, e *i*, sempre se escreve *Qu*, e *Gu*, como: *Guarda*, *Guerra*, *Qualidade*, *Questão*, &.

---

(4) A Orthographia actual não permitte que as vozes nazaes *ë*, *ï*, *ü*, se representem assim; pelo que no fim dos vocabulos, e antes de b, p, e m, escreveremos *em*, *im*, *um*, e nos outros casos *en*, *in*, *un*.

(5) Ainda que se não perceba o som de *u* intermedio, os Etymologistas escrevem com *Qu* algumas palavras, como: *Quaderno*, *Enquadernar*, *Quartola*, *Quatorze*, *Quociente*, *Quota parte*, *Quotidiano*, e poucos mais.

REGRA 5.ª

Quando for preciso dividir um vocabulo no fim da regra observe-se o seguinte. As palavras dividem-se pelo fim de cada syllaba, pois nunca se apartão as letras de que as syllabas se compõe. Pelo que havendo duas consoantes da mesma especie, como dois *mm*, dois *nn*, dois *ll*, &c., cada qual ficará de sua parte, como: *Ap-pel-li-do* &c. Havendo no vocabulo junctas as letras *cc*, *gm*, *gn*, *ct*, *nm*, *pt*, ambas pertencem á syllaba de diante, como: *A-cção*, *Au-gmento*, *Di-gno*, *Fa-cto*, *Som-no*, *A-ptidão*, &c.

As palavras compostas de outras, dividem-se pelas partes de que se compõe, como *An-helar*, &c. Pelo que é preciso que não haja engano, quando se dividem as palavras em que entrão estas preposições compositivas: *A*, *Ab*, *Abs*, *Con*, *De*, *Des*, *In*, *Ob*, *Pre*, *Re*, *Sub*, *Trans*, &c. como: *A*-spergir, *Ab*-lução, *Abs*-trahir, *Con*-struir, *De*-struir, *Des*-unir, *In*-habil, *In*-struir, *Ob*-struir, *Pre*-star, *Re*-star, *Sub*-stituir, *Trans*-acção, &c.

§ II.

Regras proprias da Orthographia Etymologica, e da Usual.

As palavras Portuguezas derivadas da Lingua Grega, Latina, Arabe, &c., conservão na escriptura as letras da sua origem, que ou forão admittidas entre nós, ou costumão ser substituidas por outras do nosso Alphabeto.

Estas Letras, mais particularmente destinadas para mostrar a origem de muitas palavras da Lingua Portugueza, são as seguintes: *K*, *Y*, *Th*, *Ph*, *Rh*, *Ch* (que), *Ps*, *H*, *X*, *C*, *Ç*, *G*, *S*.

O *K* está em desuso, porque antes de *a*, *o*, *u*, se

escreve *C*, e antes de *e*, e *i* se escreve *Qu*, v. g: *Calendario, Quirios.*

Do *Y* se uza nos vocabulos de origem Grega, porém está em costume empregal-o só nas palavras que não tem passado ao uso vulgar, como: *Hyperbole, Hypothese, &c.*; e porisso já o não escrevem em *Pigmeu, Martir, &c.* Não é coherente escrever *y* nas palavras que o não tem na sua origem, como escrever *Ley, Rey, Comboy, &c.*

O *Th* conserva-se nas palavras que o tem na sua origem Grega, como: *Thesouro, Throno, &c.*; com tudo não se repara em omittil-o nas palavras mais vulgares, como: *Asma, Cantaro, &c.*

O *Ph* se escreve nas palavras de origem Grega, como: *Philosophia;* porem a Orthographia Usual umas vezes usa delle, como em *Phantasma;* outras não, como em *Profeta, &c.*

O *Rh* em poucas palavras se escreve, como: *Rhetorica, Rheumatismo Catharro* que ja muitos escrevem sem *h.*

O *Ch* representa o som de *X* na escriptura da Lingua Portugueza, e porisso muitos, para evitar equivocos e erros de leitura, o não empregão com o som de *C.* Escrevem por tanto: *Arquitecto, Arquivo, Caridade*, com Ch, como fazem outros, para se conformarem com a origem desses e de outros muitos vocabulos. Esta segunda pratica é embaraçosa, porém mais etymologica. Advirta-se que ás vezes, a pezar das derivações, é necessario omittir o *Ch*, e usar do C, para evitar equivocos e distinguir alguns vocabulos, v. g. *Côro*, de musica, de *Chôro*, pranto.

O *Ps* tambem está em desuso, e já se escreve *Salmo, Salterio;* é porém mais exacto escrever *Psalmo, Psalterio;* e tambem é preciso escrevel-o nas palavras em que se pronuncia, como em *Lapso*, &c.

Fóra das interjeições o *H* não tem valor algum entre nós, porém escreve-se nas palavras que tem

H na Lingua Latina, como: Habito, Inhabil, &c. Não se escreve nas palavras que o não tem na sua origem Latina, como: *Um*, *E'*, *Cair*, *Sair*, *Até*, &c., e tambem se não deve escrever nas palavras puramente Portuguezas. Usa-se do *H* nas interjeições, porque estas vozes são aspiradas, como: *Ah! Oh!* &c. (vid. not. 3 pag. 130.)

Sobre quando se ha de escrever *X*, ou *Ch*, nenhuma regra segura se póde dar, a não ser a de consultar a origem das palavras, ou o Diccionario. Isto não obstante, podem ser uteis as regras seguintes. Escreve-se *X*, no principio de algumas palavras, quasi todas de origem Arabe, como: *Xadrez*, *Xergão*, *Xarel*, &c. Em quanto ao meio das palavras, depois de vogal nasal e tambem depois de dithongo, ordinariamente se escreve *X*, como: *Enxada*, *Enxofre*, *Ameixa*, *Baixo*, *Deixar*, &c. Ha porém outras palavras que se escrevem com *X*, alem das comprehendidas nesta regra.

Isto é quanto a *X* e *Ch*, quando ha este som; porem ainda não o havendo, se escreve *X* nas palavras que tem esta letra na sua origem, como: Exemplo, *Texto*, *Mixtura* (que já muitos escrevem *Mistura*), &c. Quanto aos sons que tem o *X*, veja-se a pag. 12.

Quanto ao *C* antes de *e*, e *i*, deve ter logar só nos vocabulos que se escrevem assim na sua origem, como: *Cem*, *Cera*, *Ceder*, &c.

No principio das palavras póde-se escrever sempre *S* antes de *a*, *o*, *u*, como: *Safira*, *Sapato*, &c.; pois os que escrevem estas e outras palavras com *ç* no principio, não tem razão para o fazer.

Quanto ao meio e fim dos vocabulos, escreveremos com *ç* todos os nomes substantivos acabados em *aça*, *êça*, *iça*, *oça*, *uça*, e em *aço*, *êço*, *iço*, *uço*, como: *Ameaça*, *Cabeça*, *Rebuço*, &c.; e tambem os acabados em *ão*, *ia*, *io*, derivados dos nomes Latinos que tem a penultima *ti*, como: *Lição*, *Pru-*

dencia, *Obreptício*, &c.- Por este motivo acabão em *ção* os nomes que no Latim tem a penultima *cti*, como: *Coacção*, *Inspecção*, &c., e os verbos derivados destes, como: *Accionar*, *Inspeccionar*, &c.; com tudo *Lição*, e *Interjeição* se escrevem assim; o primeiro, porque o uso assim o manda; e o segundo, porque muda o primeiro *e* em *i*. Advirta-se que antes de *e*, e *i*, o C não leva cedilha.

Antes de *i* não se escreve J. Antes de *e*, o escrevemos em *Jejum*, *Jerarquia*, e seus derivados: *Jeroglyphico*, *Jenolim*, *Jellata*, *Jeropiga*, *Jeronymo*, *Jerusalem*, *Jericó*, *JESUS*; quasi todos os mais principião por G.

Em quanto ao meio das palavras, todas as derivadas do Verbo Latino *Jacio*, se escrevem com J antes de *e*, como: *Objecto*, *Sujeito*, *Rejeitar*, &c. Em quanto ao fim, os verbos acabados em *jar*, conservão o J em todas as suas formas; e os verbos acabados em *ger*, e *gir* mudão o *G* em *J* antes de *a*, *o*, *u*. Em quanto ás palavras puramente Portuguezas, deve-se usar sempre do *J* antes de *e*.

Para se saber quando se hade escrever um só *S*, ou dois *SS*, ou *Ç* com cedilha, observe-se o seguinte. Entre vogal e consoante, escreveremos um só *S*, como: *Falso*; entre vogaes escreveremos um só *S*, quando tem o som de *Z*, como: *Rosa*, mas tendo o som de *Ç*, escreveremos dois *SS*, quando não for palavra que esteja comprehendida na regra a cima, nem das que tem c no Latim, como: *Faço*. No principio das palavras, e entre vogal e consoante, escreva-se *Z*, quando houver este som, como: *Zabumba*, *Anzol*. (6)

(6) O conteúdo nesta regra tem muitas excepções, pois é costume escrever com Z, 1.° as palavras que tem no Latim *c*, ou *t*, como: *Razão* de *Ratio*, *Vizinho* de *Vicinus*, *Dizer* de *Dicere*, *Jazer* de *Jacere*, *Fazer* de *Facere*, *Reduzir* de *Reducere*, &c. e tambem as variações dos verbos *Pôr*, e *Querer*: 2.° os nomes acabados no singular em *az*, *ez*, *iz*, *oz* ou *uz*, como: *Gaz*, *Convez*, *Mez*, *Matriz*, *Foz*, *Arroz*, *Cafuz*; isto se entende

Em quanto ao *R*, dobra-se entre vogaes, quando sòa forte, como: *Terra*; exceptuão-se as palavras compostas, como: *Pro*rogar, *De*rogar, &c.

Em quanto ás outras consoantes que se dobrão por causa da Etymologia Latina, nenhuma regra segura podemos dar; pois o saber isto depende de muito conhecimento da Lingua Latina, principalmente para as syllabas do meio. Em quanto ás do principio, póde ser util o seguinte.

As preposições compositivas *Ad*, *Con*, *In*, *Ob*, e *Sub*, mudão ordinariamente a ultima consoante naquella, por que principia a palavra que ellas compõe, como: *Affecto*, *Aggravo*, *Commodo*, *Immovel*, *Oppor*, *Suppor*, &c. Toda a palavra que principia por *Di*, *E*, *O*, e *Su*, seguindo-se-lhe immediatamente *f*, dobra esta letra, como: *Differença*, *Effeito*, *Offensa*, *Sufficiente*, &c.

Segue-se uma lista de algumas palavras, das que o uso escreve de differente modo, para as distinguir, por serem susceptiveis de mais de um sentido; bem que o contexto do discurso bastaria, para se fazer esta distincção na leitura, assim como é sufficiente para quem ouve fallar ou falla com outros.

Barata, de pouco preço.	Baratta, bicho.
Bota, de calçar.	Botta, de vinho.
Capa, do verbo capar.	Cappa, vestido.
Cometa, corpo luminoso.	Cometta, verbo.

só com os nomes, e destes mesmos se exceptuão os que tem *s* no Latim, como: *Tres* de *Tres*, *Paris* de *Parisii*, *Diniz* de *Dionisius*, &c.: 3.° ordinariamente os nomes acabados em *eza*, como: *Fraqueza*, *Belleza*, &c. e os verbos acabados em *ezar*, *izar*, e *zer*, como: *Afreguezar*, *Tyranizar*, *Prazer*, &c.: 4.° a maior parte das palavras que principião por *Az*, como: *Azinhaga*, *Azul*, *Azevedo*, &c.

Pelo contrario nem sempre entre consoantes se escreve Z, quando ha este som, como succede em todas as palavras compostas da preposição *Trans*, como em *Transacção*, &c.; e tambem se não põe dois *SS*, quando ha som de ç nas palavras compostas, como: *Outrosim*, *Presentir*, *Resurgir*, *Verosimil*, &c.

Moleira, de moinho.	Molleira, de cabeça.
Molinhar, moer.	Mollinhar, chover.
Pena, castigo.	Perna, das aves.
Saca, verbo.	Sacca, sacco grande.
Velar, de noite.	Vellar, a Freira.
Aço, ferro fino.	Asso a carne, verbo.
Ceda, verbo.	Seda, nome.
Cegar, os olhos.	Segar, o trigo.
Cella, de Frade.	Sella, de cavallo.
Celleiro, de trigo.	Selleiro, que faz sellas.
Cem, numero.	Sem, preposição.
Cerrar, com feicho.	Serrar, com serra.
Cervo, veado.	Servo, captivo.
Cinto, que cinge.	Sinto, tomo sentimento.
Concelho, ajuntamento do Povo.	Conselho, dos Sabios.
Apreçar, fazer preço.	Apressar, adiantar os passos.
Empoçar, metter no poço.	Empossar, tomar posse.
Incerto, duvidoso.	Inserto, inserido,
Maça, de ferro.	Massa, de farinha.
Paço, casa Real.	Passo, de cinco pés.

Estas bastão para exemplo. Em quanto ás que se distinguem pelos accentos, já dissemos o que se devia fazer.

Apezar de termos passado mui ligeiramente pela Orthographia Etymologica, e pela Usual, bem se deixa ver o quanto estes Systemas são cheios de empecilhos, e porisso difficeis e complicados. Não acontece o mesmo na Orthographia Philosophica. Neste Systema tudo é certeza, segurança, clareza, e facilidade. Delle passamos a tractar, e em quanto o fizermos, servir-nos-hemos da mesma Orthographia da Pronunciação.

§ III.

DA ORTOGRAFIA FILOZOFICA OU DA PRONUNSIASÃO.

REGRA UNICA.

Qualquer palavra que se pretenda escrever, pronuncie-se primeiro bem, e escreva-se como se pronuncia com os caracteres do Alfabeto Nacional, correspondentes aos sons, de que o vocabulo consta. Esta regra não tem eissesção alguma; é só preciso fazer aplicasão dela.

Quanto ás vozes confuzas *e, i, o, u*, siga-se o que fica dito na Regra 2.ª; porém os que assim mesmo ficarem indesizos, escolhão qualquer delas.

As vozes nazaes, e os ditongos escrevem-se, como fica dito na Regra 3.ª

A respeito das consoantes *G, C, Gu, Qu*, observe-se o que fica dito na Regra 4.ª, pondo-se dois pontos sobre o ü, quando ele se ouvir na pronunsiasão, como em *Güarda, Qüal*, &c.

Os dois *SS* entre vogaes, o *Ç* com cedilha antes de *a, o, u*, e sem ela antes de *e*, e *i*, nada disto é admitido na Ortografia da Pronunsiasão, por serem letras que muito embarasão a quem não sabe o Latim, e quer escrever serto. Em logar desas letras, uze-se constantemente do *S* com o som de *Ç*, tanto no prinsipio das palavras, como no meio, entre vogaes &c., como em *Serteza, Corasão*, &c.

As palavras que na Ortografia Etimologica prinsipião por *Se*, ou o tem no meio, como *Sciencia, Convalescer, &c.*, escrevem-se com *S* deste modo; *Siensia, Convaleser*, &c.; eisseto quando a Pronunsiasão ordenar o contrario, como em *Sussitar, Condessender*, &c.; porém asim mesmo nunca escreveremos *C*, porque um sistema, fundado na razão, não póde ser incoerente. Da mesma sorte os vocabulos terminados em *ção*, nós os terminaremos

em são, como: *Acção*, escreva-se *Asão;* mas aqueles vocabulos em que se ouve *cs*, escrevão-se como se pronunsião, como: *Ficsar*, e não *Fixar; Complecso*, e não *Complexo*.

Sempre que se ouvir o som de *Z* em qualquer palavra, escreve-se esta mesma letra, e nunca *S* com valor de *Z*, como: *Roza, Caza*. Da mesma sorte nunca se uzará de *Ex* valendo por *Eis* ou *Eix*, como: *Expor, Exemplo*. Tambem se não escreve *Z* quando não ha este som; pelo que as finaes agudas *az, ez, iz, oz, uz*, todas se devem escrever com *S*, deste modo: *as, es, is, os, us*, pondo-se-lhes por sima da vogal o asento conveniente, como: *Rapás, Pês, Pés, &c.*

Da mesma sorte o *G* valendo por *J* antes de *e*, e *i*, fica rejeitado; pelo que, sempre que se ouvir o som J (Je) escreva-se esta mesma letra, como: *Jente, Jiro, Majestade*, &c.

Em quanto ás letras *X*, e *Ch*, como (apezar do que alguns Grammaticos dizem) elas tem o mesmo som, é precizo escolher uma, uzar dela sempre, e rejeitar a outra; porque o Alfabeto Filosofico não deve ter letras superfluas.

O *H*, bem se vê que não póde ter logar senão nas consoantes, *Ch, Lh, Nh*, e nas interjeições; bem que nestas ele não é de absoluta nesesidade.

Em quanto aos vocabulos estranjeiros, escrevem-se como se pronunsião entre nós; pelo que escreveremos *Lóné, Blutó*, e não, *Lauré, Bluteau*, &c.

Todos os vocabulos devem acabar ou em vogal, ou em alguma das consoantes *L, M, R, S*. Temos só duas acabadas em *N*, que são *Canon, Iman;* porque *Regimen*, &c., se deve escrever *Rejime*, assim como se escreve *Lume*, &c.

Como as Letras fôrão inventadas para representar os sons, e não as Etimologias; bem se vê que a Ortografia da Pronunsiasão, guiando-se pela natureza das couzas, não admite letras dobradas, osio-

sas, e sem valor. Só é presizo dobrar o R, quando entre vogaes tem som forte, como em *Carro*.

Quanto á divizão das palavras no fim da regra, observe-se o determinado na Regra 5.ª na parte que póde ser aplicada á Ortografia da Pronunsiasão, cujo Tratado aqui damos por concluido; e porisso tornamos a uzar da Ortografia do costume.

§ IV.

Da Pontuação.

Pontuação é a arte de distinguir na escriptura as differentes partes do discurso, por meio de certos signaes, adoptados para isso, a fim de por elles se regular a cadencia da voz.

Estes signaes são os seguintes: a Virgula (,); o Ponto e Virgula (;); Dois Pontos (:); Ponto, ou simples (.), ou de Interrogação (?), ou de Exclamação (!).

A Cadencia ou tom e inflexão da voz póde servir de uma regra segura, para cada qual acertar na pontuação, quando escreve; para o que observe-se o seguinte. Quando alguem escrever, supponha que está fallando, e ponha virgula naquelles logares, em que faria uma pequena pausa, levantando muito pouco a voz; e naquellés logares em que faria uma pausa maior, abaixando ao mesmo tempo a voz, escreva ponto e virgula, se o sentido não estiver acabado; e se o estiver, escreva ponto final. Se fizer alguma pergunta, escreva ponto de interrogação, como: *Que fuzes tu aí?* Se se admirar de alguma cousa, ou exclamar, escreva ponto de exclamação, como: *Oh tempos! Oh costumes!*

O expendido na Regra antecedente é bastante para se conseguirem todos os fins da Pontuação. No entanto aí vão outras Regras, que só differem da precedente, em serem mais complicadas e extensas.

Haja um pequeno espaço em branco entre cada palavra, como se vê nesta mesma Regra.

Devem ter virgula depois de si todos os sujeitos de um mesmo verbo, todos os verbos de um mesmo sujeito, todos os attributos, toda a oração que não rege a seguinte, nem é por ella modificada, e bem assim todos os adjectivos e substantivos continuados. Esta Regra é o exemplo de si mesma.

Toda a oração encravada, *isto é*, mettida no meio de outra *sem a modificar, nem ser modificada*, deve estar entre virgulas, e tambem os vocativos, e as orações circumstanciaes que não são pedidas pela significação de outra palavra. Nesta mesma Regra está o exemplo.

Quando a mesma palavra tem muitos complementos, ponha-se virgula no fim de cada um, como: *Pedro estudou* Grammatica, Philosophia, e Rhetorica.

Na construcção transposta, as palavras *que se mettem no meio das que devião estar unidas*, devem ter no fim uma virgula, excepto quando a interrupção é produzida por uma só palavra, ou por uma *muito breve* circumstancia. Esta mesma Regra serve de exemplo.

Antes das conjuncções *e, nem, ou, como, que*, e outras similhantes, só se põe virgula, quando as palavras e orações que ellas atão, excedem a medida de uma pausa ordinaria; quando porém as palavras e orações são curtas e simples, as mesmas conjuncções supprem as virgulas, que dividirião os differentes sentidos parciaes. Esta regra serve de exemplo.

Duas proposições totaes incomplexas devem ser apartadas só com virgula, como: *Se não tivessemos defeitos, não gostariamos tanto* de os notar nos outros.

Porém deve ser apartadas com ponto e virgula duas proposições totaes, dependentes uma da

outra, e compostas de varias orações parciaes; e assim cada proposição total ficará com as parciaes que lhe pertencem. Esta mesma Regra serve de exemplo.

Tambem se usa de ponto e virgula, quando se faz enumeração de muitas cousas oppostas ou differentes, que se vão contando ou comparando duas a duas, como: *Não havia uma lei em Roma, outra em Atenas; uma hoje, outra amanhã. Se na vida seguirdes a opinião, nunca sereis rico; se a conformáreis com á natureza nunca sereis pobre. Destruio casas, e templos; o sagrado, e o profano; o seu, e o alheio.*

Em fim, usa-se de ponto e virgula, sempre que o pensamento total de um periodo se acha dividido em muitos sentidos parciaes, por meio de orações totaes com suas dependencias; mas isto é no caso da primeira e segunda divisão não estarem subordinadas a uma terceira; porque se o estiverem, esta terceira divisão será notada com dois pontos, como ensina a Regra seguinte, que é um resumo de todos os preceitos da Pontuação.

Assim como quando em um periodo ha uma unica divisão de orações simples, esta se nota com virgula; mas quando se passa a uma segunda divisão de membros compostos de varias orações, esta já se deve marcar com ponto e virgula: assim tambem quando succede haver uma terceira divisão das duas partes principaes do periodo, chamadas antecedente e consequente, que comprehendem em si varios membros; esta não pode ser marcada senão com dois pontos, para se vêr que ella é a divisão mestra e principal do sentido total, á qual todas as mais ficão subordinadas. Esta Regra é o exemplo de si mesma.

Uma serie de maximas ou de verdades, relativas ao mesmo objecto, costumão ser apartadas com dois pontos, como: *Usando-se geralmente da Orthographia da pronunciação, todos saberão ler: mui-*

tos escreverão certo: e o resto escreverá com menos erros do que até agora.

Tambem é costume pôr dois pontos no fim da oração, que annuncia que se vão referir palavras de outrem, como: *S. Paulo diz: A fé sem obras é morta.*

Todo o sentido perfeito e grammaticalmente independente de outro, ou conste de uma só oração ou de muitas, deve ser notado com ponto final. Esta mesma Regra serve de exemplo.

A oração em que se pergunta alguma cousa, deve ter no fim um ponto de interrogação, como: *Que fazes tu aí?*

A oração que exprime exclamação, deve ser notada com ponto de exclamação ou admiração, que é o mesmo, como: *Ah feliz de ti!* Quando a frase interrogativa, ou exclamativa é um pouco extensa, costumão alguns pôr no principio della ou no fim o ponto, para logo desde o principio se ler com o tom proprio, como: *¿ Não foi Scipião aborrecido do seo mesmo povo Romano?*

§ V.

De mais alguns signaes da Escriptura.

Ao que fica dito sobre os outros signaes da escriptura a pag. 16 a 19 accrescentamos que a *Parenthese*, isto é, Interposição é indicada por dois semicirculos oppostos, dentro dos quaes estão algumas palavras que interrompem o sentido da oração, dentro da qual está a *Parenthese*, como: *Todas as Cidades* (não fallando em Numancia) *se renderão a Scipião.* Quando a *Parenthese* é pequena, basta pôr entre virgulas as palavras que interrompem o sentido.

Quando pela figura *Methatese* se transforma em *l* o *s* ou *r* final de uma palavra, e se lhe ajunta o

artigo, o signal de União (-) deve estar entre o *l* e o artigo, porque o *l* está substituindo o *r* ou *s* final.

Em quanto ao *Apostropho* ou Viracento (`), este signal pouco ou nenhum logar deve ter na prosa. Escreveremos *neste, mo, daí, dantes, &c.*, e não *n'este, m'o, d'aí, d'antes, &c.* Em quanto ao mais, na leitura faremos as Synalephas, sem ser preciso o signal della, porque desfigura a belleza da escriptura.

Quando alguem escrever alguma obra para ser impressa, notará com uma risca por baixo aquellas palavras que devem ser imprimidas em gripho, como são os discursos, os exemplos, e aquellas palavras, sobre as quaes pretender fixar mais a attenção dos Leitores, como, por exemplo: *Ninguem se persuada de que póde ser bastantemente profundo em materia alguma, estudando só por Compendios.*

FIM.

INDICE.

Definição e divisão da Grammatica 9
Da Orthoepia . . . . . ib
§ I Dos sons e das Letras que os representão . . . . ib
§ II Dos Dithongos e das Syllabas 13
§ III Dos Signaes da escriptura que regulão a boa leitura dos vocabulos 16
§ IV Dos Signaes que regulão a boa leitura de um discurso 19
§ V Da Prosodia 20
§ VI Das Figuras da Dicção 22
Da Etymologia 26
§ I Das partes elementares da oração, e do discurso . ib
§ II Do Genero dos nomes substantivos 30
§ III Da Variação dos Nomes 32
§ IV Divisão dos Nomes Adjectivos 34
§ V Dos Adjectivos Determinativos 36
§ VI Dos Demonstrativos Pessoaes 38
§ VII Dos Demonstrativos Puros 40
§ VIII Dos Demonstrativos Conjunctivos 42
§ IX Dos Determinativos de Quantidade 44
§ X Dos Adjectivos Explicativos e Restrictivos . . . 47
§ XI Dos Gráos de augmento na significação dos Adjectivos . . . . . ib
§ XII Das Terminações dos Adjectivos 49
§ XIII Do Verbo 51
Conjugação dos Verbos Ser, Estar, Haver e Ter . . . 64
§ XIV Do Verbo Adjectivo 73
§ XV Conjugação do Verbo Adjectivo na sua voz Activa. 79
Das tres conjugações regulares 80
§ XVI Conjugação do Verbo Adjectivo na sua Voz Passiva, e Media ou Reflexa 89
§ XVII Dos verbos Irregulares e Defectivos 90
Conjugação dos Verbos Irregulares 91
§ XVIII Da Preposição 94
§ XIX Do Adverbio 97
§ XX Da Conjuncção 100
§ XXI Das Interjeições 101
Da Syntaxe 102
§ I Dos Elementos essenciaes da Oração 103
§ II Da Concordancia Regular 107

§ III Da Concordancia Irregular por Syllepse. . . . 109
§ IV Da Regencia Regular. 112
Vocativo. 113
Complemento Objectivo. 114
Complemento Terminativo. 115
Complemento Restrictivo. . . . . ib
Complemento Circumstancial. . . . . ib
§ V Da Regencia Irregular por Ellypse. 116
Da Construcção 119
§ I Da Construcção Direita. 120
§ II Da Construcção Invertida. 122
§ III Da Construcção Transposta. 124
Orthographia 128
§ I Regras Communs a todas as Orthographias. . . 130
§ II Regras proprias da Orthographia Etymologica e Uzual. 134
§ III Da Orthographia Filosofica ou da Pronunciasão. 140
§ IV Da Pontuação 142
§ V De mais alguns Signaes da Escriptura. . . . 145